



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIAS DA SAÚDE E
BIOLÓGICAS**

ANDRÉ SANTOS LANDIM

**IMPORTÂNCIA DA FILOGENIA E ASPECTOS CULTURAIS NA
CONSERVAÇÃO DE ANIMAIS: uma revisão sistemática**

PETROLINA – PE

2023

ANDRÉ SANTOS LANDIM

**IMPORTÂNCIA DA FILOGENIA E ASPECTOS CULTURAIS NA
CONSERVAÇÃO DE ANIMAIS: uma revisão sistemática**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Ciências da Saúde e Biológicas da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Petrolina, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde e Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Silva Ferreira.
Co-orientador: Prof. Dr. Daniel Tenório da Silva.

PETROLINA – PE

2023

Landim, André Santos
L257i Importância da filogenia e aspectos culturais na conservação de animais:
 uma revisão sistemática / André Santos Landim. – Petrolina-PE, 2023.
 xvii, 131 f.: il.; 29 cm.

 Dissertação (Mestrado em Ciências Saúde e Biológica) - Universidade
Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina, Petrolina-PE, 2023.

 Orientador: Prof. Dr. Felipe Silva Ferreira.

 Inclui referências.

 1. Filogenia. 2. Biologia - Classificação. 3. Animais - Conservação. 4.
Etnobiologia. 5. Fauna. I. Título. II. Ferreira, Felipe Silva. III. Universidade
Federal do Vale do São Francisco.

CDD 575.0012

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UNIVASF.
Bibliotecária: Andressa Laís Machado de Matos CRB – 4/2240.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIAS DA SAÚDE E BIOLÓGICAS**

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANDRÉ SANTOS LANDIM

**IMPORTÂNCIA DA FILOGENIA E ASPECTOS CULTURAIS NA CONSERVAÇÃO
DE ANIMAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências com ênfase na linha de pesquisa: Saúde, Sociedade e Ambiente, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

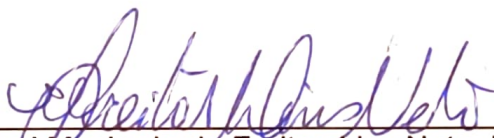
Aprovada em: 09 de março de 2023

Banca Examinadora



Felipe Silva Ferreira, Doutor

Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf



Ernani Machado de Freitas Lins Neto, Doutor

Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf



Carlos Alberto Batista dos Santos, Doutor

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

DEDICATÓRIA

A Deus por ter me dado forças em tantos momentos que pensei em desistir e a minha família por sempre acreditar em meu potencial.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha vida e da minha família, além de todas as vezes que me senti incapaz de seguir em frente e uma força interna me incentivava a continuar. Obrigado por tudo, meu Deus.

A meus pais, Lourdes e Pedro, que desde criança sempre me estimulavam a estudar para me tornar uma boa pessoa e um profissional exemplar, obrigado por toda educação que me deram, amo vocês.

A minha irmã, Leila Carla, que sempre viu em mim um potencial que nem eu conseguia ver, obrigado por tudo, querida irmã.

A minha esposa, Socorrinha, que esteve de meu lado em toda a trajetória pré e durante mestrado. Obrigado pela paciência e toda a força que me deu durante esses anos. Seu incentivo foi essencial e essa conquista também é por você! Obrigado meu amor.

A minha filha, Anna Sophia, você é a principal razão para que eu busque sempre ser um profissional e pessoa melhor. Quero ser exemplo para sua vida. Estarei sempre buscando alcançar voos mais altos por ti.

Ao Felipe e João Gabriel, por estarem sempre presentes e torcendo por minhas conquistas;

A meu orientador, professor Felipe Ferreira, que além dos puxões de orelha necessários, se mostrou como um amigo. Agradeço a oportunidade de me auxiliar a tornar-me mestre.

A meu co-orientador, professor Daniel Tenório, pelos ensinamentos e a “luz” que trouxe acerca da revisão sistemática.

As minhas “chefes”, dona Carmelita Castro e professora Quésia, por ter me dado condições de cursar o mestrado e sempre incentivar minha busca por qualificação.

A meus professores, Sâmia Régia e Isaac Farias, por terem aberto as portas do mundo científico para mim, ao me orientar em um trabalho no Encontro de Genética do Nordeste – ENGENE.

A meus professores por todos os ensinamentos, se hoje estou chegando aqui foi com a imensa contribuição de vocês.

A meus colaboradores (amigos), Afonso, Jonas e Wanderson, pelo incentivo em concluir esse mestrado.

A minhas amigas Marília, Ivana e Melissa e meu amigo Helber, que nunca me deixaram desanimar, mesmo quando eu estava a ponto de desistir.

A meus amigos da UESPI, Judson Jorge, Ramon, Luiz Gonzaga, Kleber, Rafinha, Geovani, Glauber, Marquinhos e Bartolomeu por todo incentivo durante as lamentações sobre as dificuldades do mestrado.

A minhas amigas de mestrado, Natália, Ingrid e Gervane, que mesmo a distância, formamos uma rede de apoio em todos os momentos. Agradeço a vocês pela ajuda e amizade.

A meu amigo, que nem conheço pessoalmente, Jeferson, por sempre dar bons conselhos e contribuir em meu trabalho mesmo a distância. Tu vais longe na vida!!

A Raniery e Lucrécia que estão comigo neste barco, vencendo desafios para chegar a esse objetivo, obrigado pelo incentivo e sucesso a nós.

A Polyana, que lá atrás me encaminhou o link do edital para cursar uma disciplina especial no programa, foi a partir daí que houve o interesse para realizar essa pós-graduação.

A minha família e demais amigos e colegas que torceram pelo meu sucesso, agradeço cada palavra de incentivo e orações, com certeza foram essenciais para chegar até aqui.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio a realização neste trabalho.

Agradeço a Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, por toda organização da instituição seja docente e administrativa.

Agradeço especialmente a equipe docente e administrativa do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e Biológicas, que exercem com maestria suas funções. Gratidão!

RESUMO

Os seres humanos utilizam animais para os mais variados usos desde o princípio da vida humana documentada na Terra. Dentre as utilidades, a cultura tende a ser um importante fator a ser observado, pois todo povo tem sua cultura e ela pode ser transmitida adiante ou não. Crenças, folclores, mitos e tabus são expressões culturais que estão constantemente ligadas aos animais e isso pode ser um fator de preocupação quanto a conservação de várias espécies. Diante disso, foi realizada uma revisão sistemática que teve como objetivo verificar como as crenças, folclores, mitos e tabus variam entre diferentes espécies animais e como essa relação influencia na conservação desses animais. O levantamento de dados foi realizado a partir de consulta nas bases: SciELO, Science Direct, Scopus e Web of Science no período de março a maio de 2021, a partir dos descritores “Folclore”; “Crenças”; “Mitologia” e “Tabu” associados aos táxons de animais como “Mamíferos”, “Repteis”, “Anfíbios”, “Peixes”, “Aves” e “Insetos” nos idiomas inglês, português e espanhol. Foram encontrados 46.117 títulos nas bases pesquisadas e após a exclusão de duplicatas, restaram 33.412 títulos para análise. Destes, após a análise pareada dos títulos entre dois revisores e de um terceiro revisor para resolução de conflitos, restaram 780 artigos a terem seus resumos avaliados. Com a análise dos resumos, 403 artigos foram incluídos para leitura completa. Após leitura e análise dos critérios de exclusão, apenas 69 artigos foram incluídos no estudo, sendo 34 exclusivamente sobre crenças, 5 de folclore, 3 de mito e 20 exclusivamente de tabus. Além disso, em 7 artigos os autores citaram crenças e tabus para as mesmas espécies. Dessa forma, este estudo foi dividido em 2 capítulos, onde no Capítulo 1 foi tratado sobre expressões culturais “crenças”, “folclore” e “mitos”. Os resultados trouxeram a predominância de crenças como uma expressão cultural importante no uso de animais por comunidades humanas. Além disso o estudo também apontou que as crenças resultaram em um alto índice de óbito de animais com 189 óbitos em um total de 284 espécies. Já no Capítulo 2, foi investigado o efeito dos tabus alimentares na conservação dos animais. Os resultados apontaram que 99 de 100 dos tabus alimentares encontrados tiveram efeito positivo na conservação dos animais, ou seja, tal expressão cultural tem sido importante na conservação de espécies de animais, além disso o táxon dos peixes foi o grupo mais preservado diante de tais tabus alimentares. Portanto, essa revisão sistemática trouxe um panorama geral de como se comporta alguns fatores culturais na conservação da fauna do planeta, pois fatores como crenças trouxeram um resultado negativo e preocupante para conservacionistas, enquanto os tabus tiveram um efeito bastante positivo, não devendo ser negligenciado durante a preparação de programas de proteção a fauna.

Palavras-chave: Fatores culturais. Fauna. Conservação.

ABSTRACT

Human beings have used animals for the most varied uses since the beginning of documented human life on Earth. Among the utilities, culture tends to be an important factor to be observed, as every people has its culture and it can be passed on or not. Beliefs, folklore, myths and taboos are cultural expressions that are constantly linked to animals and this can be a concern regarding the conservation of several species. Therefore, a systematic review was carried out with the objective of verifying how beliefs, folklore, myths and taboos vary between different animal species and how this relationship influences the conservation of these animals. The data collection was carried out from consultation in the bases: SciELO, Science Direct, Scopus and Web of Science in the period from March to May 2021, from the descriptors "Folklore"; "Beliefs"; "Mythology" and "Taboo" associated with animal taxa such as "Mammals", "Reptiles", "Amphibians", "Fish", "Birds" and "Insects" in English, Portuguese and Spanish. A total of 46,117 titles were found in the databases searched and after excluding duplicates, 33,412 titles remained for analysis. Of these, after the paired analysis of the titles between two reviewers and a third reviewer for conflict resolution, 780 articles remained to have their abstracts evaluated. With the analysis of abstracts, 403 articles were included for full reading. After reading and analyzing the exclusion criteria, only 69 articles were included in the study, 34 exclusively on beliefs, 5 on folklore, 3 on myth and 20 exclusively on taboos. In addition, in 7 articles the authors cited beliefs and taboos for the same species. Thus, this study was divided into 2 chapters, where Chapter 1 dealt with cultural expressions "beliefs", "folklore" and "myths". The results brought the predominance of beliefs as an important cultural expression in the use of animals by human communities. In addition, the study also pointed out that beliefs resulted in a high death rate of animals with 189 deaths in a total of 284 species. In Chapter 2, the effect of food taboos on animal conservation was investigated. The results showed that 99 out of 100 of the food taboos found had a positive effect on the conservation of animals, that is, such cultural expression has been important in the conservation of animal species, in addition, the taxon of fish was the most preserved group in the face of such taboos food. Therefore, this systematic review brought an overview of how some cultural factors behave in the conservation of the planet's fauna, since factors such as beliefs brought a negative and worrying result for conservationists, while taboos had a very positive effect, and should not be neglected during the preparation of fauna protection programs.

Keywords: Cultural factors. Fauna. Conservation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

CAPÍTULO 1 – RELAÇÃO DA FILOGENIA COM AS CRENÇAS, FOLCLORES E MITOS NA CONSERVAÇÃO DE ANIMAIS: uma revisão sistemática

Figura 1: Fluxograma de registro e identificação de estudos etnozoológicos relacionados à aspectos culturais.....44

Figura 2: Quantitativo de espécies de animais por táxon e sua classificação por fatores culturais.....66

Figura 3: Quantitativo de espécies de animais por táxon e sua relação com óbito por fatores culturais.....67

Figura 4: Quantitativo de espécies por categoria da IUCN.....67

Figura 5: Quantitativo de animais por fatores culturais distribuídos por continentes...68

Figura 6: Distribuição de fatores culturais por óbito de animais.....68

Figura 7: Táxons de animais por fator cultural na América do Sul.....69

Figura 8: Fator cultural e relação com óbitos de animais na América do Sul.....69

Figura 9: Táxons de animais por fator cultural na Ásia.....70

Figura 10: Fator cultural e relação com óbitos de animais na Ásia.....70

Figura 11: Táxon de animais por fator cultural na América Central.....71

Figura 12: Fator cultural e relação com óbitos de animais na América Central.....71

Figura 13: Táxons de animais por fator cultural na África.....72

Figura 14: Fator cultural e relação com óbitos de animais na África.....72

Figura 15: Táxons de animais por fator cultural na Europa.....73

Figura 16: Fator cultural e relação com óbitos de animais na Europa.....73

CAPÍTULO 2: TABUS ALIMENTARES E ANIMAIS SILVESTRES: uma revisão sistemática sobre como expressões culturais influenciam no forrageio humano

Figura 2: Fluxograma de registro e identificação de estudos etnozoológicos relacionados a tabus alimentares.....104

Figura 2: Frequência relativa do tipo de tabus.....	114
Figura 3: Distribuição das espécies tabu por continente.....	115

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO 1: RELAÇÃO DA FILOGENIA COM AS CRENÇAS, FOLCLORES E MITOS NA CONSERVAÇÃO DE ANIMAIS: uma revisão sistemática

Tabela 1: Detalhamento de títulos encontrados relacionados ao termo “Folclore”, “Crença” e “Mitologia” combinado com os táxons: Mamíferos, répteis, anfíbios, peixes, aves e insetos”42

Tabela 2: Número de títulos encontrados relacionados ao termo “Crenças”, “Folclore” e “Mitologia” nas bases de dados após a exclusão de duplicatas pelo Software Endnote^{x9} e aplicativo Rayyan.....43

Tabela 3: Informações gerais sobre os artigos incluídos na revisão sistemática.....46

Tabela 4: Lista de espécies animais encontrados nos estudos sobre “crenças”, “folclores” e “mito” e sua respectiva classificação com base na IUCN.....57

CAPÍTULO 2: RELAÇÕES ENTRE TABUS, FILOGENIA E CONSERVAÇÃO DE ANIMAIS: uma revisão sistemática

Tabela 1: Critérios utilizados para análise de viés.....101

Tabela 2: Informações gerais sobre artigos envolvendo "tabus alimentares" incluídos na revisão sistemática.....105

Tabela 3: Animais identificados e tabus alimentares associados.....111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MeSH: Medical Subject Headings;

DeCS: Descritores em Ciências da Saúde;

PRISMA: *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*

IUCN: International Union for Conservation of Nature's

NE: Não avaliadas;

DD: Dados deficientes;

LC: Pouco preocupantes;

NT: Quase ameaçadas;

VU: Vulneráveis;

EN: Ameaçadas de extinção;

CR: Criticamente em perigo

EW: Extintas na natureza;

EX: Extintas.

T.E.(O): Tabu específico com óbito;

T.E.(S/O): Tabu específico sem óbito;

T.S.(O): Tabu segmentar com óbito;

T.S.(S/O): Tabu segmentar sem óbito;

T.H.(O): Tabu de habitat com óbito;

T.H.(S/O): Tabu de habitat sem óbito.

UNIVASF – UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

PPGCSB: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e Biológicas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO GERAL	16
2. OBJETIVOS	19
2.1 GERAL:.....	19
2.2 ESPECÍFICOS:.....	19
3. REFERENCIAL TEÓRICO	20
3.1 UM CAMPO EMERGENTE DA ETNOBIOLOGIA: A ETNOBIOLOGIA EVOLUTIVA.....	20
3.2 TEORIA DA CONSTRUÇÃO DE NICHOS CULTURAIS	21
3.3 EVOLUÇÃO CULTURAL	22
3.4 ASPECTOS CULTURAIS RELACIONADOS A FAUNA	23
3.5 CONCEITUAÇÃO DAS CRENÇAS	25
3.6 CONCEITUAÇÃO DE FOLCLORE	25
3.7 CONCEITUAÇÃO DE MITO	26
3.8 CONCEITUAÇÃO E ORIGENS DE TABUS ALIMENTARES	27
REFERÊNCIAS	29
CAPÍTULO 1:	35
RELAÇÃO DAS EXPRESSÕES CULTURAIS NA CONSERVAÇÃO DE ANIMAIS: uma revisão sistemática.	35
1 INTRODUÇÃO	37
2 MATERIAIS E MÉTODOS	39
2.1 PUBLICAÇÕES SELECIONADAS.....	39
2.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DOS ARTIGOS DA REVISÃO	39
2.3 EXTRAÇÃO DOS DADOS	40
2.4 ANÁLISE DOS DADOS	40
2.5 ANÁLISE DA QUALIDADE DA AMOSTRA DOS ESTUDOS.....	41
2.6 CLASSIFICAÇÃO DA LISTA VERMELHA DE ESPÉCIES AMEAÇADAS DA INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE'S – IUCN	41
3 RESULTADOS:	42
4. DISCUSSÃO	74
4.1 AS CRENÇAS E SUAS RELAÇÕES COM A FAUNA	74
4.2 OCORRÊNCIA DE CRENÇAS POR CONTINENTES	75
4.3 INFLUÊNCIA DA CRENÇA NA CONSERVAÇÃO DE ANIMAIS	77
4.4 AS CRENÇAS E INFLUÊNCIA POR GRUPOS TAXONÔMICOS	80
4.5 FOLCLORES NA CONSERVAÇÃO DE ANIMAIS	82

4.6 FOLCLORES E SUA INFLUÊNCIA POR GRUPOS TAXONÔMICOS	83
4.7 MITOS NA CONSERVAÇÃO DE ANIMAIS	84
4.8 MITOS E SUA INFLUÊNCIA NOS GRUPOS TAXONÔMICOS.....	85
5 CONCLUSÃO	86
REFERÊNCIAS.....	87
CAPÍTULO 2:.....	95
TABUS ALIMENTARES E CONSERVAÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE COMO AS EXPRESSÕES CULTURAIS INFLUENCIAM O FORRAGEAMENTO HUMANO	95
1 INTRODUÇÃO	97
2 MATERIAIS E MÉTODOS	99
2.1 ESTRATÉGIA DE PESQUISA E SELEÇÃO DE ESTUDOS.....	99
2.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DE ESTUDOS	99
2.3 ANÁLISE DE DADOS	100
3 RESULTADOS:	103
4 DISCUSSÃO:.....	116
5 CONCLUSÃO	122
REFERÊNCIAS.....	123
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127

1 INTRODUÇÃO GERAL

O ser humano e os animais possuem uma forte conexão com os elementos da natureza, tais conexões constituem vínculos e concebem uma dependência que está inserida em grande parte das culturas ao redor do mundo (SANTOS-FITA; COSTA-NETO, 2007).

As diversas culturas humanas espalhadas pelo mundo mantêm relações complexas com os animais baseadas na admiração, na caça, na alimentação, na ornamentação, na obtenção de substâncias orgânicas e em outros meios de uso, como mágico-religiosos e afins (ALVES, R. et al., 2010; ALVES; SOUTO, 2011). Os modos de uso animal podem incidir diretamente na composição biológica e conservação das espécies, pois alguns de seus usos estão relacionados à retirada contínua destes animais do ambiente natural sendo uma situação corriqueira em muitas comunidades rurais e urbanas (LICARIÃO; SOUTO et al., 2012; BEZERRA; ARAUJO; ALVES, 2012).

Comunidades humanas com práticas históricas de uso de recursos naturais adquirem informações do ecossistema local (fauna e flora), e as convertem em processos denominados de Conhecimentos Ecológicos, que podem ser tradicionais, locais ou adquiridos recentemente (SCHULTES, 1989; HIPWELL, 1998; ALVES; ROSA, 2005).

O conhecimento ecológico tradicional é importante do ponto de vista da conservação e um atributo de sociedades com continuidade na prática de uso de recursos, diante disso, a desconexão do conhecimento tradicional da ecologia gerencial pode resultar na adoção de técnicas de manejo inadequadas que venham interferir nas populações de animais e plantas (GADGIL; BERKES; FOLKE, 1993; ALVES; ROSA, 2005).

Os sistemas e práticas de conhecimento tradicionais sustentam a capacidade de antecipar, reconhecer e responder a mudanças (TURNER; CLIFTON, 2009), e diante da modernização (informatização, uso do solo, mudanças no clima) imposta as comunidades indígenas e tradicionais, elas necessitam, principalmente, da riqueza de conhecimentos e práticas ecológicas mantidas pelos indivíduos para se adaptar e sobreviver (KASSAM, 2010).

Nessa situação, o uso da fauna é atrelado ao conhecimento tradicional, onde além do importante papel faunístico no quesito econômico e utilitário, animais têm desempenhado um papel cultural em todas as partes do mundo (SHEPARD, 1996). A importância cultural dos animais, por exemplo, é refletida na arte, no simbolismo, literatura, na mitologia e na religião (KALOF; RESL, 2007; KOTHARI, 2007; ALVES, 2012).

Klingender, Antal e Hartham (2019), destaca que desde os princípios da humanidade, animais são utilizados pelo homem na arte e literatura para simbolizar suas crenças religiosas, sociais e políticas. Com isso, inúmeras espécies continuam sendo associadas a práticas religiosas; animais são considerados sagrados; deuses zoomórficos ou antropomórficos são adorados; animais são envolvidos em rituais religiosos; partes ou produtos de animais mortos são utilizados na ornamentação de altares e templos religiosos em várias partes do mundo (ALVES et al., 2012).

Ao longo de nossa história evolutiva, os seres humanos foram confrontados com uma ampla variedade de pressões ambientais. Nesse período, inúmeras ameaças naturais (por exemplo cobras, aranhas e predadores diversos) eram mais nocivas que qualquer outro tipo de ameaças não-naturais que surgiram mais tardiamente na história evolutiva humana. Uma maior exposição a ameaças naturais ao longo do tempo culminou no aparecimento de uma estrutura psicológica humana capaz de lembrar e resolver de maneira eficiente os desafios na natureza (SILVA et al., 2020).

Albuquerque e Alves (2018) trazem um conceito chave em Etnobiologia Evolutiva, ramo da etnobiologia que estuda a história evolutiva dos padrões de comportamento humano sobre a biota, considerando aspectos históricos que influenciam nesses padrões. No qual a partir dele foi aperfeiçoado o termo “mente naturalista humana” que é definido por (ALBUQUERQUE et al., 2020), como uma estrutura de cognição que evoluiu para lembrar, aprender e resolver desafios do mundo natural.

A mente naturalista humana é caracterizada por sua plasticidade, ou seja, sua capacidade de se ajustar a diferentes ameaças, lembrando melhor, por exemplo, aquelas mais frequentes na natureza. Outro componente importante da mente naturalista é a sua capacidade para lembrar prioritariamente de desafios ambientais que podem pôr em risco a sobrevivência humana (SILVA et al., 2019).

Com base no advento do uso de animais para fins culturais, a presente pesquisa apresenta como problemática: as expressões culturais influenciam em atitudes de perseguição ou proteção a fauna, variando entre os grupos taxonômicos ou continentes?

Nessa situação, este trabalho teve como hipóteses: as expressões culturais influenciam em diferentes formas de interação com a fauna (perseguição ou proteção) a depender do grupo taxonômico ou do continente.

Com base nesse contexto foi realizada uma revisão sistemática dividida em dois capítulos, onde o Capítulo 1 tratou sobre como as crenças, folclores e mitos na conservação de animais. Já o Capítulo 2 trouxe um panorama de como os tabus alimentares exercem influência na conservação da fauna entre inúmeras comunidades humanas espalhadas pelo planeta.

Portanto, este trabalho teve como objetivo verificar como as crenças, folclores, mitos e tabus variam entre diferentes espécies animais e como essa relação influencia na conservação desses animais.

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL:

Verificar como as crenças, folclores, mitos e tabus variam entre diferentes espécies animais e como essa relação influencia na conservação desses animais.

2.2 ESPECÍFICOS:

- Averiguar quais continentes possuem o maior uso de animais para finalidade cultural.
- Levantar quais grupos taxonômicos possuem mais incidência de expressões culturais como crenças, folclore, mitos e tabus.
- Verificar se tais expressões culturais atuam na conservação ou perda populacional de fauna;

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 UM CAMPO EMERGENTE DA ETNOBIOLOGIA: A ETNOBIOLOGIA EVOLUTIVA

A relação entre o homem e a natureza é bastante complexa e relaciona múltiplos fatores, onde várias áreas da ciência buscam compreender como se dá essa relação (ALBUQUERQUE; FERREIRA JÚNIOR, 2017). Dentre tais fatores, inclui-se aspectos biológicos, culturais e ambientais (MEDEIROS et al., 2015).

As inter-relações entre humanos e a biota também podem ser compreendidas ou explicadas a partir de uma perspectiva evolutiva (ALBUQUERQUE; FERREIRA JÚNIOR, 2017). Nessa perspectiva, Albuquerque e Medeiros (2013), conceituaram uma das áreas emergentes da Etnobiologia, chamada de Etnobiologia Evolutiva.

A Etnobiologia é conceituada por Albuquerque e Alves (2018), como o estudo das interações das pessoas e dos grupos humanos como o ambiente. Já a Etnobiologia Evolutiva é definida como uma área do conhecimento que integra ecologia e evolução que busca entender como os seres humanos de diferentes culturas lidam com seu ambiente onde deve ser considerada as pressões ecológicas, evolutivas e culturais que influenciam a espécie humana (ALBUQUERQUE; MEDEIROS, 2013).

Entretanto, o campo da etnobiologia evolutiva foi formalmente conceituado recentemente (ALBUQUERQUE; MEDEIROS, 2013). Albuquerque et al., (2015), apontam que inúmeras disciplinas que trabalham com aspectos evolutivos do comportamento humano podem apoiar desenvolvimentos teóricos e orientar avanços nesse campo; essas abordagens incluem ecologia evolutiva, psicologia ambiental, psicologia evolutiva, antropologia ecológica, ecologia comportamental humana, e evolução cultural.

No tocante à evolução biológica, a Etnobiologia Evolutiva habita não apenas em como ela tende a moldar o comportamento humano, mas também em como esses comportamentos a moldam (FERREIRA JÚNIOR; MEDEIROS; ALBUQUERQUE, 2019).

Ao longo da evolução, as interações humanas com o meio ambiente geraram tanto pressões seletivas em nossa espécie, como, por exemplo, os casos da amilase e anemia falciforme, que possuem o traço falcêmico onde a malária é endêmica, configura em uma proteção natural contra a doença (TORRES; DOMINGOS, 2005;

ALBUQUERQUE et al, 2015; BRADIE, 2017), além da pressão em outros seres vivos como o processo de domesticação de plantas (CASAS et al., 2015). Por meio da domesticação, são selecionados traços morfológicos e comportamentais que são do interesse humano (ZEDER, 2016), ou seja, esse processo veio a afetar a história evolutiva de várias outras espécies do planeta (SULLIVAN et al., 2017).

3.2 TEORIA DA CONSTRUÇÃO DE NICHOS CULTURAIS

O processo da domesticação de plantas, por exemplo, é um dos casos da construção de nichos culturais. Para compreender a teoria dos nichos culturais, se faz importante conhecer a definição da Teoria da Construção de Nichos. Laland; Matthews e Feldman (2016), definiram a que a construção de nicho compreende às modificações no ambiente biótico ou abiótico dos organismos, através de interações tróficas e intervenções diretas desses organismos sobre os componentes do ambiente, por meio de seu metabolismo, dos comportamentos e das atividades fisiológicas como das suas escolhas em relação ao habitat.

Essa teoria entende que os organismos alteram seu ambiente, que essas alterações são transmitidas adiante no tempo e espaço (herança ecológica), e que promoverão mudanças evolutivas através de alterações nas pressões seletivas sobre os nichos desses organismos e com aqueles com os quais eles compartilham o ambiente (LEWONTIN; BENDALL, 1983; ODLING-SMEE et al., 2003).

Odling-Smee e Laland, (2011), propõem que existe um mecanismo adicional de herança relacionado aos animais, a chamada herança cultural, que é o processo de armazenamento e transmissão de informações aprendidas por meio de comunicação, ensino, aprendizado e imitação.

No caso dos humanos a herança cultural é transmitida de forma contínua por vários seres humanos, para vários outros seres humanos, dentro e entre gerações, através de um ambiente externo, por inúmeras rotas, como aprender de pai para filho (transmissão vertical), de forma horizontal com irmãos, amigos ou colegas, copiando o comportamento com maior recompensa, ou em conformidade com o comportamento da maioria, como o conhecimento de membros mais antigos para membros mais novos de um grupo social (CAVALLI-SFORZA; FELDMAN, 1981; HEWLETT; CAVALLI-SFORZA, 1986; BOYD; RICHERSON, 1996; LALAND, 2004). Então, se a herança cultural de uma atividade humana modificadora do ambiente persistir por

gerações suficientes para gerar uma pressão de seleção estável, ela será capaz de codirigir a evolução genética humana (LALAND; ODLING-SMEE; FELDMAN, 2000).

Já a teoria de construção de nichos culturais é um dos conceitos-chave da Etnobiologia Evolutiva (ALBUQUERQUE et al., 2020). Esse tipo especial de construção de nicho refere-se às transformações de padrões e processos socioculturais, materiais ou ecológicos conduzidos por comportamento socialmente aprendido, relações de trocas e engenharia cooperativa (ELLIS, 2015).

Modelos matemáticos revelam que a construção de nicho relacionados a processos culturais humanos pode ser tão robusta quanto a construção de nicho que evoluiu a partir da evolução biológica, e estabelece que a construção de nicho cultural pode modificar a seleção de genes humanos e conduzir eventos evolutivos (LALAND et al, 2001; IHARA e FELDMAN, 2004; CREANZA; FELDMAN, 2014). Ademais, as modificações empreendidas ao ambiente natural pelo *Homo sapiens* têm o potencial de modificar sua própria evolução biológica e cultural, bem como a de outras espécies (ALBUQUERQUE et al., 2020).

3.3 EVOLUÇÃO CULTURAL

A relação entre a evolução genética e a cultura levanta duas questões causais. A primeira diz respeito à medida em que as culturas humanas contemporâneas são limitadas ou dirigidas pelo nosso patrimônio evolutivo biológico; a segunda preocupa-se se a própria evolução genética hominídea tem sido influenciada por atividades culturais (LALAND et al., 2000).

Nessa situação, a evolução cultural é mais um dos campos de estudo da Etnobiologia Evolutiva e tem a cultura como causa essencial das variações comportamentais não genéticas entre as pessoas e sugere que essas variações podem ser vistas de uma perspectiva semelhante à da evolução biológica (MESOUDI, 2011).

A evolução cultural assume que, além da informação genética (genes), os humanos são entes que podem armazenar, manipular e expressar outra forma de informação, ou seja, cultura (MESOUDI, 2011).

Nesse sentido, cultura pode ser entendida como informação adquirida por transmissão social, como ensino e imitação (e não por transmissão genética)

(CAVALLI-SFORZA; FELDMAN, 1981; BOYD; RICHERSON, 1985; RICHERSON; BOYD, 2005; MESOUDI, 2011; ACERBI; MESOUDI, 2015). Assim, na evolução cultural, a informação é empregada como um termo amplo que incorpora ideias, conhecimentos, crenças, valores, habilidades e atitudes (MESOUDI; WHITEN; LALAND, 2006).

3.4 ASPECTOS CULTURAIS RELACIONADOS A FAUNA

Oliveira (2002), em seu livro, traz a definição da cultura como a vida total de um povo, a herança social que o indivíduo adquire de seu grupo, ou que pode ser considerada a parte do ambiente que o próprio homem criou.

Valores, crenças e normas transmitidos culturalmente exercem uma forte influência nas atitudes e comportamentos individuais em relação aos animais (MYERS; RUSSELL, 2003). Os modos de uso animal podem influenciar diretamente na composição biológica e conservação das espécies, pois alguns de seus usos estão relacionados à retirada contínua destes animais do ambiente natural (LICARIÃO, 2011; SOUTO et al., 2011; BEZERRA; DE ARAUJO; ALVES, 2012).

A caça, por exemplo, é considerada uma das principais razões da diminuição das populações e da extinção de espécies animais (REDFORD, 1997). Porém, em algumas culturas primitivas, a caça envolve uma série de folclores, mitos, crenças e tabus alimentares, que de certa forma, auxiliam a sobrevivência de determinadas espécies (BELTRÃO; GUERRA, 2003; BRANCO, 2014), atuando como reguladoras do equilíbrio ecológico (POSEY, 1987).

Assim, além de seu valor de consumo, os animais servem em oferendas de sacrifício, suas partes do corpo são essenciais para amuletos mágicos e abluções nasais, e sua forma e função assumem um significado simbólico profundo – bom ou mau, poderoso ou manso, inteligente ou estúpido (MOAZAMI, 2005).

Tais práticas culturais tradicionais geralmente representam a base do uso sustentável dos recursos e da conservação ambiental (KIDEGHESHO, 2009; MAFFI; WOODLEY, 2010).

Entre as características culturais com maior relevância, as crenças e práticas religiosas há muito tempo influenciam a percepção humana e como se dará o uso dos recursos naturais (BERKES, 2001; TOMALIN, 2004). Robson e Berkes (2010), observaram que a diversidade cultural e as necessidades espirituais há muito estão

conectadas às maneiras como os humanos usam e interagem com a biodiversidade e, em muitas partes do mundo, a crença em uma natureza sagrada sustenta a relação das pessoas com a terra e os recursos.

Muitas culturas espalhadas pelo mundo têm mitologias, e muitas mostram estreita integração e conexões com animais totêmicos, ancestrais ou mitológicos (imaginários) ou deuses-animais que estão presentes ao longo da história humana (ALLABY, 2010).

Inúmeros animais são utilizados para fins mágico-religiosos (ALVES et al., 2012). As cobras, por exemplo, são arroteadas de folclores, mitos, tabus e crenças. Nos tempos antigos, muitas pessoas adoravam cobras para tentar apaziguá-las para evitar o mal que poderiam causar. No México, os astecas fizeram uso extensivo de serpentes, onde várias espécies eram consumidas, oferecidas aos deuses e usadas como remédios (SORIANO, 1987; FITA; NETO; SCHIAVETTI, 2010). Já para os maias, a cobra tinha um significado religioso como uma força animal sagrada, ligada a várias figuras divinas, representando a união de forças opostas na natureza (FITA; NETO; SCHIAVETTI, 2010).

Já os tabus ou restrições alimentares são invenções culturais e incontestáveis que apresentam regras não escritas regulando o comportamento humano perante certos recursos, apresentando-se sob duas formas: os tabus gerais, que são impostos a todo um grupo étnico fazendo com que nunca se alimentem de determinados alimentos, e os tabus específicos, que são entendidos como “temporários” e interferem em um período da vida do indivíduo, sendo restrições alimentares em certas idades, em enfermidades e em determinados momentos da vida feminina como: gravidez, amamentação e menstruação (REA, 1981; COLDING; FOLKE, 1997; PRADO et al., 2017).

Diante disso, para enfrentar o desafio de conservar a biodiversidade biológica se faz necessário uma abordagem multidimensional baseada no reconhecimento de que a diversidade natural e cultural nas sociedades tradicionais é muitas vezes coevoluída e mutuamente dependente (MAFFI; WOODLEY, 2010), a resiliência de um elemento dependendo da continuidade de outro. Além disso, exige uma apreciação prática do fato de que, diante da globalização e da mercantilização da natureza, tal situação pode fazer vir a deixar de existir muitas práticas tradicionais e conseqüentemente haver uma interferência direta em populações de animais (ALVES et al., 2012).

3.5 CONCEITUAÇÃO DAS CRENÇAS

As culturas humanas estão constituídas de mitos, lendas, crenças e por histórias repletas de símbolos que impactam a imaginação e deixam um rastro fascinante na memória (ARAÚJO et al., 2015). Lévi-Strauss (1984), concordando com White (1959), define a cultura como um conjunto de relações que mantém entre si os fenômenos simbólicos.

Nessa situação, o homem contempla a natureza através de um leque composto de crenças, conhecimentos e propósitos e atua segundo suas imagens culturais da natureza (ARAÚJO et al., 2015). Rappaport e Shapiro (1985), comenta a obrigação de se levar em conta o conhecimento e crenças do homem com referência ao mundo que o cerca, além de seus motivos culturalmente definidos para atuar do modo que atuam, caso se deseje compreender suas relações ambientais.

Hume (2004), define as crenças como o resultado da relação de diversos fenômenos cognitivos, com base nas experiências vivenciadas por um indivíduo, onde, para que surja uma crença é preciso que haja uma conexão necessária entre os fatos distintos, verificada e afirmada por meio da causalidade (JUNNIOR NETO; TEIXEIRA, 2022).

Com isso, o homem constrói sua história e a sociedade em parceria com seus iguais, e a saída para certas situações sociais só pode acontecer através de uma ação coletiva, e não individual. As crenças, assim como os saberes, as ideologias, os valores e os preconceitos são uma construção social e individual. O sujeito age e pensa, pensa e age através daquilo em que acredita (SILVA, 2003).

Neste caso, esse conhecimento referente as crenças são transmitidas de geração a geração, especialmente por meio da tradição oral, revelada nas atividades produtivas e nas representações simbólicas do ambiente (DIEGUES, 1996). Podendo também ser transmitido por meio da observação de atividades locais, da utilização de utensílios, adornos, vestimentas e de cultos (BAPTISTA, 2015).

3.6 CONCEITUAÇÃO DE FOLCLORE

O termo folclore tem origem inglesa e apareceu pela primeira vez na literatura, no dia 26 de agosto de 1846 em publicação na revista Athanaeum. Foi empregado em

primeiro lugar por William John Thoms, sob o pseudônimo de Ambrose Merton, em substituição à expressão mais velha de Antiquidades Populares (EDELWEISS, 2001). Willian John Thoms, aplicou, “[...] a palavra folklore, composta de dois vocábulos saxônicos antigos: “folk”, significando povo, e “lore”, que quer dizer conhecimento ou ciência” (GUAL, 1998).

Com isso, o folclore traz ideia de imaterialidade. Desse modo, Haviland et al. (2011), define folclore como um conjunto de mitos, crenças, histórias populares, lendas, tradições e costumes que são transmitidos de geração em geração e que integram a cultura popular. Desse modo, pensar o folclore implica em pensar no processo comunicativo de repasse dessas informações. Então, o folclore é apresentado no simbolismo, na identidade cultural e nas tradições de cada povo, das mais variadas formas e nas diversas faces das classes sociais, se perpetuando na história através das gerações e influenciando na nossa maneira de viver (BONIN et al., 2021).

Como o folclore é uma manifestação que tem a facilidade de ser transmitida por todos, deve ser utilizado como alternativa para programas de proteção ambiental, pois, envolve discursos ambientais, através da fauna, por exemplo (ARAÚJO et al., 2015).

3.7 CONCEITUAÇÃO DE MITO

A cultura das populações, em especial a de populações tradicionais, tem se relacionado muito com aspectos ecológicos, a partir de mitologias relacionadas a fauna (ARAÚJO et al., 2015). Neste sentido, os mitos tornam-se um mediador que tanto influencia a visão da natureza e sua consequente manipulação, quanto podem ser influenciados por essa visão e pela necessidade de manipulação (MERCANTE, 2011).

Rappaport e Shapiro (1985), afirma que o homem nasce com aptidão para adquirir cultura, crenças, convencionalismos, conhecimentos e técnicas dependentes da invenção e uso de símbolos. É por meio dos símbolos que o alcance da comunicação se libera do que é imediato e presente, e por meio deles se pode acumular e transmitir uma enorme quantidade de informação. O uso desses símbolos,

ou dos mitos, faz parte da cultura de uma civilização, e o conjunto dos mitos, de acordo com Gual (1998), forma a mitologia de um povo.

Dessa forma, a partir da necessidade que a humanidade teve de viver em comunidades, surgiu um importante meio de produção e perpetuação cultural, que é a linguagem, que é o principal símbolo de uma sociedade. A linguagem se torna um grande dispersor cultural, principalmente através da oralidade e escrita. A pronúncia, o ritmo, o estilo e a seleção das palavras estão a serviço da memorização e contribuem para atrair a atenção do interlocutor (BONIN et al., 2021). Segundo Bonvini (2006), “os textos orais [...] convidam a partilhar com o outro a procura do sentido”. Os contadores de histórias foram, durante muito tempo, responsáveis pela perpetuação de mitos, fábulas e muitas outras formas de expressão oral (BONIN et al., 2021).

A palavra “mito” provém do termo grego “mythos”, termo sem equivalente exato em outras línguas antigas e que fora traduzido para a língua latina como “fábula”. Mythos significava originalmente (por exemplo, nos textos homéricos) “palavra, discurso, relato, narração, fábula, conto”, com um sentido amplo que tinha seu uso concretizado dependente do contexto (ARAÚJO et al., 2015).

Para (BARTHES, 2000), o mito é uma fala, uma linguagem que necessita condições particulares, como a transferência de histórias de geração em geração, para se converter em mito, constitui um sistema de comunicação, uma mensagem.

3.8 CONCEITUAÇÃO E ORIGENS DE TABUS ALIMENTARES

A palavra tabu provém da polinésia e remete a ideia do proibido. Trata-se de uma noção em relação à proibição de mencionar, tocar ou aproximar-se de algum ser ou coisa considerada perigosa ou impura (NUSSHOLD; BAUDIN; CELIO, 2020).

Pesquisas apontam que os tabus alimentares, tenham surgido através de alimentos que viessem causar algum tipo de enfermidade, conhecido como “reimosos”. Possivelmente a “reima” tenha surgido da medicina medieval hipocrática-galênica, no qual definiam alimentos capazes de causar prejuízos à saúde humana, onde tais práticas cristãs foram trazidas para a América portuguesa e, durante o período colonial, foram disseminadas por meio da Igreja Católica (FLEMING MORAN, 1992; RODRIGUES, 2001; SILVA, 2007).

Essa relação da reima com a religião é descrita no estudo de (MAUÉS, 2006), onde relata que algumas passagens no livro do Levítico e do Deuteronômio relatados na Bíblia cristã, trazem animais considerados impuros por serem de determinado habitat, forma de vida (viver na lama) ou por se alimentar de restos mortais ou fezes, exemplificando o porco, camarão, peixes de pele, dentre outros, portanto o consumo da carne desses animais deveria ser evitado.

Além da religião judaico-cristã, outras religiões ou culturas apresentaram importância nos tabus alimentares. Caso de povos indígenas, caboclos e ribeirinhos da Amazônia e mata atlântica brasileira descritos em estudos de Begossi, Hanazaki e Ramos (2004) e Pezzuti et al. (2010) que trazem tabus alimentares da cultura desses povos e observa-se que ainda necessita de estudos de como a colonização europeia influenciou no surgimento de tais tabus. Além também de culturas adeptas ao islamismo, como é o caso de moradores de aldeias da província de Java Ocidental na Indonésia, que seguem a religião pré-islâmica no qual veneram espíritos ancestrais e mantêm tabus restritivos para animais, caso do pequeno primata venenoso lóris lento, da espécie *Nycticebus pygmaeus* (NIJMAN; NEKARIS, 2014).

REFERÊNCIAS

- ACERBI, A.; MESOUDI, A. If we are all cultural Darwinians what's the fuss about? Clarifying recent disagreements in the field of cultural evolution. **Biology & philosophy**, v. 30, n. 4, p. 481–503, 2015.
- ALBUQUERQUE, U. et al. **BREVE INTRODUÇÃO À ETNOBIOLOGIA EVOLUTIVA**. 2021.
- ALBUQUERQUE, U. P. et al. Niche construction theory and ethnobiology. Em: **Evolutionary Ethnobiology**. 2020.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ALVES, R. R. N. **Introdução à Etnobiologia (2ª Edição. Revisada e Ampliada)**. 2ª ed. Recife: Nuppea, 2018.
- ALBUQUERQUE, U. P.; DE MEDEIROS, P. M.; CASAS, A. Evolutionary Ethnobiology. **Evolutionary Ethnobiology**, p. 1–5, 23 set. 2015.
- ALBUQUERQUE, U. P.; FERREIRA JÚNIOR, W. S. What Do We Study in Evolutionary Ethnobiology? Defining the Theoretical Basis for a Research Program. **Evolutionary Biology**, v. 44, n. 2, p. 206–215, 2017.
- ALBUQUERQUE, U. P.; MEDEIROS, P. M. What is evolutionary ethnobiology? **Ethnobiology and Conservation**, v. 2, n. 0, 7 ago. 2013.
- ALLABY, M. **Animals: from mythology to zoology**. [s.l.] Infobase Publishing, 2010a.
- ALVES, L. C. P. DE S.; ZAPPES, C. A.; ANDRIOLO, A. Conflicts between river dolphins (Cetacea: Odontoceti) and fisheries in the Central Amazon: a path toward tragedy? **Zoologia (Curitiba)**, v. 29, n. 5, p. 420–429, 2012.
- ALVES, R. et al. Bird-keeping in the Caatinga, NE Brazil. **Human Ecology**, v. 38, p. 147–156, 2010.
- ALVES, R. R. N. et al. Animals for the Gods: Magical and Religious Faunal Use and Trade in Brazil. **Human Ecology**, v. 40, n. 5, p. 751–780, 1 out. 2012a.
- ALVES, R. R. N. et al. Keeping reptiles as pets in Brazil: Ethnozoological and conservation aspects. **Journal for Nature Conservation**, v. 49, p. 9–21, 2019.
- ALVES, R. R. N.; ROSA, I. L. Why study the use of animal products in traditional medicines? **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 1, n. 1, p. 5, 2005a.
- ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S. Ethnozoology in Brazil: current status and perspectives. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 7, n. 1, p. 22, 2011a.
- ARAÚJO, N. A. et al. Os mitos do lago formoso em Penalva, baixada maranhense: uma estratégia de conservação que desaparece. **Repocs**, v. 12, n. 24, p. 277–300, 2015.
- BARTHES, R. **Mitos, sonhos e mistérios**. Lisboa: Edições 70, 2000. v. 70

- BATISTA, L. P. DE P. et al. Enotaxonomia e tabus alimentares dos pescadores artesanais nos açudes Araras e Edson Queiroz, bacia do Rio Acaraú, Ceará, Brasil. **Entorno Geográfico**, n. 12, p. 34–49, 16 dez. 2016.
- BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; RAMOS, R. M. FOOD CHAIN AND THE REASONS FOR FISH FOOD TABOOS AMONG AMAZONIAN AND ATLANTIC FOREST FISHERS (BRAZIL). **Ecological Applications**, v. 14, n. 5, p. 1334–1343, 2004.
- BELTRÃO, J. F.; GUERRA, G. A. D. **De antes e outros bichos: expressão do conhecimento nativo**. Belém: Textos do NEAF - Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar, 2003. v. 1
- BERKES, F. Religious traditions and biodiversity. *Encyclopedia of Biodiversity*, Vol. 5. **San Diego, CA: Academic Press**, v. 109, p. 120, 2001.
- BEZERRA, D. M. M.; DE ARAUJO, H. F. P.; ALVES, R. R. N. Avifauna silvestre como recurso alimentar em áreas de semiárido no estado do Rio Grande do Norte, Brasil. **SITIENTIBUS série Ciências Biológicas**, v. 11, n. 2, p. 177, 27 mar. 2012.
- BONIN, J. C. et al. Folclore, Linguagem e Interação: Perspectivas para uma Visão Transcultural da Cultura. **Devir Educação**, v. 5, n. 2, p. 86–103, 2021.
- BONVINI, E. Textos orais e textura oral. **A Tradição Oral. Belo Horizonte: FALE/UFMG**, p. 7–11, 2006.
- BOYD, R.; RICHERSON, P. J. Culture and the evolutionary process. 1985.
- BOYD, R.; RICHERSON, P. J. **Why culture is common, but cultural evolution is rare**. *Proceedings-British Academy*. **Anais...Oxford University Press Inc.**, 1996.
- BRADIE, M. Evolution of Culture. **eLS**, p. 1–6, 15 set. 2017.
- BRANCO, S. M. **Ecossistêmica**. [s.l.] Editora Blucher, 2014.
- CASAS, A. et al. Evolutionary Ecology and Ethnobiology. **Evolutionary Ethnobiology**, p. 37–57, 23 set. 2015.
- CAVALLI-SFORZA, L. L.; FELDMAN, M. W. **Cultural transmission and evolution: A quantitative approach**. [s.l.] Princeton University Press, 1981.
- CERÍACO, L. M. P. Gecko's Folklore in Portuguese Oral Tradition. **Proceedings of the International Conference on Oral Tradition - Orality and cultural heritage**, v. II, n. November 2010, p. 211–217, 2010.
- COLDING, J.; FOLKE, C. The Relations Among Threatened Species, Their Protection, and Taboos. **Conservation Ecology**, v. 1, n. 1, 1997.
- CREANZA, N.; FELDMAN, M. W. Complexity in models of cultural niche construction with selection and homophily. v. 111, n. 3, p. 10830–10837, 2014.
- DIEGUES, A. C. S. **Mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- EDELWEISS, F. **Apontamentos de folclore**. Salvador: EDUFBA, 2001.

- ELLIS, E. C. Ecology in an anthropogenic biosphere. **Ecological Monographs**, v. 85, n. 3, p. 287–331, 2015.
- FERREIRA JÚNIOR, W. S.; MEDEIROS, P. M.; ALBUQUERQUE, U. P. Evolutionary Ethnobiology. Em: **eLS**. [s.l.] Wiley, 2019. p. 1–6.
- FITA, D. S.; NETO, E. C. M.; SCHIAVETTI, A. “Offensive” snakes: cultural beliefs and practices related to snakebites in a Brazilian rural settlement. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 6, n. 1, p. 13, 2010.
- FLEMING MORAN, M. The folk view of natural causation and disease in Brazil and its relation to traditional curing practices. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Serie antropologia**, v. 8, n. 1, p. 65–156, 1992.
- GADGIL, M.; BERKES, F.; FOLKE, C. Indigenous Knowledge for Biodiversity Conservation. **Ambio**, v. 22, n. 2/3, p. 151–156, 1993a.
- GOLDEN, C. D.; COMAROFF, J. The human health and conservation relevance of food taboos in northeastern Madagascar. **Ecology and Society**, v. 20, n. 2, 2015.
- GOMES, M. R. T.; SILVA, L. T.; SALAMONI, R. M. INVESTIGAÇÃO DOS TABUS E CRENÇAS ALIMENTARES EM GESTANTES E NUTRIZES DO HOSPITAL REGIONAL DE MATO GROSSO DO SUL - ROSA PEDROSSIAN. **Ensaio e Ciência: Ciências Agrárias, Biológicas e da Saúde**, v. 15, n. 6, p. 121–133, 2011.
- GUAL, C. G. **Los mitos y su impronta de siglos en las artes**. [s.l.] JSTOR, 1998.
- HEWLETT, B. S.; CAVALLI-SFORZA, L. L. Cultural transmission among Aka pygmies. **American Anthropologist**, v. 88, n. 4, p. 922–934, 1986.
- HIPWELL, B. **Integrating local/traditional ecological knowledge into fisheries management in Canada**. [s.l.] Department of Fisheries & Oceans, Marine Ecosystems Conservation Branch, 1998.
- HUME, D. Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral. **Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: UNESP**, p. 35, 2004.
- IHARA, Y.; W. FELDMAN, M. Cultural niche construction and the evolution of small family size. **Theoretical Population Biology**, v. 65, n. 1, p. 105–111, 2004.
- JUNNIOR NETO, F. A.; TEIXEIRA, L. C. G. A formação das crenças na teoria do conhecimento humana. **Sapere aude**, v. 13, n. 26, p. 542–554, 12 jul. 2022.
- KALOF, L.; POHL-RESL, B. **A Cultural History of Animals: In the Renaissance**. [s.l.] Berg, 2007. v. 3
- KASSAM, K.-A. S. Pluralism, resilience, and the ecology of survival: Case studies from the Pamir Mountains of Afghanistan. **Ecology and Society**, v. 15, n. 2, 2010.
- KIDEGHESHO, J. R. The potentials of traditional African cultural practices in mitigating overexploitation of wildlife species and habitat loss: experience of Tanzania. **International Journal of Biodiversity Science & Management**, v. 5, n. 2, p. 83–94, 21 jul. 2009.

KLINGENDER, F.; ANTAL, E.; HARTHAM, J. **Animals in art and thought: to the end of the Middle Ages**. [s.l.] Routledge, 2019.

LALAND, K. N. Social learning strategies. **Animal Learning & Behavior**, v. 32, n. 1, p. 4–14, 2004.

LALAND, K. N.; ODLING-SMEE, J.; FELDMAN, M. W. Niche construction, biological evolution, and cultural change. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 23, n. 1, p. S0140525X00002417, fev. 2000.

LALAND, K. N.; ODLING-SMEE, J.; FELDMAN, M. W. **Cultural niche construction and human evolution**. 2016.

LEEMING, D. **From Olympus to Camelot: the world of European mythology**. [s.l.] Oxford University Press, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. **Palavra dada**. [s.l.] Espasa-Calpe, 1984.

LEWONTIN, R. C.; BENDALL, D. S. **Evolution from molecules to men**. Cambridge University Press Cambridge:, , 1983.

LICARIÃO, M. R. Estudo etnoornitológico no município de Campina Grande PB: aspectos da comercialização e criação de aves de estimação. 2011.

LICARIÃO, M. R.; BEZERRA, D. M. M.; ALVES, R. R. N. Wild birds as pets in Campina Grande, Paraíba State, Brazil: An Ethnozoological Approach. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 85, n. 1, p. 201–213, mar. 2013.

MAFFI, LUISA.; WOODLEY, ELLEN. **Biocultural diversity conservation : a global sourcebook**. [s.l.] Earthscan, 2010.

MAUÉS, R. H. O simbolismo e o boto na Amazônia: religiosidade, religião, identidade. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, v. 9, n. 1, p. 11–28, 2006.

MERCANTE, M. S. **Os mitos e a relação cultura x meio ambiente**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

MESOUDI, A. **Cultural Evolution: How Darwinian Theory Can Explain Human Culture and Synthesize the Social Sciences**. [s.l.] University of Chicago Press, 2011.

MESOUDI, A.; WHITEN, A.; LALAND, K. N. Towards a unified science of cultural evolution. **Behavioral and brain sciences**, v. 29, n. 4, p. 329–347, 2006.

MOAZAMI, M. Evil animals in the Zoroastrian religion. **History of Religions**, v. 44, n. 4, p. 300–317, 2005a.

MUHAMMAD, S. I.; DOBREV, V. **First documented case of the killing of an egyptian**

MYERS, G.; RUSSELL, A. Human identity in relation to wild black bears: A natural-social ecology of subjective creatures. **Identity and the natural environment**, p. 67–90, 2003.

NEVES, L. DE O. Folgado e teatro: onde termina um e começa o outro? **Cadernos Letra e Ato**, v. 4, n. 4, p. 29–37, 2014.

NIJMAN, V.; NEKARIS, K. A. I. Traditions, taboos and trade in slow lorises in sundanese communities in southern Java, Indonesia. **Endangered Species Research**, v. 25, n. 1, p. 79–88, 3 set. 2014.

NUSSHOLD, P.; BAUDIN, C.; CELIO, S. N. Cuando el trabajo real es tabú: introducción. **Laboreal**, v. 16, n. 1, 8 jun. 2020.

ODLING-SMEE, F. J. et al. **Niche Construction: The Neglected Process in Evolution**. [s.l.] Princeton University Press, 2003.

ODLING-SMEE, J.; LALAND, K. N. Ecological Inheritance and Cultural Inheritance: What Are They and How Do They Differ? **Biological Theory**, v. 6, n. 3, 2011.

PEZZUTI, J. C. B. et al. Uses and taboos of turtles and tortoises along Rio Negro, Amazon Basin. **Journal of Ethnobiology**, v. 30, n. 1, p. 153–168, mar. 2010.

POSEY, D. A. **Temas e inquições em etnoentomologia: algumas sugestões quanto à geração de hipóteses**. [s.l.: s.n.].

PRADO, D. P. et al. PREFERÊNCIAS, TABUS ALIMENTARES E USO MEDICINAL DE PEIXES NA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL BARRA DO UNA, SÃO PAULO. **Ethnoscientia**, v. 2, n. 1, 5 ago. 2017a.

RAPPAPORT, R.; SHAPIRO, H. Naturaleza, cultura y antropología ecológica. **Hombre, cultura y sociedad**, p. 261–292, 1985.

REA, A. M. **RESOURCE UTILIZATION AND FOOD TABOOS OF SONORAN DESERT PEOPLES**. **Ethnobiol. I (I)**. [s.l.: s.n.].

REDFORD, K. H. Manejo e conservação de vida silvestre no Brasil. **A Floresta Vazia, Mamirauá, AM**, p. 1–22, 1997.

RICHERSON, P. J.; BOYD, R. Not by genes alone: How culture transformed human evolution. 2005.

ROBSON, J. P.; BERKES, F. Sacred nature and community conserved areas. Em: **Nature and Culture**. [s.l.] Routledge, 2010a. p. 215–234.

RODRIGUES, A. G. BUSCANDO RAÍZES. **Horizontes Antropológicos**, v. 7, n. 16, p. 131–144, 2001.

SANTOS-FITA, D.; COSTA-NETO, E. M. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozootologia. **Biotemas**, v. 20, n. 4, p. 99–110, 2007a.

SCHULTES, R. E. The reason for ethnobotanical conservation. **The conservation of medicinal plants**, p. 65–75, 1989.

SHEPARD, P. **The others : how animals made us human**. Washington, D.C.: Island Press, 1996.

SILVA, A. L. Comida de gente: preferências e tabus alimentares entre os ribeirinhos do Médio Rio Negro (Amazonas, Brasil). **Revista de Antropologia**, v. 50, 2007.

SILVA, R. DE C. O Cotidiano e o Não-Cotidiano. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 23, p. 6–13, 2003.

SORIANO, A. A. **Algunos aspectos etnoherpetológicos de un municipio Totonaco de la Sierra Norte de Puebla: Tepango de Rodríguez**. Cidade do México Universidad Nacional Autónoma de México, , 1987. Disponível em: <http://dgei.basica.sep.gob.mx/files/fondo-editorial/biblioteca-escolar/semilla-palabras/be_semillas_00133.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2022

SOUTO, W. et al. Medicinal animals used in ethnoveterinary practices of the 'Cariri Paraibano', NE Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 7, n. 1, p. 1–20, 2011.

SULLIVAN, A. P.; BIRD, D. W.; PERRY, G. H. Human behaviour as a long-term ecological driver of non-human evolution. **Nature Ecology & Evolution**, v. 1, n. 3, p. 1–11, 2017.

TOMALIN, E. Bio-divinity and biodiversity: Perspectives on religion and environmental conservation in India. **Numen**, v. 51, n. 3, p. 265–295, 2004.

TORRES, F. R.; BONINI-DOMINGOS, C. R. Hemoglobinas humanas: hipótese malária ou efeito materno? **Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia**, v. 27, n. 1, p. 53–60, 2005.

TURNER, N. J.; CLIFTON, H. "It's so different today": Climate change and indigenous lifeways in British Columbia, Canada. **Global Environmental Change**, v. 19, n. 2, p. 180–190, 2009.

WHITE, L. A. The concept of culture. **American anthropologist**, v. 61, n. 2, p. 227–251, 1959.

ZEDER, M. A. Domestication as a model system for niche construction theory. **Evolutionary Ecology**, v. 30, n. 2, p. 325–348, 2016.

CAPÍTULO 1:

RELAÇÃO DAS EXPRESSÕES CULTURAIS NA CONSERVAÇÃO DE ANIMAIS:

uma revisão sistemática.

RELATIONSHIP OF CULTURAL EXPRESSIONS IN ANIMAL CONSERVATION: a systematic review.

André Santos Landim¹
Daniel Tenório Oliveira²
Felipe Silva Ferreira³

RESUMO

Toda sociedade humana, possui costumes e práticas que irão tornar-se características daquela população. Nessa situação se estabelece a cultura de um povo. Dentro da cultura de uma sociedade, pode existir crenças, folclores e mitos relacionado à fauna que tendem a regular seu uso em fins zoterápico, mágico-religiosos, como amuletos, dentre outros. Diante disso, foi realizada uma revisão sistemática que teve como objetivo verificar como as narrativas populares influenciam em atitudes de perseguição ou proteção a fauna, variando entre os grupos taxonômicos e continentes. A busca por artigos foi realizada entre os meses de março e maio de 2021, e ocorreu nas bases “Science Direct”, “SciELO”, “Scopus” e “Web of Science”, através dos termos-chave “crenças”, “folclore” e “mitologia” combinados com os táxons “anfíbios”, “aves”, “insetos”, “mamíferos”, “peixes” e “répteis”. Em virtude do baixo número de estudos sobre insetos encontradas, o referido táxon foi excluído da base de dados. Após a busca, foram encontrados 42.158 títulos relacionados as expressões culturais (crença, folclore e mitos), onde, após as análises dos critérios de inclusão e exclusão realizados por revisores pareados, restaram 44 artigos que foram incluídos. Dentre os estudos incluídos foram encontradas 284 espécies de animais. As crenças tiveram predominância em relação aos demais fatores culturais com 253 crenças relacionadas a fauna, enquanto folclores apresentaram 15 casos e mitos 16. Também foi observado como essas expressões culturais impactavam na conservação da fauna e as crenças resultaram em óbito em 189 das espécies citadas. Entre os folclores 6 espécies vieram a óbito. Dentre os mitos, apenas 4 espécies foram a óbito. Observando os fatores culturais por táxon, as aves apresentaram maior número de indivíduos (n = 102), seguido pelos mamíferos (n = 88). O táxon com menor número de expressões culturais relacionados foi a classe dos anfíbios (n = 10). O táxon dos mamíferos apresentou o maior número de óbitos (n = 16) no somatório de todas as expressões culturais, seguido por peixes com 41 indivíduos, peixes com 39 e os répteis com 33 indivíduos. Portanto, observou-se que os mamíferos, estão sofrendo maior pressão negativa por expressões culturais. Então, tal situação não pode ser negligenciada no momento da formatação de programas de preservação ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Fauna. Preservação. Fatores culturais.

¹ Pós-graduando em Ciências da Saúde e Biológicas; Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF; andre.landim@discente.univasf.edu.br.

² Doutor em Ciências da Saúde; Professor Adjunto da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF; daniel.tenorio@univasf.edu.br.

³ Doutor em Zoologia; Professor Adjunto da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF; felipe.sferreira@univasf.edu.br.

ABSTRACT

Every human society has customs and practices that will become characteristic of that population. In this situation, the culture of a people is established. Within the culture of a society, there may be beliefs, folklore and myths related to fauna that tend to regulate its use in zootherapeutic, magical-religious purposes, as amulets, among others. Therefore, a systematic review was carried out with the objective of verifying how popular narratives influence attitudes of persecution or protection of fauna, varying between taxonomic groups and continents. The search for articles was carried out between March and May 2021, and occurred in the bases "Science Direct", "SciELO", "Scopus" and "Web of Science", through the key terms "beliefs", "folklore". " and "mythology" combined with the taxa "amphibians", "birds", "insects", "mammals", "fishes" and "reptiles". Due to the low number of studies on insects found, that taxon was excluded from the database. After the search, 42,158 titles related to cultural expressions (belief, folklore and myths) were found, where, after the analysis of the inclusion and exclusion criteria carried out by paired reviewers, 44 articles remained that were included. Among the included studies, 284 animal species were found. Beliefs predominated in relation to other cultural factors with 253 beliefs related to fauna, while folklore had 15 cases and myths 16. It was also observed how these cultural expressions impacted on fauna conservation and beliefs resulted in death in 189 of the cited species. Among the folklores, 6 species died. Among the myths, only 4 species died. Observing cultural factors by taxon, birds had the highest number of individuals ($n = 102$), followed by mammals ($n = 88$). The taxon with the lowest number of related cultural expressions was the class of amphibians ($n = 10$). The mammalian taxon had the highest number of deaths ($n = 16$) in the sum of all cultural expressions, followed by fish with 41 individuals, fish with 39 and reptiles with 33 individuals. Therefore, it was observed that mammals are suffering greater negative pressure from cultural expressions. So, this situation cannot be neglected when formatting environmental preservation programs.

Keywords: Fauna. Preservation. Cultural factors.

1 INTRODUÇÃO

A relação homem e demais animais constitui uma das principais conexões básicas que toda e qualquer sociedade, em qualquer tempo, mantém com a natureza, juntamente com a relação estabelecida entre minerais, recursos botânicos, interações humanas e sobrenaturais (MARQUES, 1995). O uso de recursos faunísticos pelo ser humano atravessa os séculos e se propaga através de uma relação predatória e/ou de simbiose (LIMA et al., 2017).

Nessa situação, muitas sociedades têm uma relação próxima com a vida selvagem. Cada cultura possui relações singulares com a vida selvagem, modeladas por suas percepções, crenças e cosmovisão (INGOLD, 1987; GADGIL; BERKES; FOLKE, 1993b; ST JOHN; EDWARDS-JONES; JONES, 2010; BERKES, 2012).

A relação de uma sociedade com a vida selvagem tem muitas dimensões diferentes, algumas são sutis, ou seja, não óbvias, impalpáveis e difíceis de detectar, por exemplo, espirituais (ALVES et al., 2012). Outras dimensões das relações das sociedades com a vida selvagem são mais óbvias, por exemplo, usando animais selvagens como fonte de alimento (NASI; TABER; VAN VLIET, 2011; OJASTI; DALLMEIER, 2000).

Nessa situação, é encontrado na literatura ao menos dez categorias de interação entre humanos e animais não-humanos, sendo: etnoveterinária, zooterapia, domesticação/estimação, uso cosmético, interação místico-religiosa, comércio, interação ornamental, alimentação, lazer e caça de controle (ALVES et al., 2012; BARBOSA; AGUIAR, 2015).

Tais usos acontecem dentre várias culturas pelo planeta, e tal situação pode ser ampliada ao adentrar no íntimo de uma comunidade tradicional, pois situações peculiares podem ser bem visualizadas, caso da interação místico-religiosa que é influenciada diretamente pela cultura, sendo uma mescla de elementos do catolicismo popular, culturas indígenas, africanas e europeias (ALVES; SOUTO; MOURÃO, 2010a).

Essa situação ressalta que a maneira como as pessoas percebem, identificam e se relacionam com os animais é influenciada tanto pelo lado emotivo quanto pelas atitudes culturais adquiridas e direcionadas para eles (NOLAN; ROBBINS, 2001).

A cultura consiste em objetos materiais, ferramentas, utensílios, ornamentos, amuletos etc. Atos, crenças e atitudes que funcionam em contextos caracterizados pela simbolização. Trata-se de um mecanismo elaborado, uma organização de modos e meios transcendem o corpo empregados por uma espécie animal em particular, o homem, na luta pela existência e sobrevivência (WHITE, 1949).

Observar como essas expressões culturais influenciam em atitudes de perseguição ou proteção a fauna foi uma das questões motivadoras para o desenvolvimento dessa pesquisa, além disso, também foi questionado se essa situação varia entre os grupos taxonômicos de animais vertebrados e como acontece essa relação dentre os continentes.

Nessa situação, foi proposto como hipótese para este trabalho, que, as expressões culturais influenciam em diferentes formas de interações com a fauna, seja perseguição ou proteção, a depender do grupo taxonômico ou por condição geográfica (continentes).

Diante disso, entre as expressões culturais, foram selecionadas para esta pesquisa “crença”, “folclore” e “mito” para verificar como essas expressões culturais influenciariam na interação com a fauna, a depender do grupo taxonômico ou por continentes.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 PUBLICAÇÕES SELECIONADAS

A busca por estudos para essa revisão sistemática foi realizada entre os meses de março a maio de 2021 baseando-se no guideline *Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions* e na ferramenta *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA)*. Os estudos potencialmente relevantes foram identificados por meio de uma pesquisa nas bases de dados Scopus, SciELO, Web of Science e Science Direct.

Foi utilizada como questão de investigação para essa pesquisa: as expressões culturais influenciam em atitudes de perseguição ou proteção a fauna, variando entre os grupos taxonômicos ou por continentes?

Como estratégia de busca foram utilizados termos padronizados (palavras texto) relacionados a “Folclore” e “mito” e o termo não padronizado “Crença”, combinadas com termos relacionados as classes/táxons de animais “Mamíferos”, “Repteis”, “Anfíbios”, “Aves”, “Peixes” e “Insetos” ligados pelo operador booleano “and”.

Os termos citados que são considerados termos padronizados foram selecionados a partir de consultas na enciclopédia de vocabulários controlados na “National Library of Medicines” por meio do “Medical Subject Headings” (MeSH) e na BVS por meio dos “Descritores em Ciências da Saúde” (DeCS). Já o termo não padronizado foi utilizado mediante consulta em artigos específicos da área. Todos os termos supracitados foram pesquisados em inglês, português e espanhol. Ademais, nenhum limite temporal foi utilizado na busca nas bases de dados.

2.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DOS ARTIGOS DA REVISÃO

Os critérios de inclusão foram: 1) publicação em inglês, espanhol ou português; 2) objeto de estudo que traga referência a animais que tenham algum fator cultural (crença, mito e folclore) acerca dele; 3) abordar se os fatores culturais relacionados a animais podem levar a óbito ou conservação da espécie.

Foram excluídas as publicações: 1) indisponíveis na íntegra; 2) resumos publicados em anais de congresso; 3) carta ao editor; 4) revisão de literatura; 5)

revisão integrativa; 6) scoping review; 7) revisão sistemática com ou sem metanálise; 8) overview de revisão sistemática com ou sem metanálise; 9) capítulo de livro; 10) dissertação; 11) tese; 12) estudo em que a presença ou ausência de fatores culturais (crenças, folclores e mitos) para espécies de animais não estavam claras; 13) artigos em que não cite o nome científico do animal; 14) animais que não estejam no escopo da pesquisa.

2.3 EXTRAÇÃO DOS DADOS

A partir desses critérios, de inclusão e exclusão, foi realizada uma análise descritiva dos artigos dividida em três etapas: avaliação de títulos, de resumos e por último, de textos completos. Essa análise foi realizada por dois pesquisadores distintos (revisão pareada), aqui denominados de “Revisor 1” e “Revisor 2”. Em casos que houve desacordo entre os revisores, um terceiro pesquisador analisou os arquivos e realizou o desempate.

Foi utilizado o software EndNote^{x9} para gerenciamento das referências obtidas das bases e exclusão de títulos em duplicação. Para realização da análise de títulos e resumos pelos pesquisadores foi utilizado o Rayyan (<http://rayyan.qcri.org>), um aplicativo gratuito para web e celular.

A extração dos dados dos artigos incluídos foi realizada através da utilização de uma planilha pré-formatada no Microsoft® Excel®. Os dados extraídos foram: autor; ano de publicação; país; delineamento do estudo; duração do estudo; classificação filogenética dos animais encontrados no nível de espécie; gênero; família; ordem e classe; se a espécie é endêmica daquele local; e se houve ou não óbito para o animal.

2.4 ANÁLISE DOS DADOS

Considerando que uma espécie pode ser citada em mais de um estudo, em mais de um continente ou para mais de uma expressão cultural, todas as análises consideraram o número total de espécies como a quantidade total de vezes que uma espécie foi citada. Por exemplo, se uma espécie foi citada em dois países (em estudos diferentes ou não) ela foi computada duas vezes. Assim, temos uma amostragem real do número de animais por artigo e expressão cultural/ou país. Para fins de evitar interpretações dúbias, adotaremos o termo “Número de Espécies” para indicar o

número real de espécies listadas (sem as repetições) e “Número de animais” para fazer referência ao número de espécies considerando as vezes que ela foi citada.

Para verificar o grau de concordância entre os revisores deste trabalho, foi realizado o Teste de Kappa. O Coeficiente Kappa pode ser definido como uma medida de associação usada para descrever e testar o grau de concordância (confiabilidade e precisão) na classificação (KOTZ et al., 2004).

A interpretação da magnitude dos estimadores de concordância (Kappa) é convencionada como: 0 (ausência), 0 - 0,19 (pobre/insignificante), 0,21 - 0,39 (razoável), 0,40 - 0,59 (moderada), 0,60 - 0,79 (substancial), e $\geq 0,80$ (quase perfeita) (LANDIS & KOCH, 1977). Os cálculos dos testes de Kappa foram realizados pelo software IBM SPSS Statistics 20.

2.5 ANÁLISE DA QUALIDADE DA AMOSTRA DOS ESTUDOS

Para verificar a qualidade dos estudos incluídos, os estudos foram classificados em três níveis de risco de viés (baixo, moderado e alto) com base na qualidade da amostra selecionada, sendo dividida em 7 critérios para a classificação: 1 quando a amostra é extraída de um número total de pessoas ou de um intervalo de idade; 2) quando a amostra é baseada nos chefes de família; 3) quando a amostra é baseada em domicílios; 4) quando a amostra é intencional; 5) quando as curvas de rarefação são usadas; 6) quando métodos participativos são usados; e 7) critérios de seleção difusos (MEDEIROS; LADINO; ALBUQUERQUE, 2014). Apesar de ser um modelo proposto prioritariamente para estudos quantitativos, o estudo destes autores foi utilizado como base para verificar a qualidade das pesquisas desta revisão.

Como poucos estudos foram classificados como baixo viés, também foram incluídos os artigos com alto risco de viés, pois o método de pesquisa da maioria dos artigos incluídos foi qualitativo, muitos por estudo etnográficos, pois para verificar tabus os pesquisadores utilizaram-se de métodos voltados ao aspecto subjetivo do comportamento dos moradores dos locais pesquisados.

2.6 CLASSIFICAÇÃO DA LISTA VERMELHA DE ESPÉCIES AMEAÇADAS DA INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE'S – IUCN

Nesta pesquisa também foi analisada a classificação da Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da International Union for Conservation of Nature's – IUCN, que

classifica as espécies ameaçadas em 9 grupos, definidos através de critérios que incluem a taxa de declínio da população, o tamanho e distribuição da população, a área de distribuição geográfica e grau de fragmentação, sendo classificadas em: Não avaliadas (NE), Dados deficientes (DD), Pouco preocupantes (LC), Quase ameaçadas (NT), Vulneráveis (VU), Ameaçadas de Extinção (EN), Criticamente em perigo (CR), Extintas na natureza (EW) e Extintas (EX) (IUCN, 2022).

3 RESULTADOS:

A busca dos artigos nas bases de dados “Science Direct”, “SciELO”, “Scopus” e “Web of Science” resultou em um total de 46.117 títulos de artigos relacionados aos termos-chave “Crença”, “Folclore”, “Mitologia” e “Tabu”, utilizados na pesquisa. Destes, o somatório entre títulos de “crenças”, “folclore” e “mitologia” foi de 42.158 com artigos em duplicata. O total encontrado em cada base e por palavra-chave, encontra-se descrito na tabela 1.

Tabela 1: Detalhamento de títulos encontrados relacionados ao termo “Folclore”, “Crença” e “Mitologia” combinado com os táxons: Mamíferos, répteis, anfíbios, peixes, aves e insetos”.

Palavras-chave	Science Direct	SciELO	Scopus	Web of Science	Total
Mamíferos Folclore	315	3	17	10	345
Réptil Folclore	99	0	13	21	133
Anfíbios Folclore	62	1	7	13	83
Peixes Folclore	756	1	47	44	848
Folclore Aves	768	3	64	81	916
Folclore Insetos	530	2	33	22	587
Mamíferos crenças	6034	7	223	1.593	7857
Réptil crenças	1278	2	58	213	1551
Anfíbios crenças	1064	1	37	32	1429
Peixes crenças	6035	3	564	3.504	10106
Aves crenças	6154	11	477	1.821	8463
Insetos crenças	6034	10	318	1.462	7824
Mitologia Mamíferos	99	0	14	3	116
Mitologia Répteis	96	0	7	4	107
Anfíbios mitologia	37	0	5	6	48
Peixes mitologia	544	3	20	24	591
Aves mitologia	730	3	68	57	858
Mitologia Insetos	267	1	19	9	296

TOTAL	30902	51	1991	9214	42158
--------------	--------------	-----------	-------------	-------------	--------------

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Foi realizada a exclusão de duplicatas a partir do software Endnote^{x9} e, posteriormente, após uma nova confrontação de duplicatas com o aplicativo Rayyan, restando 30.815 títulos a serem analisados por meio de revisão pareada, conforme apresentado na Tabela 02.

Tabela 2: Número de títulos encontrados relacionados ao termo “Crenças”, “Folclore” e “Mitologia” nas bases de dados após a exclusão de duplicatas pelo Software Endnote^{x9} e aplicativo Rayyan.

Descritores	Science Direct	SciELO	Scopus	Web of Science	Total
Crenças	19.840	14	1280	6895	
Folclore	1355	3	95	130	
Mitologia	955	3	79	160	
Total Geral	22.156	20	1454	7.185	30.815

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Foi realizado o Teste Kappa para verificar a concordância entre os revisores 1 e 2, sendo que na fase de análises de títulos apresentou ($k = 0,309$). Como o nível de concordância foi razoável entre os revisores (LANDIS e KOCH, 1977), um terceiro revisor, analisou os títulos conflituosos entre eles.

Após a resolução dos títulos conflituosos pelo terceiro revisor, restaram 780 artigos que tiveram seus resumos analisados seguindo as etapas conforme a anterior: dois revisores analisando os resumos individualmente e um terceiro revisor para realizar o desempate entre os resumos em conflito. Após a análise pareada de resumos foi realizado novamente o Teste Kappa para verificar a o nível de concordância entre os revisores, no qual teve resultado de ($k = 0,438$), considerada segundo Landis e Koch (1977), como moderada.

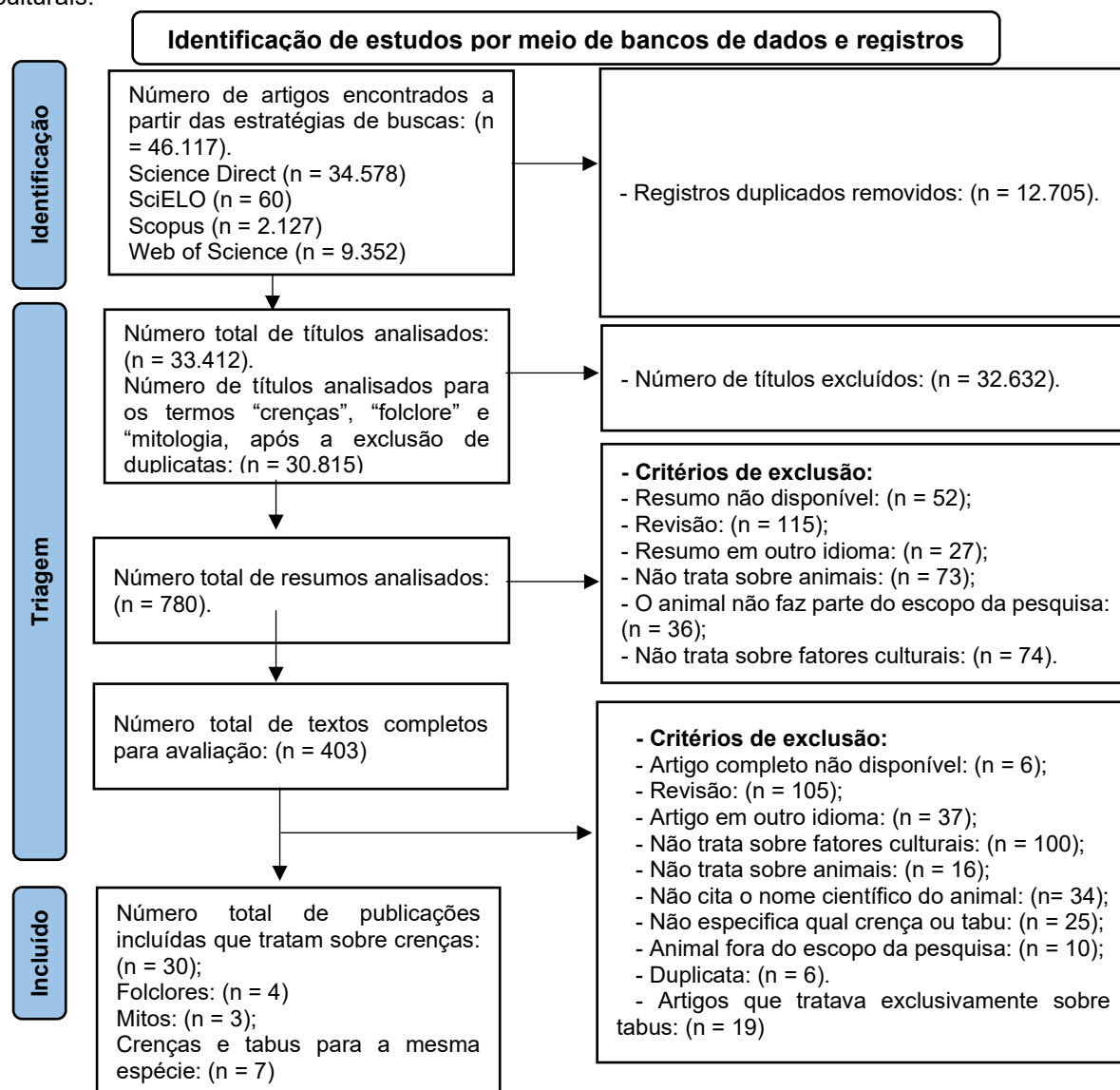
Após a conferência dos resumos por parte dos revisores 1 e 2, 224 artigos foram incluídos para leitura completa e 214 ficaram como conflituosos para desempate do terceiro revisor. Após a análise dos resumos dos artigos em conflito, mais 179 artigos foram incluídos para leitura completa, ficando um total de 403 artigos para análise criteriosa e continuidade da pesquisa, sendo que destes artigos, 49

publicações passaram pelos critérios de inclusão destes trabalhos pois tratava-se de artigos nos quais crenças, folclores e mitos incidiam na conservação ou não de animais (ver figura 1).

Um quantitativo de 34 artigos foi excluído desta pesquisa devido os autores relatarem expressões culturais sobre determinado animal, porém sem especificar o nome científico dele, inviabilizando a correta identificação do animal, sendo então excluído desta revisão.

Durante o processo final de triagem dos artigos, foi optado pela exclusão do táxon dos insetos para a tabulação dos dados, em virtude do baixo número de estudos e espécies encontradas.

Figura 3 - Fluxograma de registro e identificação de estudos etnozoológicos relacionados à aspectos culturais.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em (PAGE et al., 2022).

Ao analisar a qualidade dos 44 artigos selecionados de acordo com a amostra de cada estudo, foi encontrado 10 estudos com baixo risco de viés, 17 estudos de risco moderado e 17 estudos com alto risco de viés, conforme apresentado na tabela 3.

Tabela 3. Informações gerais sobre os artigos que tratam sobre “crenças”, “folclores” e “mitos” incluídos na revisão sistemática.

Autor	Título	Objeto da pesquisa	País	Continente	Tipo de fator cultural	Espécies encontradas	Risco de viés
1. Alcántara-Salinas et al. 2015	Avian Biodiversity in Two Zapotec Communities in Oaxaca: The Role of Community-Based Conservation in San Miguel Tiltepec and San Juan Mixtepec, Mexico	Documentar a rica avifauna de duas comunidades indígenas zapotecas, San Miguel Tiltepec da Sierra Norte e San Juan Mixtepec da Sierra Sur	México	América Central	Crença	10	Moderado
2. Alves et al. 2012	Conflicts between river dolphins (Cetacea: Odontoceti) and Peixeseries in the Central Amazon: A path toward tragedy?	O objetivo do presente trabalho foi descrever os conflitos existentes entre botos e pescadores na região do município de Manacapuru.	Brasil	América do Sul	Folclore	2	Alto
3. Alves et al. 2019	Keeping Répteis as pets in Brazil: Ethnozoological and conservation aspects	a investigar o uso de répteis como animais de estimação no Brasil por meio de uma abordagem etnozoológica.	Brasil	América do Sul	Crença	1	Alto
4. Alves et al. 2008	Animal-based remedies as complementary medicines in Santa Cruz do Capibaribe, Brazil	Levantar os animais medicinais vendidos em feiras livres em Santa Cruz do Capibaribe, estado de Pernambuco, no semiárido do nordeste do Brasil.	Brasil	América do Sul	Crença	2	Baixo
5. Alves et al. 2009	Commercialization of animal-derived remedies as complementary medicine in the semi-arid region of Northeastern Brazil	Documentar o uso de espécies animais na medicina tradicional e práticas de cura na região semiárida do Nordeste do Brasil.	Brasil	América do Sul	Crença	1	Baixo
6. Alves et al.	Animals for the Gods: Magical and Religious	Investigar as espécies colhidas domésticas e silvestres	Brasil	América do Sul	Crença	70	Baixo

	2012	Faunal Use and Trade in Brazil	utilizadas para fins espirituais e religiosos por adeptos da religião afro-brasileira Candomblé.						
7.	Baiyewu et al. 2018	Ethnozoological Survey of Traditional Uses of Temminck's Ground Pangolin (<i>Smutsia temminckii</i>) in South Africa	Determinar o impacto e a demanda pelo pangolim terrestre na África do Sul rural e examinar os usos dessa espécie para fins culturais e medicinais tradicionais em toda a área de distribuição do animal.	África do Sul	África	Crença	1	Alto	
8.	Barrios-Garrido et al. 2018	Marine Turtle Presence in the Traditional Pharmacopoeia, Cosmivision, and Crenças of Wayuú Indigenous People	Descrever o valor das tartarugas marinhas para a saúde (física e espiritual) da cultura Wayuu, e o uso das tartarugas marinhas na medicina tradicional, cultural e ancestral como remédios fornecidos pela natureza (formando uma farmacopeia).	Colômbia	América do Sul	Crença	4	Baixo	
9.	Benítez 2011	Animals used for medicinal and magico-religious purposes in western Granada Province, Andalusia (Spain)	Documentar e dar a conhecer os usos medicinais populares de animais e produtos de origem animal na parte ocidental da província de Granada (Andaluzia, Espanha), analisando não só as espécies utilizadas, os modos de administração e as doenças tratadas, mas também as implicações culturais deste saber tradicional e a grande	Espanha	Europa	Crença	11	Alto	

			percentagem de práticas mágico-religiosas ou rituais.					
10.	Bezerra et al. 2013	Aves and people in semiarid northeastern Brazil: symbolic and medicinal relationships	Examinar as interações aves/humanos (uso em zooterapêutica e suas ligações com crenças locais) na região semiárida do estado do Rio Grande do Norte, no nordeste do Brasil	Brasil	América do Sul	Crença	16	Moderado
11.	Boakye et al. 2014	Ethnomedicinal use of African pangolins by traditional medical practitioners in Sierra Leone	Investigar o uso de pangolins por médicos tradicionais em Serra Leoa e documentar o uso total ou parcial de pangolins no tratamento de doenças relacionadas ao homem. Investiga também as implicações do uso do pangolim por médicos tradicionais no estado de conservação e ameaça potencial à biodiversidade do pangolim africano.	Serra Leoa	África	Crença	3	Baixo
12.	Bobo; Aghomo; Ntumwel 2014	Wildlife use and the role of taboos in the conservation of wildlife around the Nkwende Hills Forest Reserve; South-west Cameroon	Estuda as relações e contribui para a tendência crescente de estudos etnozoológicos científicos em toda a África.	Camarões	África	Crença	15	Moderado
13.	Camino et al. 2018	Relations with wildlife of Wichi and Criollo people of the Dry Chaco, a conservation perspective	Auxiliar no desenvolvimento de ações para a conservação de espécies silvestres nesta região, com foco nas percepções e relações de	Argentina	América do Sul	Folclore	1	Moderado

			Wichís e Crioulos com a vida selvagem.						
14.	Ceríaco et al. 2011	Folclore and traditional ecological knowledge of geckos in Southern Portugal: implications for conservation and science	Documentar o folclore relacionado com os geckos e o TEK dos povos do sul de Portugal, com o objetivo particular de compreender as principais ideias relativas à biologia e ecologia dos geckos.	Portugal	Europa	Folclore	2	Alto	
15.	Chowdhury et al. 2014	Dietetic use of wild animals and traditional cultural creanças in the Mro community of Bangladesh: an insight into biodiversity conservation	Explorar a cultura local e seu impacto na biodiversidade local nas florestas montanhosas do sudeste de Bangladesh, com base em estudo sobre a tribo Mro, o grupo aborígine mais antigo do país.	Bangladesh	Ásia	Crença	2	Moderado	
16.	Silva 2007	Comida de gente: preferências e tabus alimentares entre os ribeirinhos do Médio Rio Negro (Amazonas, Brasil)	Analisar os aspectos relacionados às escolhas e aversões alimentares entre as populações ribeirinhas assentadas no Rio Negro (Amazonas, Brasil).	Brasil	América do Sul	Crença	1	Alto	
17.	Deb 2011	'Every mother is a mini-doctor': Ethnomedicinal uses of Peixes, shell Peixes and some other aquatic animals in Bangladesh	Examina os usos zoterapêuticos de peixes, mariscos e alguns outros animais aquáticos em duas vilas de pescadores em Bangladesh - uma de várzea e outra costeira.	Bangladesh	Ásia	Crença	26	Moderado	
18.	Deutsch et al. 2020	Human attitudes as threats in Anfíbios: the case of the Ornate Horned Frog (<i>Ceratophrys ornata</i>)	Analisar as características do conflito humano-animal decorrentes das atitudes que as comunidades têm sobre <i>C. ornata</i> , com foco em duas das	Argentina	América do Sul	Mito	1	Alto	

			ameaças propostas para a espécie: aversão e comércio de animais de estimação. Explorar se a aversão e o comércio de animais de estimação provavelmente representam ameaças críticas para a espécie. Recomendar ações de conservação para mitigar seus efeitos sobre as populações silvestres.					
19.	Dhakal et al. 2020	Rich yet undocumented ethnozoological practices of socio-culturally diverse indigenous communities of Sikkim Himalaya, India	Explorar as práticas etnozoológicas ricas e não documentadas de diferentes 16 comunidades indígenas do Sikkim Himalaya.	Índia	Ásia	Crença	14	Moderado
20.	Dossou et al. 2018	Ethnozoological uses of common hippopotamus (<i>Hippopotamus amphibius</i>) in Benin Republic (Western Africa)	Avaliar o conhecimento tradicional dos habitantes locais associado ao hipopótamo em diferentes categorias de uso (medicinal, cultural e espiritual).	Bénin	África	Crença	1	Alto
21.	Estrada-Portillo et al. 2018	Valor De Uso, Importancia Cultural Y Percepciones Sobre Mamíferos Silvestres Medianos Y Grandes En La Mixteca Poblana	Determinar a importância cultural, as percepções e o valor de uso dos Mamíferos silvestres reconhecidos e utilizados por algumas comunidades rurais da Mixteca Poblana.	México	América Central	Crença	4	Alto
22.	Farina et al. 2011	Etnobiología marina e aspectos Navios de pesca em seis comunidades costeiras da Península de Paria, Venezuela	Avaliar o conhecimento que uma amostra da população local tem sobre o uso do pescado.	Venezuela	América do Sul	Crença	3	Alto

23.	Ferronato; Cruzado 2013	Uses, Crenças, and Conservation of Turtles by Ashaninka Indigenous People, Central Peru	Documentar a ocorrência de espécies, tabus e usos de tartarugas por comunidades Ashaninka no Peru central; coletar informações sobre a percepção local da abundância de tartarugas; e explorar como seu conhecimento tradicional pode ajudar a proteger as tartarugas.	Perú	América do Sul	Crença	1	Alto
24.	Martinez 2017	Etno-ornitología Maya Tojolabal: Orígenes, cantos y presagios de las aves	Analisar várias concepções maias tojolabal sobre os mitos da criação de algumas aves, o conhecimento sobre seus cantos e sua ligação com sinais e presságios como forma de adivinhação e relação com o meio ambiente.	México	América Central	Mito	11	Alto
25.	Kane 2015	Bird Names and Folclore from the Emberá (Chocó) in Darién, Panamá	Coletar dados sobre avifauna de uma maneira que não interrompa a vida cotidiana dos aldeões.	Panamá	América Central	Folclore	12	Alto
26.	Król; Hernik 2020	Crows and Ravens as Indicators of Socioeconomic and Cultural Changes in Urban Areas	Determinar o lugar do corvo e do corvo na consciência das gerações jovens, denominadas Geração Y e Geração Z	Polônia	Europa	Crença	3	Baixo
27.	Léo Neto; Brooks; Alves 2009	From Eshu to Obatala: animals used in sacrificial rituals at Candomblé "terreiros" in Brazil	Documentar a utilização de espécies animais nessas práticas sacrificiais nas cidades de Caruaru (PE) e Campina Grande (PB) no Nordeste do Brasil, e aprofundar a compreensão do simbolismo desses rituais.	Brasil	América do Sul	Crença	24	Moderado

28.	Mulyanto et al. 2020	Folk name and lore of Aves from the Sundanese of West Java, Indonesia: An ethno-ornithological survey	Contabilizar nomes vernaculares ou populares, classificação popular e pássaros folclóricos com base no caso do povo da montanha de Keratasari, West Java, Indonésia.	Indonésia	Ásia	Crença	9	Moderado
29.	Cervera et al. 2021	Conocimiento y aprovechamiento tradicional de vertebrados silvestres en la comunidad maya de Zavala, municipio de Sotuta, Yucatán, México	Determinar os usos e crenças relacionados aos vertebrados selvagens na comunidade maia de Zavala, no município de Sotuta, Yucatán, México.	México	América Central	Crença	11	Moderado
30.	NYIRENDA et al. 2017	Peasant farmer–raptor conflicts around Chembe Bird Sanctuary, Zambia, Central Africa: poultry predation, ethno–biology, land use practices and conservation	Investigar a interação entre fazendeiros e aves de rapina em áreas adjacentes ao Santuário de Aves de Chembe.	Zâmbia	África	Mito	4	Baixo
31.	Santos et al. 2012	Observations on the therapeutic practices of riverine communities of the Unini River, AM, Brazil	Realizar um amplo levantamento etnofarmacológico da medicina local praticada por curandeiros tradicionais que vivem em relativo isolamento em sete comunidades da floresta amazônica, a fim de fornecer base para estudos farmacológicos posteriores das descobertas mais promissoras.	Brasil	América do Sul	Crença	7	Moderado
32.	Suwannarong	Bats and crença: A sequential qualitative study in Thailand	Fornecer verificações e correções para nosso estudo quantitativo anterior sobre a	Tailândia	Ásia	Crença	3	Alto

	et al. 2020		interface homem-morcego na Tailândia e obter informações sobre os possíveis fatores que podem ser influenciados pelo contato dos morcegos entre os moradores.					
33.	Vijayakumar et al. 2015	Ethnozoological study of animals used by traditional healers in Silent Valley of Kerala, India	Analisar e registrar o conhecimento tradicional sobre os animais utilizados pelos povos indígenas que vivem no Silent Valley, localizado no distrito de Palakkad, em Kerala, na Índia, e documentar os nomes tradicionais, preparação e usos desses animais.	Índia	Ásia	Crença	5	Moderado
34.	Williams et al. 2016	A picture of health? Animal use and the Faraday traditional medicine market, South Africa	Verificar o uso de animais e plantas como remédios tradicionais para problemas médicos e questões sociais ou culturais (simbolismo) na África do Sul.	África do Sul	África	Crença	4	Baixo
35.	Archer et al. 2020	Scaling up local ecological knowledge to prioritise areas for protection: Determining Philippine pangolin distribution, status and threats	Fornecer uma avaliação rápida do status e das ameaças ao pangolim filipino, para entender melhor os níveis de conhecimento, interações e uso local de pangolins e fornecer uma avaliação ampla em larga escala para a espécie.	Filipinas	Ásia	Crença	1	Moderado
36.	Chellappandian	Documentation and quantitative analysis of local ethnozoological knowledge	Investigar o uso de animais entre os curandeiros	Índia	Ásia	Crença	10	Moderado

	et al. 2014	among traditional healers of Theni district, Tamil Nadu, India	tradicionais no distrito de Theni em Tamil Nadu, Índia.					
37.	Coetzee et al. 2014	An exploration of cultural crenças and practices across the Southern Ground-Hornbill's range in Africa	Explorar crenças e práticas culturais relacionadas ao Southern Ground-Hornbill (SGH) (<i>Bucorvus leadbeateri</i>) em nove países da África Austral e Oriental.	África do Sul	África	Crença	1	Moderado
38.	DEB 2018	'Surrender to nature': Worldviews and rituals of the small-scale coastal Peixesers of Bangladesh	Examinar as visões de mundo e comportamentos rituais de pequenos pescadores costeiros em relação às suas percepções de sorte, riscos sobre os ecossistemas imediatos e lealdade em relação aos patronos que, em conjunto, revelam seus processos sociopsicológicos, raízes filosóficas e distinção cultural.	Bangladesh	Ásia	Crença	4	Moderado
39.	Janaki et al. 2020	The role of traditional belief systems in conserving biological diversity in the Eastern Himalaya Ecoregion of India	Avaliar se os aspectos informais adotados por essas comunidades podem desempenhar um papel na manutenção da diversidade biológica da região e se a consideração de crenças e tabus tradicionais no planejamento da conservação pode influenciar na conservação das espécies.	Índia	Ásia	Crença	12	Moderado

40.	Kret et al. 2018	First documented case of the killing of an Egyptian vulture (<i>Neophron percnopterus</i>) for creche-based practices in Western Africa	Comunicar a morte da espécie para uso baseado em crechas na África Ocidental; (b) entender os principais impulsionadores dessa prática ilegal; (c) apontar a magnitude potencial desta ameaça e suas sérias implicações na conservação da espécie.	Nigéria	África	Crecha	1	Alto
41.	Kushwah, Sisodia e Bhatnagar 2017	Magico-religious and social creche of tribals of district Udaipur, Rajasthan	Investigar as espécies domésticas e selvagens usadas para fins espirituais e religiosos entre os tribais de seis tehsils do distrito de Udaipur.	Índia	Ásia	Crecha	16	Alto
42.	Magige; Røskaft 2017	Medicinal and commercial uses of ostrich products in Tanzania	Determinar o uso de produtos de avestruz entre as pessoas que residem ao redor do Parque Nacional Serengeti e explorar o potencial de melhorar os meios de subsistência por meio da criação de animais selvagens.	Tanzânia	África	Crecha	1	Baixo
43.	Pagani; Santos; Rodrigues 2017	Culture-Bound Syndromes of a Brazilian Amazon Riverine population: Tentative correspondence between traditional and conventional medicine terms and possible ethnopharmacological implications	Relatar as manifestações clínicas e os recursos terapêuticos utilizados para o tratamento da Síndrome Vinculada a Cultura (SVC) entre alguns ribeirinhos da Amazônia brasileira.	Brasil	América do Sul	Crecha	2	Baixo
44.	Rios-Orjuela	Knowledge and interactions of the local community with	Avaliar o conhecimento e a percepção da comunidade da	Colômbia	América do Sul	Crecha	1	Alto

et al. 2020 the herpetofauna in the forest reserve of Quinini (Tibacuy - Cundinamarca, Colombia) reserva florestal de Quinini (RFPCQ) sobre a herpetofauna em três diferentes aspectos: (1) conhecimento acadêmico, (2) uso e crenças culturais e (3) interações homem-herpetofauna.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Neste estudo foram encontrados 299 animais, distribuídos em 284 espécies, nas quais são afetadas por expressões culturais. A espécie com o maior número de citações foi a ave conhecida popularmente como “coruja da igreja” ou “rasga mortalha” (*Tyto alba*), citada em 5 estudos.

Analisando por expressão cultural, a crença foi predominante dentre os estudos encontrados, com um total de 253 espécies citadas, seguido por estudos que citam animais atrelados a folclore (n = 15) e mitologia (n = 16), conforme descrito na tabela 4.

Tabela 4. Lista de espécies animais encontrados nos estudos sobre “crenças”, “folclores” e “mitos” e sua respectiva classificação com base na IUCN.

<i>Espécies</i>	IUCN	Classe	Fator Cultural	Houve óbito?	País	Continente	Número de citações
<i>Accipiter striatus</i>	LC	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Aetobatus narinari</i>	EN	Peixes	Crença	Sim	Venezuela	América do Sul	1
<i>Ailurus fulgens</i>	EN	Mamíferos	Crença	Não	Índia	Ásia	1
<i>Alophoixus bres</i>	EN	Aves	Crença	Não	Indonésia	Ásia	1
<i>Amblypharyngodon mola</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Anabas testudineus</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Anas platyrhynchos</i>	LC	Aves	Crença	Não	Índia	Ásia	1
<i>Anguilla bengalensis</i>	NT	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Antrostomus arizonae</i>	LC	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Athene brama</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Atherurus africanus</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Camarões	África	1
<i>Balistes vetula</i>	NT	Peixes	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Batrachoides surinamensis</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Biswamoyopterus biswasi</i>	CR	Mamíferos	Crença	Não	Índia	Ásia	1
<i>Bitis arietans</i>	LC	Répteis	Crença	Não	África do Sul	África	1
<i>Bitis nasicornis</i>	VU	Répteis	Crença	Sim	Camarões	África	1
<i>Boa constrictor</i>	LC	Répteis	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Boleophthalmus boddarti</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Bos frontalis</i>	NE	Mamíferos	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Bos taurus</i>	NE	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Bos taurus indicus</i>	NE	Mamíferos	Crença	Não	Índia	Ásia	1
<i>Bradypus variegatus</i>	NE	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1

<i>Bubalus bubalis</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Bubo virginianus</i>	NE	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Bubulcus ibis</i>	NE	Aves	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Bucorvus leadbeateri</i>	LC	Aves	Crença	Sim	África do Sul	África	1
<i>Bufo bufo</i>	LC	Anfíbio	Crença	Sim	Espanha	Europa	1
<i>Buteo albonotatus</i>	LC	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Buteo jamaicensis</i>	LC	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Buteogallus solitarius</i>	NT	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Cacicus cela</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Cacomantis sepulcralis</i>	LC	Aves	Crença	Não	Indonésia	Ásia	1
<i>Caiman crocodilus</i>	LC	Répteis	Crença	Não Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Caiman latirostris</i>	LC	Répteis	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Canis aureus</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Canis familiaris</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Canis latrans</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	México	América Central	1
<i>Canis lupus</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Capra hircus</i>	NA	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Capra hircus aegagrus</i>	NA	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	2
<i>Capricornis thar</i>	VU	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Caranx hippos</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Venezuela	América do Sul	1
<i>Caranx lugubris</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Caretta caretta</i>	VU	Répteis	Crença	Sim	Colômbia	América do Sul	1
<i>Cariama cristata</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Catherpes mexicanus</i>	LC	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Catlocarpio siamensis</i>	CR	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Cavia aperea</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Cephalopholis fulva</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Cephalophus monticola</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Camarões	África	1
<i>Cephalophus ogilbyi</i>	VU	Mamíferos	Crença	Sim	Camarões	África	1
<i>Cercopithecus wolffi</i>	NT	Mamíferos	Crença	Sim	Camarões	África	1
<i>Cerdocyon thous</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Chaerephon plicatus</i>	LC	Mamíferos	Crença	Não	Tailândia	Ásia	1

<i>Channa harcourtbutleri</i>	NT	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Channa marulius</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	2
<i>Channa striata</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Chela cachius</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Chelonia mydas</i>	EM	Répteis	Crença	Sim	Colômbia	América do Sul	1
<i>Chelonoidis carbonarius</i>	NE	Répteis	Crença	Não Sim	Brasil	América do Sul	1 1
<i>Chelonoidis denticulatus</i>	VU	Répteis	Crença	Sim	Brasil Peru	América do Sul	2 1
<i>Chitra indica</i>	EN	Répteis	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	LC	Aves	Crença	Não	Brasil	América do Sul	1
<i>Cichla temensis</i>	NE	Peixes	Crença	Não	Brasil	América do Sul	1
<i>Cirrhenus mrigala</i>	NE	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Civettictis civetta</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Camarões	África	1
<i>Clarias batrachus</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Coendou prehensilis</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
				Não	Espanha	Europa	1
<i>Columba livia</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Columbina minuta</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Columbina picui</i>	LC	Aves	Crença	Não	Brasil	América do Sul	1
<i>Columbina squammata</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Columbina talpacoti</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Coracias benghalensis</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
	LC			Não	México	América Central	1
<i>Coragyps atratus</i>		Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Corvus cornix</i>	NE	Aves	Crença	Não	Polônia	Europa	1
<i>Corvus corone</i>	LC	Aves	Crença	Não	Polônia	Europa	1
<i>Corvus enca</i>	LC	Aves	Crença	Não	Indonésia	Ásia	1
<i>Corvus frugilegus</i>	LC	Aves	Crença	Não	Polônia	Europa	1
<i>Corvus macrorhynchos</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Crocodylus niloticus</i>	LC	Répteis	Crença	Sim	África do Sul	África	1
<i>Crocodylus palustris</i>	VU	Répteis	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Crotalus basiliscus</i>	LC	Répteis	Crença	Não Sim	Colômbia Brasil	América do Sul	1 1
<i>Crotophaga ani</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Cuniculus paca</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Cuon alpinus</i>	VU	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1

<i>Cyanocorax cyanopogon</i>	LC	Aves	Crença	Não	Brasil	América do Sul	2
<i>Cyphorhinus arada</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Cypsiurus parvus</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Camarões	África	1
<i>Dasyus novemcinctus</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	México	América Central	1
					Brasil	América do Sul	2
<i>Decapterus macarellus</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Dendrelaphis tristis</i>	LC	Répteis	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Dermochelys coriacea</i>	VU	Répteis	Crença	Sim	Colômbia	América do Sul	1
<i>Didelphis marsupialis</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Elephas maximus</i>	EN	Mamíferos	Crença	Não	Índia	Ásia	2
<i>Epidalea calamita</i>	LC	Anfíbio	Crença	Sim	Espanha	Europa	1
<i>Epinephelus lanceolatus</i>	DD	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Equus africanus</i>	CR	Mamíferos	Crença	Não Sim	Índia	Ásia	2 1
<i>Equus caballus</i>	NE	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Eretmochelys imbricata</i>	CR	Répteis	Crença	Sim	Colômbia	América do Sul	1
<i>Eumomota superciliosa</i>	LC	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Euphlyctis hexadactylus</i>	LC	Anfíbio	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Euphonia chlorotica</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Euphractus sexcinctus</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	3
<i>Eupsittula cactorum</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Falco rufigularis</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Felis chaus</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Felis silvestris</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Francolinus pondicerianus</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
	LC			Não	Índia	Ásia	1
<i>Gallus gallus</i>		Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Gallus varius</i>	LC	Aves	Crença	Não	Indonésia	Ásia	1
<i>Geochelone elegans</i>	VU	Répteis	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Geopelia striata</i>	LC	Aves	Crença	Não	Indonésia	Ásia	1
<i>Glaucidium brasilianum</i>	NE	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Gyps himalayensis</i>	NT	Aves	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Harpadon nehereus</i>	NT	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Helarctos malayanus</i>	VU	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1

<i>Hemidactylus frenatus</i>	LC	Répteis	Crença	Sim	Índia	Ásia	2
<i>Hemidactylus mabouia</i>	LC	Répteis	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Hemidactylus turcicus</i>	LC	Répteis	Crença	Não	Portugal	Europa	1
<i>Herpestes edwardsii</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Heteropneustes fossilis</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Himantura uarnak</i>	EM	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Hippocampus erectus</i>	VU	Peixes	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Hippocampus reidi</i>	NT	Peixes	Crença	Sim	Venezuela	América do Sul	1
<i>Hippopotamus amphibius</i>	VU	Mamíferos	Crença	Sim	Benín	África	1
<i>Hoplias malabaricus</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Hyaena hyaena</i>	NT	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Hyemoschus aquaticus</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Camarões	África	1
<i>Hystrix indica</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	2
<i>Icterus icterus jamacaii</i>	LC	Aves	Crença	Não	Brasil	América do Sul	1
<i>Inia geoffrensis</i>	EN	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Labeo calbasu</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Labeo rohita</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Larus argentatus</i>	LC	Aves	Crença	Não	Bangladesh	Ásia	1
<i>Laubuka laubuca</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Leptomelanossoma indicum</i>	NE	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Leptotila verreauxi</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Lissemys punctata</i>	VU	Répteis	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Lonchura leucogastroides</i>	LC	Aves	Crença	Não	Indonésia	Ásia	1
<i>Lophura leucomelanos</i>	LC	Aves	Crença	Não	Índia	Ásia	1
<i>Loris lydekkerianus</i>	NT	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Loxodonta africana</i>	EM	Mamíferos	Crença	Sim	África do Sul	África	1
<i>Loxodonta cyclotis</i>	CR	Mamíferos	Crença	Sim	Camarões	África	1
<i>Lutjanus analis</i>	NT	Peixes	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Malpolon monspessulanus</i>	LC	Répteis	Crença	Não	Espanha	Europa	1
<i>Manis crassicaudata</i>	EM	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Manis culionensis</i>	CR	Mamíferos	Crença	Sim	Filipinas	Ásia	1
<i>Manis pentadactyla</i>	CR	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Mazama americana</i>	DD	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Megalops atlanticus</i>	VU	Peixes	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1

<i>Meleagris gallopavo</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Melichthys niger</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Melursus ursinus</i>	VU	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Micrastur serquatus</i>	NE	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Micropogonias furnieri</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Mimus saturninus</i>	LC	Aves	Crença	Não	Brasil	América do Sul	1
<i>Moschus chrysogaster</i>	EN	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Moschus fuscus</i>	EN	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Mus musculus</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Espanha	Europa	1
<i>Mus spretus</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Espanha	Europa	1
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	VU	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Naemorhedus goral</i>	NT	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Nandinia binotata</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Camarões	África	1
<i>Nasua narica</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	México	América Central	1
<i>Nasua nasua</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Nemapteryx caelata</i>	NE	Peixes	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Neofelis nebulosa</i>	VU	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Neophron percnopterus</i>	EN	Aves	Crença	Sim	Nigéria	África	1
<i>Nilssonia gangetica</i>	EN	Répteis	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Nilssonia hurum</i>	EN	Répteis	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Nothura boraquira</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	3
<i>Numida meleagris</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Nyctidromus albicollis</i>	LC	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Ocyrceros birostris</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Odocoileus virginianus</i>	LC	Mamíferos	Crença	Não Sim	México	América Central	1 1
<i>Odontamblyopus lacepedii</i>	NE	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Oreochromis upembae</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	EN	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Otus lempiji</i>	LC	Aves	Crença	Não	Indonésia	Ásia	1
<i>Ovis aries</i>	NA	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Oxyrhopus trigeminus</i>	LC	Répteis	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Paleosuchus palpebrosus</i>	LC	Répteis	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Paleosuchus trigonatus</i>	LC	Répteis	Crença	Não	Brasil	América do Sul	1
<i>Pan troglodytes</i>	EN	Mamíferos	Crença	Sim	Camarões	África	1

<i>Panthera leo</i>	VU	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Panthera onca</i>	NT	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Panthera pardus</i>	VU	Mamíferos	Crença	Sim	Camarões	África	3
<i>Panthera tigris tigris</i>	EN	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Panthera uncia</i>	VU	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Panholops hodgsonii</i>	NT	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Panyptila cayennensis</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Passer domesticus</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Passerina ciris</i>	LC	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Patagioenas picazuro</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Pavo cristatus</i>	LC	Aves	Crença	Não	Brasil	América do Sul	1
				Sim	Índia	Ásia	3
<i>Pecari tajacu</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	3
<i>Pelophylax perezii</i>	LC	Anfíbio	Crença	Sim	Espanha	Europa	1
<i>Phataginus tetradactyla</i>	VU	Mamíferos	Crença	Sim	Serra Leoa	África	1
<i>Phataginus tricuspis</i>	EM	Mamíferos	Crença	Sim	Camarões Serra Leoa	África	2
<i>Philodryas nattereri</i>	LC	Répteis	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Phrynos geoffroanus</i>	NE	Répteis	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Pipra fasciicauda</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Platanista gangetica</i>	EN	Mamíferos	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Podocnemis unifilis</i>	VU	Répteis	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Pomadasys argenteus</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Procyon cancrivorus</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Psammmodromus hispanicus</i>	LC	Répteis	Crença	Não	Espanha	Europa	1
<i>Psammmodromus occidentalis</i>	NE	Répteis	Crença	Sim	Espanha	Europa	1
<i>Pseudastur albicollis</i>	LC	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Psittacus erithacus</i>	EN	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Psittacus erithacus</i>	EN	Aves	Crença	Sim	Camarões	África	1
<i>Psophia crepitans</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Pteropus giganteus</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Pteropus lylei</i>	VU	Mamíferos	Crença	Não	Tailândia	Ásia	1
<i>Puma concolor</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1

<i>Python natalensis</i>	LC	Répteis	Crença	Sim	África do Sul	África	1
<i>Rhinella diptycha</i>	DD	Anfíbio	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Rhinella jimi</i>	LC	Anfíbio	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Rhinella marina</i>	LC	Anfíbio	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Rhinella schneideri</i>	DD	Anfíbio	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Rhinoclemmys punctularia</i>	NE	Répteis	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Rhopodytes tristis</i>	NE	Aves	Crença	Não	Índia	Ásia	1
<i>Rousettus amplexicaudatus</i>	LC	Mamíferos	Crença	Não	Tailândia	Ásia	1
<i>Salvator merianae</i>	LC	Répteis	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Sarcoramphus papa</i>	LC	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Smutsia gigantea</i>	EN	Mamíferos	Crença	Sim	Serra Leoa	África	1
<i>Smutsia temminckii</i>	VU	Mamíferos	Crença	Sim	África do Sul	África	1
<i>Sotalia fluviatilis</i>	EN	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Sotalia guianensis</i>	NT	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Sphyræna barracuda</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Spilopelia chinensis</i>	LC	Aves	Crença	Não	Indonésia	Ásia	1
<i>Spilornis cheela</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Spizaetus tyrannus</i>	LC	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Struthio camelus</i>	LC	Aves	Crença	Não	Tanzânia	África	1
				Não	Brasil	América do Sul	1
<i>Sus scrofa</i>	LC	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
				Sim	Índia	Ásia	1
<i>Sylvilagus floridanus</i>	LC	Mamíferos	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Tayassu pecari</i>	VU	Mamíferos	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Tenualosa ilisha</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Thunnus thynnus</i>	LC	Peixes	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Timon lepidus</i>	NT	Répteis	Crença	Sim	Espanha	Europa	1
<i>Trachycephalus resinifictrix</i>	LC	Anfíbio	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Troglodytes aedon</i>	LC	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Turdus grayi</i>	LC	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
<i>Turdus rufiventris</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
				Não	Indonésia	Ásia	1
<i>Tyto alba</i>	LC	Aves	Crença	Não	México	América Central	1
				Sim	Camarões	África	2

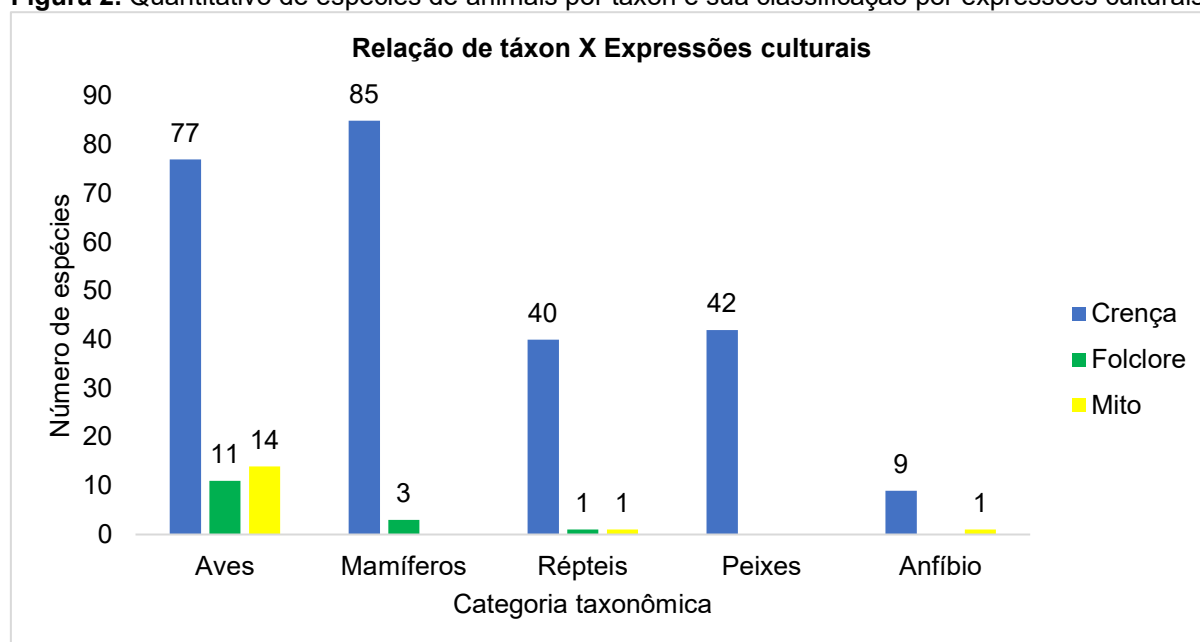
<i>Uranoscodon superciliosus</i>	LC	Répteis	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Ursus thibetanus</i>	VU	Mamíferos	Crença	Não	Bangladesh	Ásia	1
<i>Varanus bengalensis</i>	NT	Répteis	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Varanus bengalensis</i>	NT	Répteis	Crença	Sim	Índia	Ásia	1
<i>Wallago attu</i>	VU	Peixes	Crença	Sim	Bangladesh	Ásia	1
<i>Xenodon merremii</i>	NE	Répteis	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Zenaida auriculata</i>	LC	Aves	Crença	Sim	Brasil	América do Sul	2
<i>Celeus loricatus</i>	EN	Aves	Folclore	Sim	Panamá	América Central	1
<i>Chloroceryle amazona</i>	NE	Aves	Folclore	Não	Panamá	América Central	1
<i>Chloroceryle americana</i>	NE	Aves	Folclore	Não	Panamá	América Central	1
<i>Chloroceryle inda</i>	EN	Aves	Folclore	Não	Panamá	América Central	1
<i>Gallus gallus</i>	LC	Aves	Folclore	Não	Panamá	América Central	1
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	LC	Aves	Folclore	Não	Panamá	América Central	1
<i>Inia geoffrensis</i>	NE	Mamíferos	Folclore	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Malacoptila panamensis</i>	DD	Aves	Folclore	Sim	Panamá	América Central	1
<i>Megaceryle torquata</i>	NE	Aves	Folclore	Não	Panamá	América Central	1
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	NE	Mamíferos	Folclore	Sim	Argentina	América do Sul	1
<i>Nyctidromus albicollis</i>	NE	Aves	Folclore	Não	Panamá	América Central	2
<i>Sotalia fluviatilis</i>	EN	Mamíferos	Folclore	Sim	Brasil	América do Sul	1
<i>Tarentola mauritanica</i>	LC	Répteis	Folclore	Sim	Portugal	Europa	1
<i>Tetrao urogallus major</i>	LC	Aves	Folclore	Não	Panamá	América Central	1
<i>Vireo leucophrys</i>	NE	Aves	Folclore	Não	Panamá	América Central	1
<i>Athene cunicularia</i>	LC	Aves	Mito	Não	México	América Central	1
<i>Bubo africanus</i>	LC	Aves	Mito	Sim	Zâmbia	África	1
<i>Bubo lacteus</i>	LC	Aves	Mito	Sim	Zâmbia	África	1
<i>Cardinalis cardinalis</i>	LC	Aves	Mito	Não	México	América Central	1
<i>Cathartes aura</i>	LC	Aves	Mito	Não	México	América Central	1
<i>Ceratophrys ornata</i>	NT	Anfíbio	Mito	Sim	Argentina	América do Sul	1
<i>Coragyps atratus</i>	LC	Aves	Mito	Não	México	América Central	1
<i>Gallus gallus</i>	LC	Aves	Mito	Não	México	América Central	1
<i>Glaucidium perlatum</i>	LC	Aves	Mito	Sim	Zâmbia	África	1

<i>Leuconotopicus villosus</i>	LC	Aves	Mito	Não	México	América Central	1
<i>Megascops cooperi</i>	LC	Aves	Mito	Não	México	América Central	1
<i>Melanerpes aurifrons</i>	LC	Aves	Mito	Não	México	América Central	1
<i>Mimus gilvus</i>	LC	Aves	Mito	Não Sim	México	América Central	1 1
<i>Ortalis vetula</i>	LC	Aves	Mito	Não	México	América Central	1
<i>Tyto alba</i>	LC	Aves	Mito	Não Sim	México Zâmbia	América Central África	1 1
<i>Varanus bengalensis</i>	NT	Répteis	Mito	Não	México	América Central	1
							284 espécies

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Quanto aos táxons, as aves apresentaram maior número de animais ($n = 102$), seguido pelos mamíferos ($n = 88$), répteis ($n = 42$) e peixes ($n = 42$). Já os anfíbios ($n = 10$) apresentaram baixa frequência nos estudos encontrados. Observando cada táxon, constatamos que no grupo das aves, 77 animais tiveram crenças, 11 folclores e 14 mitos relacionados, dentre os mamíferos 85 crenças e 3 folclores; já os répteis foram encontrados 40 crenças, 1 folclore e 1 mito. Para os peixes foram encontrados apenas crenças relacionadas a 42 animais (ver figura 2).

Figura 2. Quantitativo de espécies de animais por táxon e sua classificação por expressões culturais.

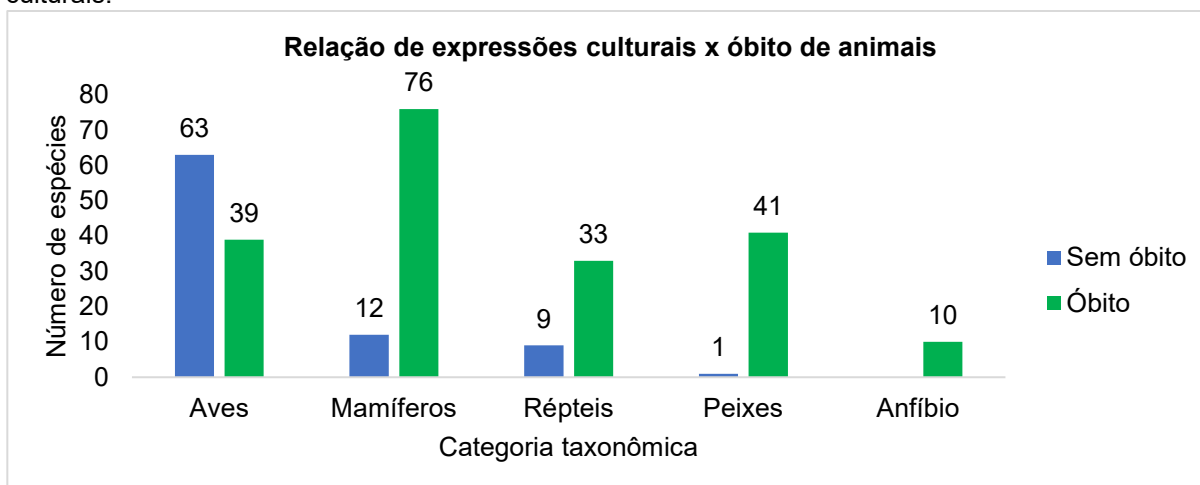


Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Tais expressões culturais resultaram em óbito para 199 animais, enquanto 85 tiveram sua vida preservada. A classe com maior número de óbitos foram os

Mamíferos (n = 76), seguida por Aves (n = 39), peixes (n = 41), répteis (n = 33). anfíbios (n = 10), conforme observado na figura 3.

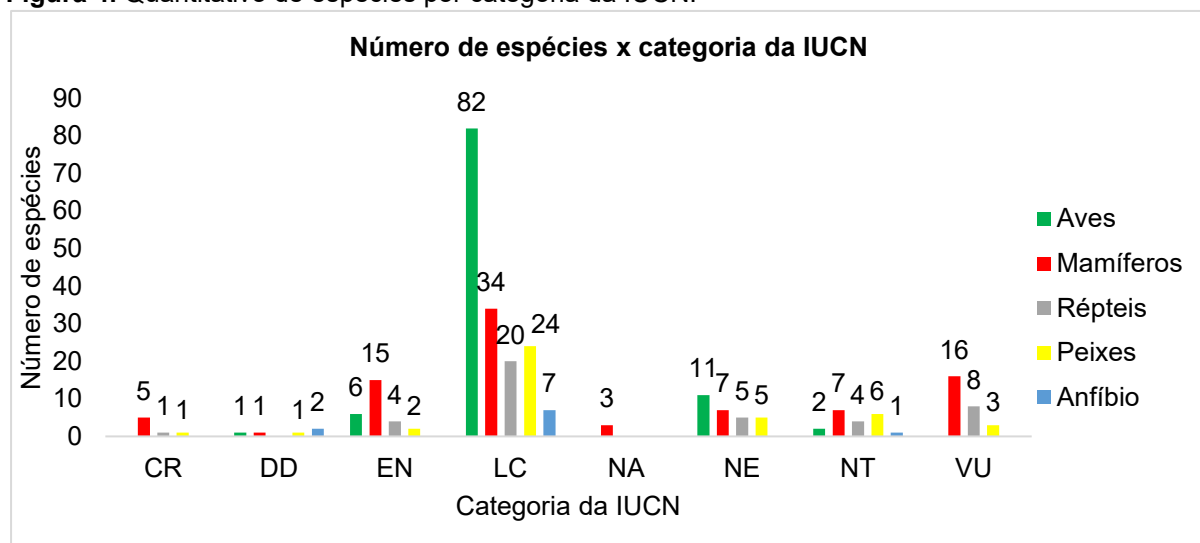
Figura 3. Quantitativo de espécies de animais por táxon e sua relação com óbito por expressões culturais.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Também foi analisado o estado de conservação das espécies de animais junto a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, onde, em destaque, foi encontrado 7 espécies de animais classificadas como criticamente em perigo (CR), tendo os mamíferos com 5 espécies nesta categoria. Também foram encontradas 29 espécies classificadas em extinção (EN), com destaque para os mamíferos com 15 espécies nessa categoria; além disso, 27 espécies de animais classificadas como vulneráveis (VU), onde igualmente os mamíferos apresentam-se como grupo de maior número de indivíduos (n = 16), conforme observado na figura 4.

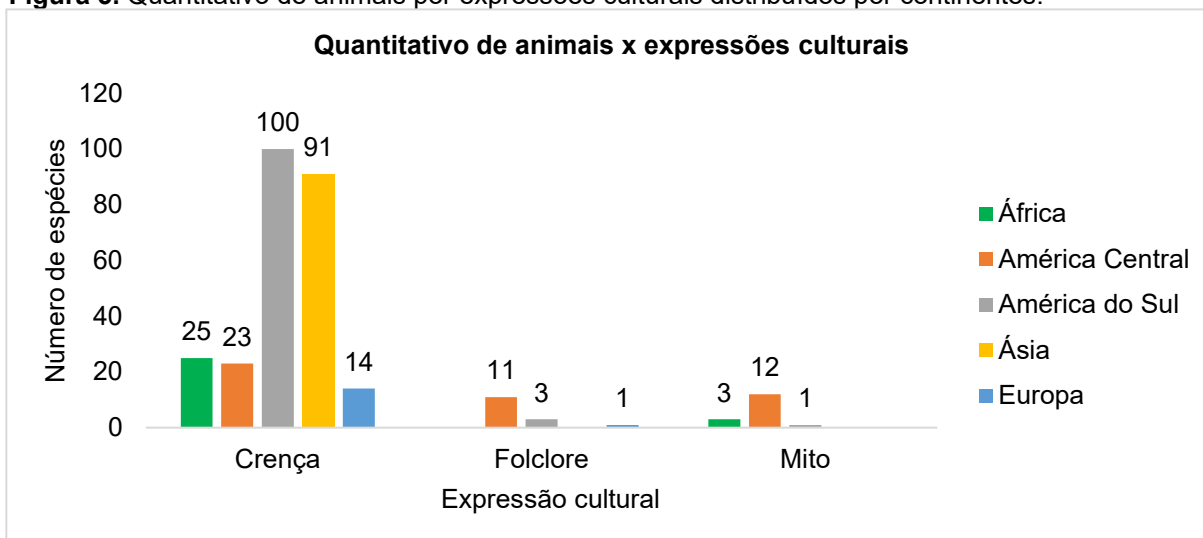
Figura 4. Quantitativo de espécies por categoria da IUCN.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Fazendo a análise por continentes, a América do Sul apresentou maior número de estudos sobre expressões culturais relacionados a fauna, com 104 animais citados dentre as pesquisas realizadas. Na sequência, o continente asiático teve 91 animais citados nos estudos. Já na América Central, 46 animais foram registrados nos estudos. O continente africano e europeu, apresentaram os menores quantitativos de animais nos estudos com 28 e 15 estudos, respectivamente (ver figura 5).

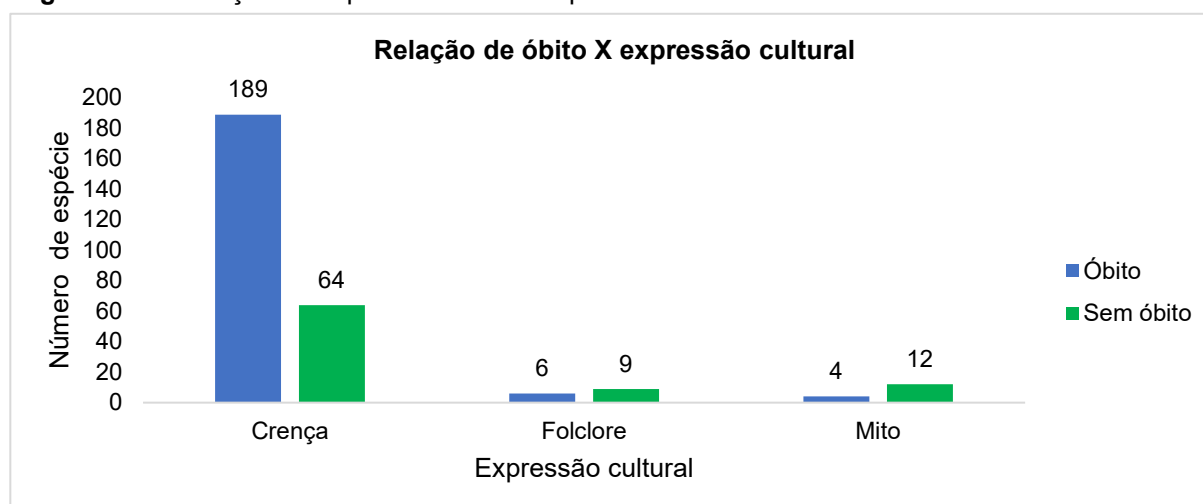
Figura 5. Quantitativo de animais por expressões culturais distribuídos por continentes.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Observando o aspecto conservacionista por fatores culturais, as crenças levaram 189 animais a óbito, enquanto 64 foram preservados. Já os folclores relacionados a fauna, resultaram em 6 óbitos e 9 animais preservados. Mitos tiveram 4 animais que chegaram a óbito, enquanto 12 tiveram sua vida preservada (ver figura 6).

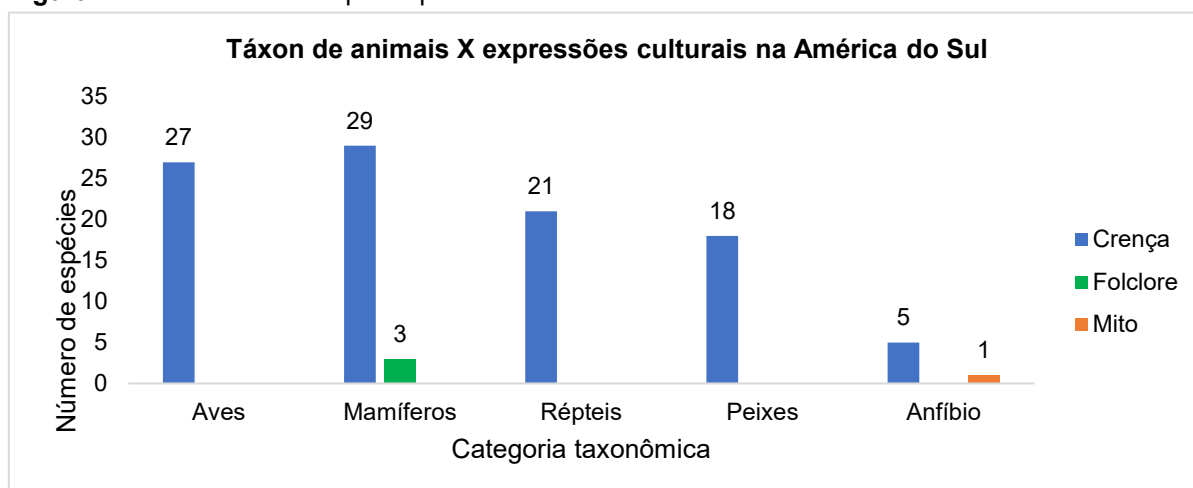
Figura 6. Distribuição de expressões culturais por óbito de animais.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Observando por continente, a América do Sul apresentou 100 expressões culturais classificadas como crenças. Além disso, apresentou o maior número de animais registrados, tendo 104 animais no total, sendo 6 espécies de anfíbios, 27 de aves, 32 de Mamíferos, 18 de peixes e 21 de répteis, conforme observado na figura 7.

Figura 7. Táxon de animais por expressão cultural na América do Sul.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Ainda no continente sul-americano, as crenças resultaram em 88 animais a óbito. Todos os folclores ($n = 3$) e o único mito relacionado a fauna dessas pesquisas também resultaram em óbito do animal. Apenas 12 animais citados neste continente não chegaram a óbito em virtude de expressões culturais (ver figura 8).

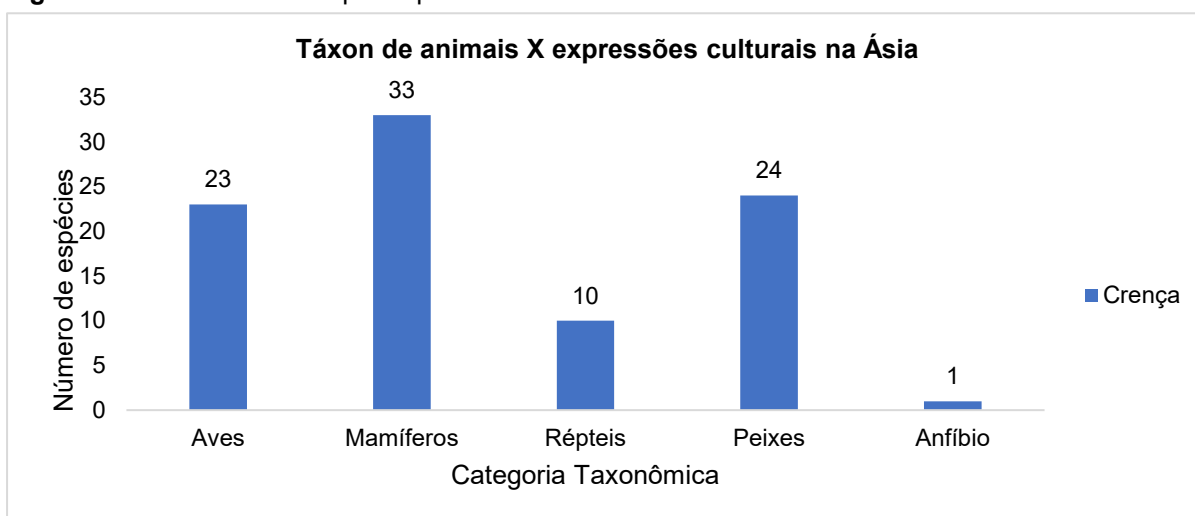
Figura 8. Expressão cultural e relação com óbitos de animais na América do Sul.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Na Ásia, todas as expressões culturais foram relacionadas a crenças. Para este continente 91 animais foram registrados, sendo 1 anfíbio, 23 aves, 33 Mamíferos, 24 peixes e 10 répteis, conforme apresentado na figura 9.

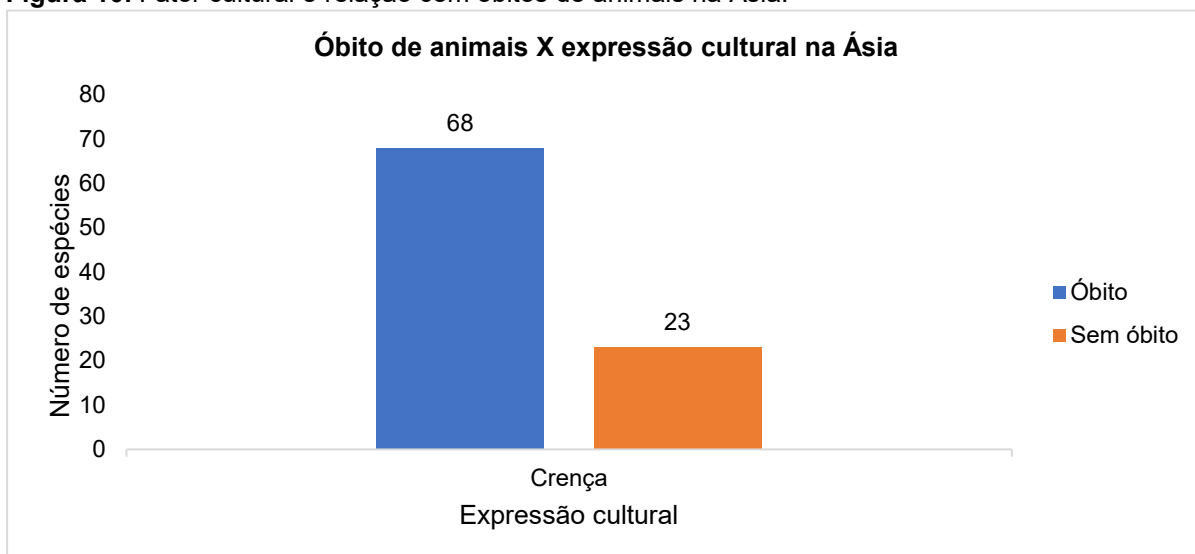
Figura 9. Táxon de animais por expressão cultural na Ásia.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Ao observar como as crenças se comportam em relação a conservação de animais no continente asiático, foram encontradas 68 crenças que resultaram em óbito das espécies, sendo demonstrado na figura 10.

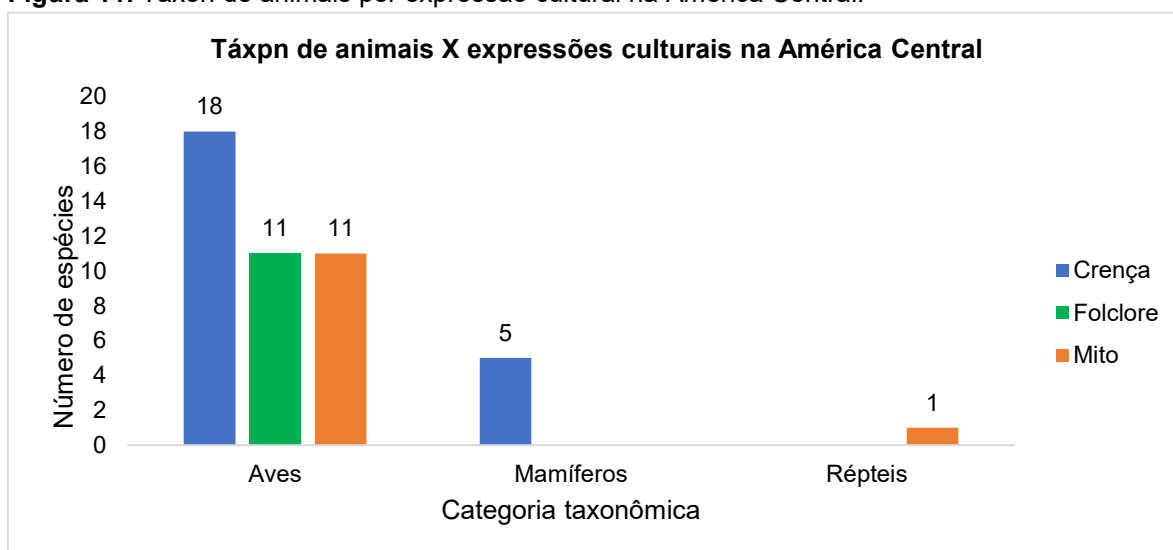
Figura 10. Fator cultural e relação com óbitos de animais na Ásia.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Na América Central foram encontrados 46 animais sob pressão de expressões culturais, onde 23 casos correspondiam a crenças, 11 a folclore e 12 a mitos. Dentre os animais, foram encontrados apenas 3 táxons, sendo distribuídos em 40 espécies de aves, 5 espécies de mamíferos e uma de réptil (ver tabela 11).

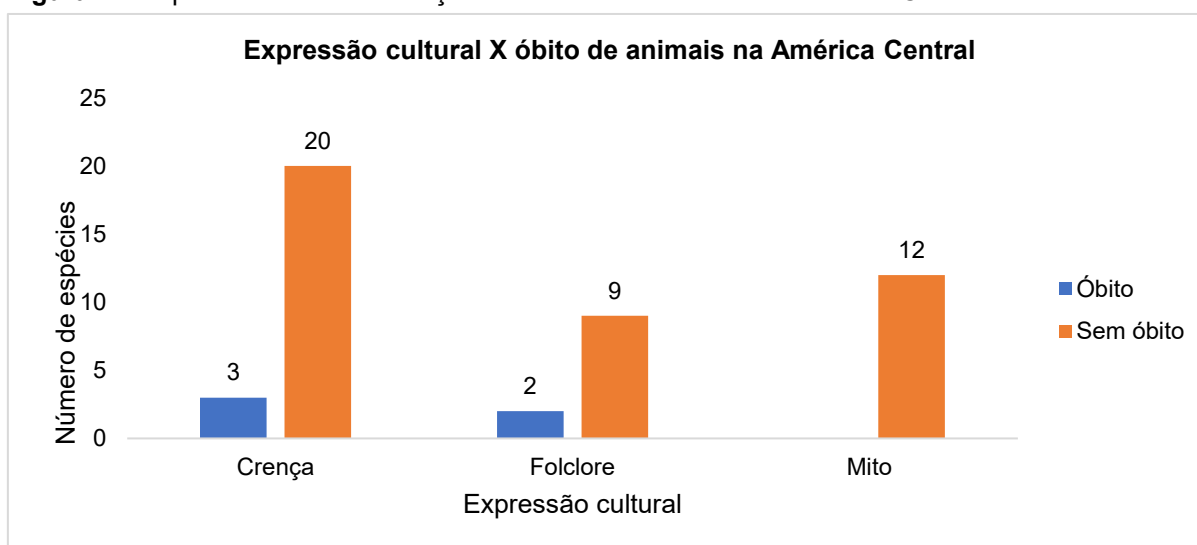
Figura 11. Táxon de animais por expressão cultural na América Central.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

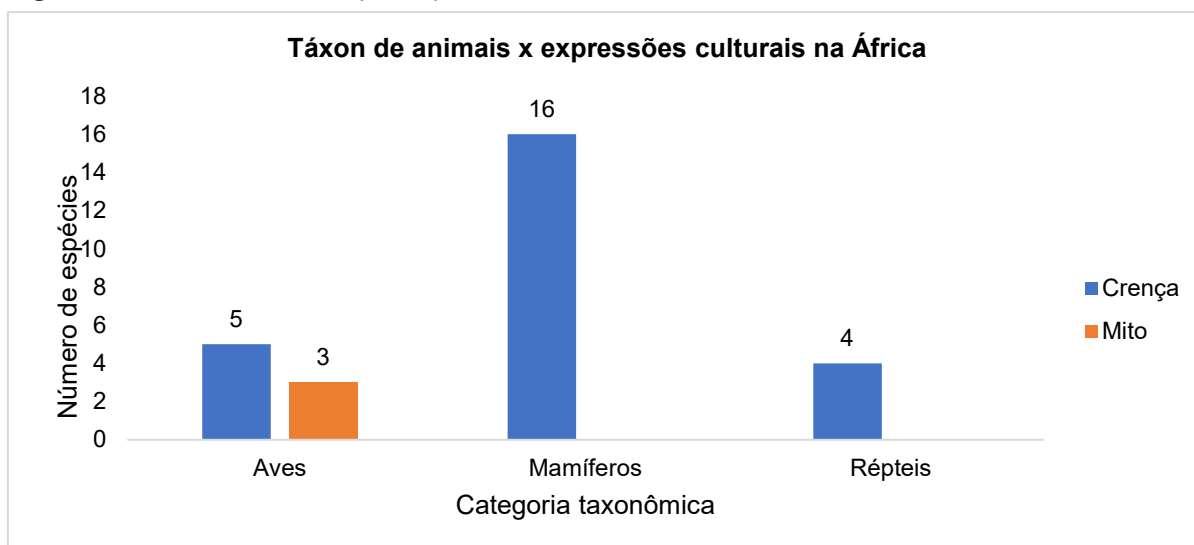
As expressões culturais neste continente resultaram em óbito em apenas 5 espécies encontradas, tendo 41 espécies preservadas para as expressões culturais encontradas (ver figura 12).

Figura 12. Expressão cultural e relação com óbitos de animais na América Central.



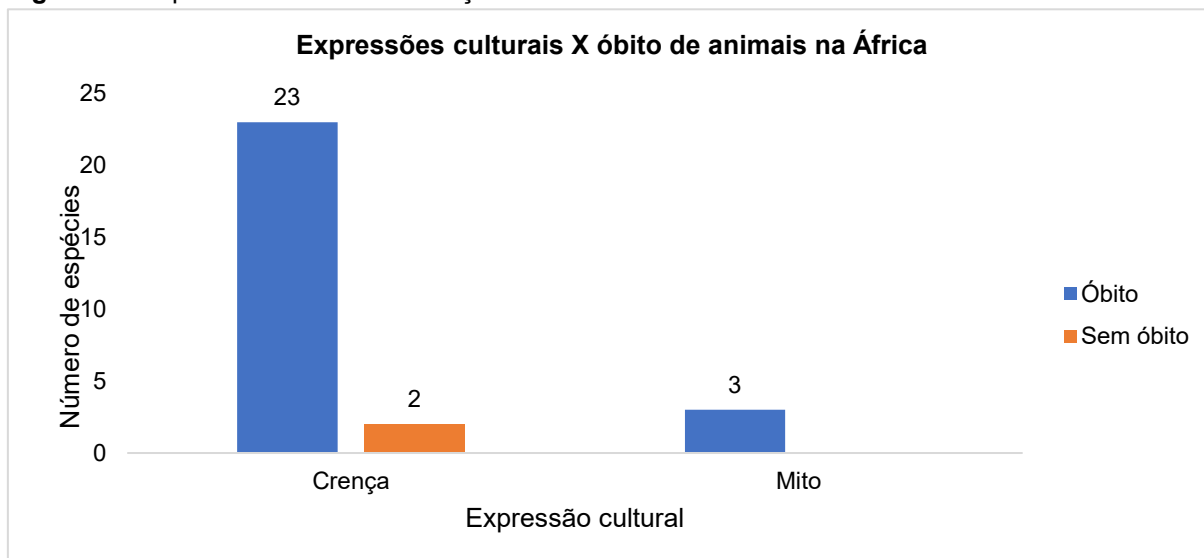
Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Ao analisar os resultados obtidos no continente africano, foi observado 25 crenças e 3 mitos. No total as espécies registradas foram distribuídas em 8 espécies de aves, 16 mamíferos e 4 répteis (ver figura 13).

Figura 13. Táxon de animais por expressão cultural na África.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

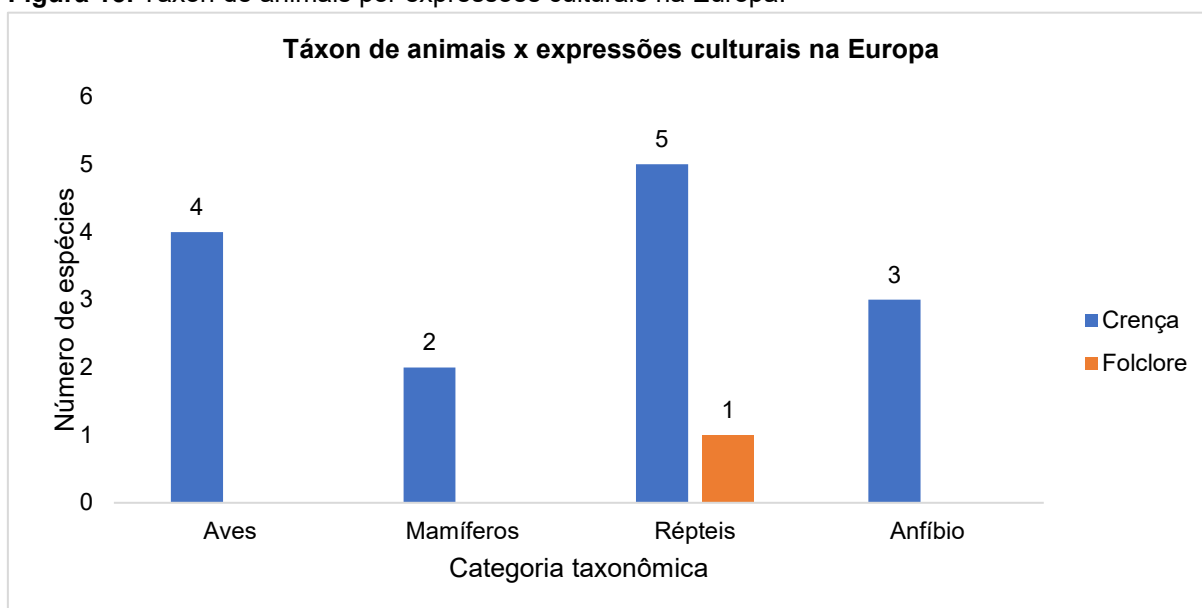
Quanto ao fator de conservação de animais na África, 26 espécies foram à óbito em virtude das expressões culturais pesquisadas, tendo um destaque para as crenças com 23 óbitos. Todos os casos de mitos registrados para este continente resultaram em óbito (ver figura 14).

Figura 14. Expressões culturais e relação com óbitos de animais na África.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Já na Europa, as crenças tiveram predominância quanto as demais expressões culturais, chegando a 14 de 15 expressões culturais citadas nas pesquisas neste continente. Ao verificar os táxons apenas 15 espécies de animais foram encontradas, sendo 3 anfíbios, 4 aves, 2 mamíferos e 6 répteis, conforme observado na figura 15.

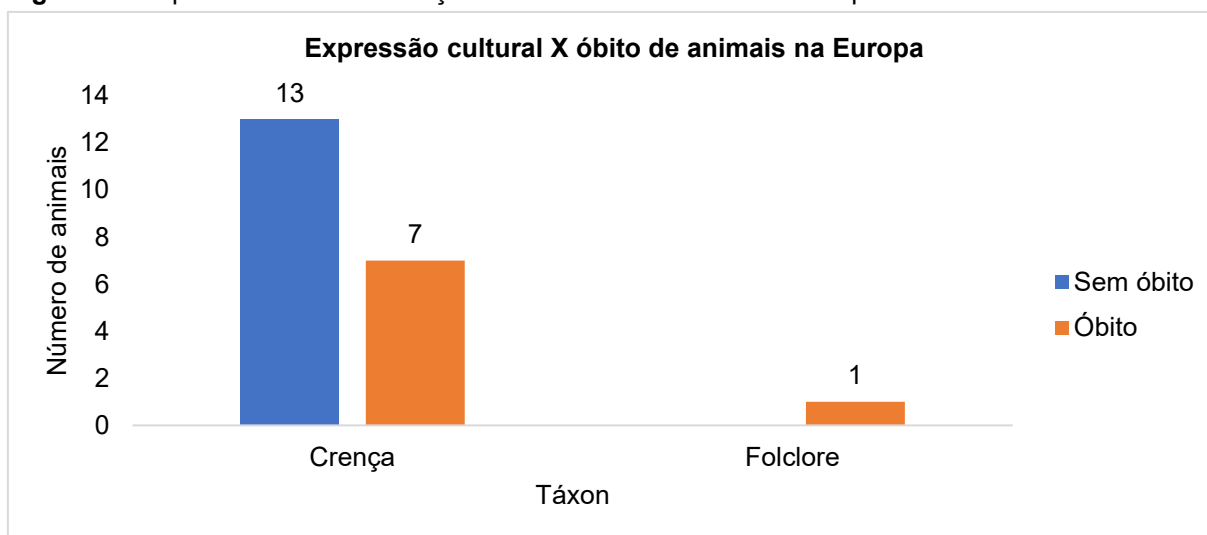
Figura 15. Táxon de animais por expressões culturais na Europa.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Ao conferir quanto a conservação das espécies encontradas no continente europeu, 13 espécies de animais foram preservadas, entretanto, 8 espécies chegaram a óbito em virtude de expressões culturais no continente (ver figura 16).

Figura 16. Expressão cultural e relação com óbitos de animais na Europa.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

4. DISCUSSÃO

4.1 AS CRENÇAS E SUAS RELAÇÕES COM A FAUNA

Os seres humanos e a vida selvagem interagem uns com os outros de maneiras que podem variar da reverência ao conflito extremo (HUNT, 2008). Espécies silvestres podem ter relevância cultural e social e serem valorizadas como recursos por humanos. Por outro lado, populações humanas frequentemente entram em conflito com a vida selvagem (WOODROFFE; THIRGOOD; RABINOWITZ, 2005). Esses conflitos entre as pessoas e a vida selvagem são generalizados e prejudiciais tanto para a vida selvagem quanto para as pessoas envolvidas.

Os conflitos também ocorrem quando os seres humanos ferem, abusam, extraem ou matam deliberadamente a vida selvagem por causa de ameaças percebidas contra sua propriedade, sustento ou família (MADDEN, 2008). Também foi apontado que a conceituação da natureza e a percepção associada a crenças e mitos religiosos ou culturais podem moldar outras formas de conflito humano com a vida selvagem (DICKMAN; HAZZAH, 2016).

Nessa situação, a crença é um termo incluído dentro do conceito amplo da cultura. (GEERTZ, 2005), definiu o conceito de cultura como uma “teia de significados tecida pelo homem” e que traz elementos a partir do viés das interações construídas pelas distintas sociedades humanas que moldam a forma como se relacionam com os seres do ambiente (TITO; GIRALDIN, 2021).

Para (PEIRCE, 1877), crença é um estado mental de conforto e segurança, que nos deixa predisposto a agir de acordo com ela. Segundo o autor, a crença não nos faz agir imediatamente, mas nos coloca em uma posição em que nos comportaremos de certa forma, quando surge a ocasião.

Partindo dessa premissa, as pessoas desenvolvem estratégias para estabelecer vínculos com os animais, baseadas em simbolismo, crenças, no imaginário ou nos rituais (ALVES; SOUTO; MOURÃO, 2010b; BARBOSA; AGUIAR, 2012; LIMA; FLORÊNCIO; SANTOS, 2014). No momento em que compartilham o mesmo espaço físico, os humanos estabelecem com os demais seres vivos, inclusive com a fauna, interrelações mediadas por conhecimentos inerentes aos seus costumes e tradições. Essa convivência pode externar sentimentos de sensibilidades, aversões

ou interdependência (SANTOS-FITA; COSTA-NETO, 2007; ALVES; SOUTO, 2011; ALVES, 2012; SANTOS; GIRALDIN, 2021).

Nesta revisão, inúmeros trabalhos relataram crenças relacionadas a fauna. No trabalho de Alcántara-Salinas, Hunn e Rivera-Hernández (2015), realizado no México, diversas aves representam “presságios” aos habitantes locais, onde simplesmente avistar determinado animal poderia trazer sorte ou azar para aquela pessoa ou família. filhos ou por “curandeiros” nas comunidades locais. Inúmeras crenças também foram ligadas a rituais religiosos, caso do trabalho de Alves et al., (2012b), que trouxe uma extensa lista de animais utilizados como oferendas para religião de matriz africana, caso também semelhante ao encontrado no estudo de Léo Neto, Brooks e Alves, (2009), que traz animais sacrificados para rituais de candomblé.

Registrado em diferentes culturas, no Brasil essas práticas estão presentes tanto em religiões de matriz africana (BARBOSA; AGUIAR, 2012), quanto em rituais indígenas. Os Tenetehara, do Maranhão, empreendem caças de animais como parte de suas cerimônias Barros e Zannoni (2008), e os indígenas da etnia Truká de Pernambuco, abatem o jacaré durante rituais de magia, restrito aos saberes xamânicos (SANTOS, 2016).

Muitas espécies de animais selvagens possuem um significado espiritual específico em diferentes culturas e seus produtos são utilizados como objetos sagrados em diversos rituais religiosos ao redor no mundo (NIKOLOUDIS, 2001; BERKES, 2013;).

Essas e várias outras crenças encontradas nos estudos dessa pesquisa mostra como este fator cultural está intimamente ligado a fauna e como elas tem atuado na dinâmica populacional das espécies.

4.2 OCORRÊNCIA DE CRENÇAS POR CONTINENTES

Ao observar a distribuição, por continente, dos estudos nos quais crenças sobre fauna são citadas, foi observado que a América do Sul possui um quantitativo maior de estudos encontrados, com 15 estudos, e conseqüentemente, com um maior número de espécies de animais com 104 indivíduos citados. Outro continente em destaque em número de estudos encontrado e espécies de animais citados em

referência a crenças foi a Ásia, com 11 estudos e 91 animais listados. Continentes como Oceania e América do Norte não tiveram nenhum estudo encontrado.

Ao analisar como as crenças se comportam por continentes, foi constatado que continentes mais próximos geograficamente possuem maior similaridade entre o uso da crença, por exemplo, no estudo de Janaki, Pandit e Sharma (2021), realizado na Ásia, cita uma crença acerca do pangolim chinês (*Manis-pentadactyla*), onde as escamas desse animal poderiam amenizar as dores de uma mulher em trabalho de parto.

No continente europeu, segue um padrão de crenças semelhante a maioria das crenças asiáticas e africanas, ou seja, mais relacionadas a utilização de animais para fins medicinais, caso do estudo de (BENÍTEZ, 2011) realizado na Espanha, onde segundo a crença local, anfíbios da espécie *Pelophylax perezi*, conhecida como rã-verde, eram usadas para eliminar cistos e nódulos gordurosos. O método consistia em fazer um corte longitudinalmente no abdômen do sapo, em seguida, fixá-lo na área afetada com uma fita adesiva e um curativo. Embora o animal obviamente tenha morrido muito rapidamente, ele foi deixado preso ao corpo do paciente por uma semana ou duas, até “secar” e “absorver” o local.

Já em estudos da América do Sul, a maioria das crenças citadas estão envolvidas com religiões, principalmente religiões afro, caso do estudo de (ALVES et al., 2012b), que em pesquisa realizada em mercados públicos de várias grandes cidades do Norte e Nordeste do Brasil, traz dentre várias espécies, a *Columba livia*, conhecida como pombo comum, que segundo as crenças o uso deste ave serve para realizar uma limpeza espiritual do corpo; afastar os maus espíritos; fazer ou desfazer feitiços mágicos e servir de oferenda em cerimônias de purificação para orixás. Outro exemplo é encontrado no estudo de (SANTOS et al., 2012), também realizado no Brasil, onde a espécie *Tayassu pecari*, conhecida popularmente como queixada, tem sua pele utilizada para “tratamento de doenças espirituais”.

As crenças encontradas na América Central possuem, no geral, uma situação em que os animais “anunciam” eventos ou acontecimentos que podem ser bons ou ruins, caso da coruja da espécie *Tyto alba* popularmente conhecida como “Rasga-mortalha”, onde, simplesmente, avistar essa ave ou ouvir seu canto, pode acontecer má formação em bebês, doenças em crianças e até mesmo óbito (CERVERA et al.,

2021a). Já no estudo de Alcántara-Salinas, Hunn e Rivera-Hernández (2015), a águia-solitária (*Buteogallus solitarius*) ao ser avistada por alguma pessoa significa prenuncio de boas novas.

Essa situação nos continentes reflete diretamente em como as crenças irão influenciar na conservação de animais por todo planeta, pois a depender de seu uso, muitos animais podem ser envolvidos em rituais, uso medicinal, adereços e com isso vir a óbito.

4.3 INFLUÊNCIA DA CRENÇA NA CONSERVAÇÃO DE ANIMAIS

A forma como a espécie humana utiliza os animais está intrinsecamente associada a percepções, valores, conhecimentos, manejo, crenças e comportamentos (DREW, 2005; MOURÃO; NIVALDO, 2006). Para (ALVES et al., 2011), os homens e animais mantêm relação de dependência ou co-dependência. As crenças possuem potencial de influenciar nas percepções humanas e nos usos da natureza. Particularmente, os animais desempenham um papel relevante nas práticas mágico-religiosas, medicinais, dentre outras e, dada a profundidade histórica e cultural dessas relações, entender as relações homem-fauna é fundamental para a conservação significativa da vida selvagem (ALVES et al., 2012).

Nesta pesquisa, foi verificado como as crenças têm atuado na conservação de animais. Dentre os resultados encontrados, 189 crenças registradas levaram o animal a óbito, mostrando que as crenças podem vir a ter um papel significativo no declínio da população de algumas espécies de fauna.

Observando a relação do óbito de animais em virtude de crenças por continente, foi observado que na América do Sul, além do maior número de estudos e animais registrados, conforme discutido no tópico anterior, também foi encontrado o maior quantitativo de óbito de animais com 88 dos 104 dos indivíduos descritos chegando a óbito. Neste continente a predominância dos óbitos foi encontrada em estudos de Léo Neto, Brooks e Alves (2009); Farina et al. (2011); Alves et al. (2012); Santos et al. (2012); Bezerra et al. (2013); Ferronato e Cruzado (2013); Pagani, De Santos, Rodrigues (2017); Barrios-Garrido et al. (2018); Camino et al. (2018); Bassan et al. (2020); Riós-Orjuela et al. (2020).

Um fator importante a ser observado, é que no Brasil, país de grande diversidade cultural e religiosa, as crenças presentes nos estudos possuem uma boa parte relacionada a religiões de matriz africana, onde muitos animais são utilizados como oferenda a deuses, esse fator tem causado uma perda populacional, ou seja, muitos desses animais servem de oferendas a deuses. Este caso se torna bem exemplificado no estudo de (ALVES et al., 2012), que traz dados relevantes, pois em sua pesquisa realizada em capitais do norte e nordeste do Brasil, trouxe uma extensa utilização da fauna local e com importância considerável ao discutir a conservação e sustentabilidade dos recursos animais, especialmente tendo em vista que os animais mais comercializados para fins ritualísticos/religiosas eram espécies silvestres e cerca de 35% das espécies encontradas já estavam incluídas em algumas listas da IUCN.

O sacrifício de animais representa uma das formas mais frequentes de utilização de animais no candomblé e nas religiosidades africanas. Está na base ritualística de crenças africanas e está firmemente fundamentada no princípio de que as entidades culturais recebem a vida como contrapartida da transmissão do axé, principalmente por meio da liberação de seu sangue (SILVA, 2009).

Ainda sobre o estudo de Alves et al. (2012), os autores encontraram espécies como *Psittacus erithacus*, *Sotalia fluviatilis*, *Inia geoffrensis* e *Oryctolagus cuniculus*, que estão classificadas como em extinção (EN) e as espécies *Hippocampus erectus*, *Megalops atlanticus*, *Podocnemis unifilis*, *Panthera leo* e *Myrmecophaga tridactyla* classificadas como vulneráveis (VU), conforme a lista da IUCN (2022).

No continente asiático o 68 óbito de animais por crenças foram registrados, casos esses presente nos estudos de Chellappandian et al. (2014); Chowdhury et al. (2014); Vijayakumar et al. (2015); Kushwah, Sisodia e Bhatnagar (2017); Archer et al. (2020); Dhakal et al. (2020); Janaki, Pandit e Sharma (2021).

Neste continente, muitos dos animais foram caçados para que algumas partes de seu corpo fossem utilizadas como amuletos ou para afastar maus espíritos, caso da espécie *Panthera tigris*, classificada na lista da IUCN como em extinção (EN), onde, segundo a crença local, seus ossos seriam utilizados como amuletos para afastar maus espíritos (KUSHWAH; SISODIA; BHATNAGAR, 2017). Caso semelhante do pangolim filipino (*Manis culionensis*), classificado como espécie criticamente em

perigo (CR) na lista da IUCN, onde, conforme as crenças locais, a queima de suas escamas afastaria maus espíritos (ARCHER et al., 2020).

Já o continente africano apresentou, um alto número de óbito de animais relacionados a crenças (n = 23), observando a proporcionalidade da quantidade de animais encontrados por estudo, sendo citada nos estudos Boakye et al. (2014); Coetzee, Nell e Van Rensburg (2014); Bobo, Aghomo e Ntumwel (2015); Williams e Whiting (2016); Ebenebe et al. (2017); Dossou et al. (2018); Kret et al. (2018); Muhammad e Dobrev (2018).

Neste continente, foi observado que este efeito negativo das crenças em relação a fauna está ligado a cura de enfermidades tanto física quanto espirituais, caso do pangolim-de-cauda-longa (*Phataginus tetradactyla*), classificado como vulnerável (VU) na lista da IUCN, este mamífero é utilizado por tribos em Serra Leoa para tratar doenças espirituais (BOAKYE et al., 2014). Muitas doenças atribuídas a causas sobrenaturais ou a espíritos, como o “mau-olhado” ou “doença espiritual”, podem ser tratadas por “rezadores” através de rezas e rituais que envolvem animais (ALVES et al., 2012).

Entretanto, a Europa e a América Central apresentam dados que divergem dos demais continentes. Na Europa, a maioria das crenças (n = 13) encontradas não levaram animais a óbito. Na América Central, a maioria das crenças (n = 20) evitaram a morte do animal. Um dos fatores que pode ter levado a esse número elevado de crenças atuando de forma positiva quanto a conservação da fauna na América Central foi que a maioria dos animais encontrados neste continente são do táxon das aves e as crenças locais apontam situações em que ver uma espécie de ave sobrevoando, como o gavião-pega-macaco (*Spizaetus tyrannus*), poderia ser prenúncio de boas novas. Entretanto, também foi relatado a crença de aves como a coruja conhecida como Jacurutu da espécie *Bubo virginianus* que ela traria prenúncios de morte na família (CERVERA et al., 2021).

Portanto, observa-se que essa relação das crenças com a fauna de todo planeta possui, no geral, aspectos negativos do ponto de vista conservacionista, sendo importante acompanhar como tais crenças estão de fato impactando na fauna ressaltando a peculiaridade de cada local, pois Cohn (1988), já apontara que as crenças bioculturais influenciam a maneira como as pessoas percebem e usam os

recursos de seu ambiente e esse uso, dependendo de como aconteça, pode ser prejudicial a uma espécie.

4.4 AS CRENÇAS E INFLUÊNCIA POR GRUPOS TAXONÔMICOS

A produção de crenças e mitos relacionados à animais no imaginário popular foi uma prática muito comum entre as culturas humanas primitivas, algumas espécies de animais foram consideradas sagradas por essas culturas, sendo associados à sorte ou azar e outros sendo considerados como deuses (ALLABY, 2010).

Dentre os inúmeros usos da fauna ligada a fatores culturais, nesta revisão foi realizado o levantamento de quais grupos taxonômicos têm sido mais utilizados sob este fim por todo planeta. E após a análise dos dados, foi observado que os mamíferos tiveram um número maior de citações de espécies relacionadas as crenças com 85 de 253 casos registrados. Essa situação corrobora com o estudo Silva et al. (2014), que indica que as crenças locais são um fato que deve ser dado bastante atenção, pois podem gerar um efeito negativo sob certas espécies causando impactos sob a população desses grupos.

Os mamíferos silvestres têm uma forte conotação cultural nas regiões rurais e indígenas (BERKES; COLDING; FOLKE, 2000). Foi sugerido como hipótese desta pesquisa, que as crenças acerca de mamíferos, tenderiam a ter aspecto positivo na conservação dos animais deste táxon devido a maior proximidade filogenética com os seres humanos. Entretanto, os dados encontrados mostram que 189 crenças relacionadas a mamíferos resultaram em óbito, divergindo então da hipótese sugerida.

Esse grupo de animais têm sido utilizados principalmente para sacrifício em cerimônia religiosa para deuses Alves et al. (2012), Bobo et al. (2015), Chowdhury et al. (2014) e Léo Neto, Nivaldo et al. (2009), cura de doenças fisiológicas e espirituais Baiyewu et al. (2018) e Chellappandian et al. (2014) e Chowdhury et al. (2014) e Dhakal et al. (2020) e Vijayakumar et al. (2015), utilização de amuletos para trazer boa sorte ou evitar “mau olhado” Cervera et al. (2021) e Estrada-Portillo et al. (2018).

Outro grupo taxonômico de relevância nesta pesquisa foi as aves. Consideradas na cultura helênica como os seres mais próximos dos deuses, as aves sempre estiveram relacionadas a estes conforme seus atributos, assim, a soberana águia acompanhava Zeus, o imponente pavão pousava aos pés da deusa Hera e a

coruja fazia companhia discreta à sábia Athena, por causa dessa associação, a coruja tornou-se a ave representante da sabedoria (SANTOS et al., 2015).

Os dados obtidos sobre as aves apresentaram um equilíbrio entre o número de óbitos e conservação de espécies referente a crenças, onde 63 de 102 espécies encontradas foram preservadas. As crenças encontradas estiveram relacionadas a “presságios”, sendo eles bons ou ruins Alcántara-Salinas et al. (2015); Cervera et al. (2021b); Król; Hernik (2020) e Mulyanto et al. (2020), ou também relacionados a eventos climáticos como a chegada do período chuvoso Bezerra et al. (2013); Cervera et al. (2021b). Essa predição do período chuvoso e a morte de pessoas faz parte da relação místico/religiosa descrita no estudo de Nobrega et al. (2011).

Aves também foram relatadas em crenças para usos medicinais, onde doenças fisiológicas e espirituais vinham a causar problemas a determinada população Alves et al. (2009); Bezerra et al. (2013); Cervera et al. (2021); Santos et al. (2012), além disso, aves também foram citadas em crenças religiosas como amuletos Léo Neto; Nivaldo et al. (2009); Alves et al. (2012b); Dhakal et al. (2020);.

Os táxons dos anfíbios, peixes e répteis apresentaram menos indivíduos, todavia, as crenças encontradas tiveram um aspecto negativo onde todos anfíbios, 41 de 42 peixes citados foram a óbito.

O resultado encontrado para o táxon dos peixes corrobora parcialmente com uma das hipóteses propostas, onde foi sugerido que os peixes seriam um grupo que as crenças resultariam em um elevado número de óbitos devido à distância filogenética ao homem.

As crenças relacionadas aos peixes tiveram maior predominância para o uso zoterápico e produtos afrodisíacos (ALVES ET AL., 2012; BASSAN ET AL., 2020; CHELLAPPANDIAN ET AL., 2014; DEB, 2011), em oferendas em rituais religiosos e como “amuletos” para atrair sorte ou dinheiro (ALVES et al., 2012; DEB, 2011; JAVIER et al., 2011).

No geral, o uso de animais para necessidades mágico-religiosa, principalmente, se partindo para o aspecto espiritual, se mostrara como um fator importante na redução da população de vários animais dentre todos os táxons. Robson e Berkes (2010) observaram que a diversidade cultural e as necessidades espirituais há muito

estão conectadas às maneiras como os humanos usam e interagem com a biodiversidade e, em muitas partes do mundo, a crença em uma natureza sagrada sustenta a relação das pessoas com a terra e os recursos.

Portanto, essa análise de como as crenças se relacionam entre os grupos taxonômicos nos faz deduzir que elas estão atuando de forma negativa entre várias espécies de animais e que isso tem que ser avaliado dentre as formulações de programas de conservação de fauna.

4.5 FOLCLORES NA CONSERVAÇÃO DE ANIMAIS

As mudanças culturais e as transformações ambientais fazem parte de um mesmo processo: conforme as matas vão diminuindo, o lago vai secando, a quantidade de peixes vai sendo reduzida, o modo de vida das comunidades da área de estudo se modifica e a sua visão cultural é alterada (ARRAES DE ARAUJO et al. 2015).

Dentro da cultura, além das crenças, encontra-se os folclores, que Neves (2014) define como uma marca, ou uma parcela da cultura popular que representa aquela produzida pelo povo e com o passar do tempo, a cultura do povo alcança certas regras ou normas que se repetem. Como assegura Salles (1969), o folclore é uma “matéria viva”, produto da cultura, uma vez que a sociedade participa na sua criação e manutenção. Conseqüentemente, por ser uma manifestação que pode ser transmitida por todos.

Os folclores apresentaram um baixo registro de animais nos estudos desta revisão, com apenas 15 animais encontrados. Os folclores encontrados nesta revisão estiveram distribuídos em estudos na África, América Central, América do Sul e Europa, com o maior número de óbitos de animais sendo encontrado na África.

Ao analisar como esses folclores se comportam na conservação de animais, os resultados mostraram que 9 dos 15 casos de folclore descritos, vieram levar animais a óbito (LAWAL; BANJO, 2007; CERÍACO et al., 2011; SÁ ALVES; ZAPPES; ANDRIOLO, 2012; KANE, 2015; CAMINO et al., 2018). Um exemplo importante de folclore que resultou em óbito é o caso do boto (*Inia geoffrensis*), e do tucuxi (*Sotalia fluviatilis*) na Amazônia brasileira descrito no estudo de Sá Alves, Zappes e Andriolo

(2012). Um detalhe importante é que ambos se encontram em extinção (EN), segundo a lista da IUCN (2022).

Segundo o folclore local, “os botos viram homens e ficam encantados”; “eles comem gente”; “eles sobem em terra, viram gente e pulam na água de novo” e “eles colocam feitiços nas pessoas” (SÁ ALVES et al., 2012). O boto é tradicionalmente visto como um ser travesso e tempestuoso, temido e respeitado, e o exemplo clássico deste folclore sobre os botos é aquele em que eles conseguem se transformar em homens caucasianos que são hábeis em dançar e seduzir jovens mulheres (GRAVENA et al., 2008). Tal situação contribui para uma predação de botos por pescadores locais.

Todavia, também foram relatados exemplos de folclores que não levaram os animais a óbito, conforme descrito no estudo de (KANE, 2015), que traz uma lista de aves do Panamá e folclores relacionadas a elas. No caso da ave conhecida popularmente como acauã (*Herpetotheres cachinnans*), o folclore local aponta que este pássaro grita em espanhol “Cafe con harina (café e farinha)”. Esses alimentos são os preferidos para velórios e o canto do pássaro sinaliza que alguém está prestes a morrer.

Então, ao analisar o aspecto conservacionista, chegou-se à conclusão de que os folclores não apresentaram influência negativa quanto ao aspecto populacional para a fauna, pois devido ao baixo número de espécies encontradas, se faz necessário observar caso a caso e sugerir estratégias locais para conservação da fauna que possa vir a ser impactada.

4.6 FOLCLORES E SUA INFLUÊNCIA POR GRUPOS TAXONÔMICOS

Nos estudos desta revisão foram encontrados folclores relacionados a quatro táxons, sendo eles aves, insetos, mamíferos e répteis. Todos os insetos e mamíferos com algum folclore relacionado chegaram a óbito, entretanto, como já foi pontuado no tópico anterior, o número de animais presente nos estudos foi baixo. Nessa situação, ao observar a hipótese dessa pesquisa no qual verifica a distância filogenética das espécies ao homem, os dados não apresentam um quantitativo suficiente para afirmar, ou não, se a distância filogenética para o *Homo sapiens* teria influência para a presença desses folclores.

4.7 MITOS NA CONSERVAÇÃO DE ANIMAIS

A Mitologia é basicamente o estudo e interpretação de mitos, lendas associadas a determinadas culturas. O termo mitologia era usado também para explicar fatores fenomenais, climáticos e grandes acontecimentos (PETERSEN et al., 2012). Para Midgley (2018), “mitos não são mentiras; e não são histórias neutras. São modelos imaginativos, redes de símbolos poderosos que sugerem maneiras particulares de interpretarmos o mundo, moldando seu significado”.

Os personagens de um mito tendem a provar algum ponto ligado ao poder, amor e costumes. Geralmente, eles têm algum fator religioso, são frequentemente deuses (Rá, deus egípcio do Sol, segundo a mitologia Egípcia) ou heróis (Odisseu, herói da mitologia Grega) retratando tradições que, em comum, envolvem uma força sobrenatural ou divina, todavia, há algumas que são apenas lendas transmitidas oralmente por gerações (PETERSEN et al., 2012).

Neste estudo, foram encontrados mitos em que os animais retratam divindades, anúncio de doenças, mortes ou eventos climáticos (BENÍTEZ, 2011; NYIRENDA et al., 2017; CERVERA et al., 2021; DEUTSCH et al., 2021). E tais mitos encontraram-se distribuídos em estudos encontrados na África, América Central e América do Sul.

A quantidade de animais relacionados a mitos encontrados nessa revisão foi pequena (n = 16). Ao avaliar o aspecto conservacionista, apenas 4 de 16 dos casos resultaram em óbito dos animais. No estudo de (NYIRENDA et al., 2017), realizado em Zâmbia, país localizado na região central do continente africano, os mitos envolvendo aves tiveram resultado negativo a aquelas espécies, pois, por exemplo, no caso da coruja conhecida como rasga-mortalha (*Tyto alba*) as pessoas relataram que “se encontram uma coruja viva, a maioria a persegue e muitas vezes até a mata por acreditar que as corujas são um mau presságio e feias.”

Já no estudo de Martínez (2017), nenhum dos mitos relacionados a fauna levou ela a óbito, caso do réptil, conhecido como monitor de bengala (*Varanus bengalensis*), que segundo a mitologia local, tinha a função de limpar o mundo. Enquanto o pássaro Aracuã-de-asas-azuis, da espécie *Ortalis vetula*, tem um mito associado ao seu canto, onde ele irá anunciar o fim do período chuvoso.

Portanto, apesar dos mitos encontrados nessa revisão não ter uma porcentagem maior de óbitos, o baixo número de estudos e espécies encontradas acaba fazendo ser necessário observações específicas em cada local, para poder concluir se os mitos afetam de forma positiva ou negativa a fauna.

4.8 MITOS E SUA INFLUÊNCIA NOS GRUPOS TAXONÔMICOS

Foram encontrados apenas três grupos taxonômicos que possuem mitos associados as espécies, sendo o táxon dos Anfíbios, Aves e Répteis. E assim como no caso dos folclores, o baixo número de estudos e espécies descritas também acaba inviabilizando a verificação da relação da distância filogenética do ser humano para as demais espécies.

5 CONCLUSÃO

As crenças, folclores e mitos envolvendo animais estão presentes em nosso cotidiano e este trabalho mostrou como esses aspectos culturais podem impactar na conservação da fauna de vários lugares do planeta. As crenças tiveram predominância em relação aos folclores e mitos, além disso, apresentou um número maior de óbitos em relação aos demais, sendo então o aspecto cultural identificado com a capacidade de interferir na dinâmica populacional das espécies. Outro caso importante que os dados dessa pesquisa trouxeram foi quanto aos grupos taxonômicos e sua relação com esses fatores culturais, tendo o grupo dos mamíferos e aves como principais impactados, sendo os mamíferos de forma negativa e as aves de forma positiva. Essa situação foi contrária a hipótese sugerida que esses fatores culturais poderiam interferir positivamente na fauna desse táxon pois esse grupo é filogeneticamente mais próximo do *Homo sapiens*. Portanto, conclui-se que esses fatores culturais devem ser levados em conta durante elaboração de planos de manejo de Unidades de Conservação, ou quaisquer planos de proteção a fauna silvestre.

REFERÊNCIAS

- ALCÁNTARA-SALINAS, G.; HUNN, E. S.; RIVERA-HERNÁNDEZ, J. E. Avian biodiversity in two zapotec communities in Oaxaca: The role of community-based conservation in San Miguel Tiltepec and San Juan Mixtepec, Mexico. **Human Ecology**, v. 43, n. 5, p. 735–748, 2015a.
- ALLABY, M. **Animals: from mythology to zoology**. [s.l.] Infobase Publishing, 2010a.
- ALVES, L. C. P. DE S.; ZAPPES, C. A.; ANDRIOLO, A. Conflicts between river dolphins (Cetacea: Odontoceti) and fisheries in the Central Amazon: a path toward tragedy? **Zoologia (Curitiba)**, v. 29, n. 5, p. 420–429, 2012.
- ALVES, R. et al. Animal-based remedies as complementary medicines in the semi-arid region of northeastern Brazil. **Evidence-based complementary and alternative medicine**, 2011.
- ALVES, R. R. DA N.; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S. A Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas. **Estudos & Avanços**, v. 1, 2010a.
- ALVES, R. R. N. et al. Animal-based remedies as complementary medicines in Santa Cruz do Capibaribe, Brazil. **BMC Complementary and Alternative Medicine**, v. 8, n. 44, p. 1–9, 22 jul. 2008.
- ALVES, R. R. N. et al. Commercialization of animal-derived remedies as complementary medicine in the semi-arid region of Northeastern Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 124, n. 3, p. 600–608, 2009a.
- ALVES, R. R. N. Relationships between fauna and people and the role of ethnozoology in animal conservation. **Ethnobiology and Conservation**. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2012b.
- ALVES, R. R. N. et al. Animals for the Gods: Magical and Religious Faunal Use and Trade in Brazil. **Human Ecology**, v. 40, n. 5, p. 751–780, 1 out. 2012a.
- ALVES, R. R. N. et al. Keeping reptiles as pets in Brazil: Ethnozoological and conservation aspects. **Journal for Nature Conservation**, v. 49, p. 9–21, 2019.
- ALVES, R. R. N.; ROSA, I. L. Why study the use of animal products in traditional medicines? **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 1, n. 1, p. 5, 2005a.
- ARAÚJO, N. A. et al. Os mitos do lago formoso em Penalva, baixada maranhense: uma estratégia de conservação que desaparece. **Repocs**, v. 12, n. 24, p. 277–300, 2015.
- ARCHER, L. J. et al. Scaling up local ecological knowledge to prioritise areas for protection: Determining Philippine pangolin distribution, status and threats. **Global Ecology and Conservation**, v. 24, 1 dez. 2020.

NOBREGA, V. et al. Utilização de aves silvestres por moradores do município de Fagundes, Semiárido paraibano: uma abordagem etno-ornitológica. **Sitientibus série Ciências Biológicas**. 2011.

BAIYEWU, A. O. et al. Ethnozoological survey of traditional uses of Temminck's ground pangolin (*Smutsia temminckii*) in South Africa. **Society and Animals**, v. 26, n. 3, p. 306–325, 2018.

BARBOSA, J. A. A.; AGUIAR, J. O. Utilização místico-tradicional da fauna no semiárido paraibano. **Polêmica**, v. 11, n. 4, p. 642–649, 2012.

BARBOSA, J. A. A.; AGUIAR, J. O. Conhecimentos e usos da fauna por caçadores no semiárido brasileiro: um estudo de caso no estado da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Biotemas**, v. 28, n. 2, p. 137–148, 2015.

BARRIOS-GARRIDO, H. et al. Marine Turtle Presence in the Traditional Pharmacopoeia, Cosmivision, and Beliefs of Wayuú Indigenous People. **Chelonian Conservation and Biology**, v. 17, n. 2, p. 177–186, 1 dez. 2018.

BARROS, M. M. DOS S.; ZANNONI, C. O NATURAL E O SOBRENATURAL: Aspectos da religião de dois Povos Indígenas. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História**, v. 5, n. 6, 15 dez. 2008.

BASSAN, G. et al. Fishing resources used by the local community of Fernando de Noronha Archipelago (PE, Brazil): Preferences, food taboos and medical use. **Oecologia Australis**, v. 24, n. 4, p. 869–877, 2020.

BENÍTEZ, G. Animals used for medicinal and magico-religious purposes in western Granada Province, Andalusia (Spain). **Journal of Ethnopharmacology**, v. 137, n. 3, p. 1113–1123, 2011a.

BERKES, F. **Sacred Ecology**. Nova York: Routledge, 2012.

BERKES, F. Religious traditions and biodiversity. 2013.

BERKES, F.; COLDING, J.; FOLKE, C. Rediscovery of traditional ecological knowledge as adaptive management. **Ecological applications**, v. 10, n. 5, p. 1251–1262, 2000.

BEZERRA, D. M. M. et al. Birds and people in semiarid northeastern Brazil: Symbolic and medicinal relationships. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 9, n. 3, p. 1–11, 8 jan. 2013.

BOAKYE, M. K. et al. Ethnomedicinal use of African pangolins by traditional medical practitioners in Sierra Leone. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, v. 10, n. 76, p. 76, 2014.

BOBO, K. S.; AGHOMO, F. F. M.; NTUMWEL, B. C. Wildlife use and the role of taboos in the conservation of wildlife around the Nkwende Hills Forest Reserve; South-west Cameroon. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 11, n. 1, 7 jan. 2014.

- CAMINO, M. et al. Relations with wildlife of Wichi and Criollo people of the Dry Chaco, a conservation perspective. **Ethnobiology and Conservation**, v. 7, p. 1–21, 2018.
- CERÍACO, L. M. et al. Folklore and traditional ecological knowledge of geckos in Southern Portugal: implications for conservation and science. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 7, n. 26, p. 1–9, 2011.
- CERVERA, P. E. N. et al. Traditional Knowledge and Uses of Wild Vertebrates in the Maya Community of Zavala, Municipality of Sotuta, Yucatan, Mexico. **Estudios de Cultura Maya**, v. 57, n. 1, p. 275–304, 2021b.
- CHELLAPPANDIAN, M. et al. Documentation and quantitative analysis of local ethnozoological knowledge among traditional healers of Theni district, Tamil Nadu, India. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 154, n. 1, p. 116–130, 28 maio 2014.
- CHOWDHURY, M. S. H. et al. Dietetic use of wild animals and traditional cultural beliefs in the Mro community of Bangladesh: An insight into biodiversity conservation. **Biodiversity**, v. 15, n. 1, p. 23–38, 2014.
- COETZEE, H.; NELL, W.; VAN RENSBURG, L. An exploration of cultural beliefs and practices across the Southern Ground-Hornbill's range in Africa. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 10, n. 28, p. 1–7, 2014.
- COHN, J. P. Culture and conservation: a greater sensitivity to local culture could increase the success of both conservation and development projects. **BioScience**, v. 38, n. 7, p. 450–453, 1988.
- COSTA-NETO, E. M. Healing with animals in Feira de Santana city, Bahia, Brazil. **Journal of ethnopharmacology**, v. 65, n. 3, p. 225–230, 1999.
- DEB, A. K. 'Surrender to nature': Worldviews and rituals of the small-scale coastal fishers of Bangladesh. **Marine Policy**, v. 92, p. 1–12, 1 jun. 2018.
- DEB, A. K.; EMDAD HAQUE, C. "Every mother is a mini-doctor": Ethnomedicinal uses of fish, shellfish and some other aquatic animals in Bangladesh. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 134, n. 2, p. 259–267, 24 mar. 2011.
- DEUTSCH, C. et al. Human attitudes as threats in amphibians: the case of the Ornate Horned Frog (*Ceratophrys ornata*). **Human Dimensions of Wildlife**, v. 26, n. 3, p. 210–227, 2020.
- DHAKAL, P. et al. Rich yet undocumented ethnozoological practices of socio-culturally diverse indigenous communities of Sikkim Himalaya, India. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 249, p. 1–35, 1 mar. 2020.
- DICKMAN, A. J.; HAZZAH, L. Money, myths and man-eaters: Complexities of human–wildlife conflict. **Problematic wildlife: A cross-disciplinary approach**, p. 339–356, 2016.
- DOSSOU, E. M. et al. Ethnozoological uses of common hippopotamus (*Hippopotamus amphibius*) in Benin Republic (Western Africa). **Indian Journal of Traditional Knowledge**, v. 17, n. 1, p. 85–90, 2018.

DREW, J. A. Use of Traditional Ecological Knowledge in Marine Conservation. **Conservation Biology**, v. 19, n. 4, p. 1286–1293, 2005.

EBENEBE, C. I. et al. Survey of edible insect consumption in south-eastern Nigeria. **Journal of Insects as Food and Feed**, v. 3, n. 4, p. 241–252, 2017.

ESTRADA-PORTILLO, D. S. et al. Valor de uso, importancia cultural y percepciones sobre mamíferos silvestres medianos y grandes en la Mixteca Poblana. **ACTA ZOOLOGICA MEXICANA (N.S.)**, v. 34, p. 1–15, 12 nov. 2018.

FERRONATO, B. O.; CRUZADO, G. Uses, beliefs, and conservation of turtles by ashaninka indigenous people, central peru. **Chelonian Conservation and Biology**, v. 12, n. 2, p. 308–313, dez. 2013.

GADGIL, M.; BERKES, F.; FOLKE, C. Indigenous Knowledge for Biodiversity Conservation. **Ambio**, v. 22, n. 2/3, p. 151–156, 1993.

GEERTZ, C. La interpretación de las culturas: la religión como sistema cultural. **Barcelona: Editorial Gedisa SA**, 2005.

GRAVENA, W. et al. Amazon River dolphin love fetishes: from folklore to molecular forensics. **Marine Mammal Science**, v. 24, n. 4, p. 969, 2008.

HUNT, D. The face of the wolf is blessed, or is it? Diverging perceptions of the wolf. **Folklore**, v. 119, n. 3, p. 319–334, 2008.

INGOLD, T. **The appropriation of nature: essays on human ecology and social relations**. 1ª ed. Iowa City: University of Iowa Press, 1987.

JANAKI, M.; PANDIT, R.; SHARMA, R. K. The role of traditional belief systems in conserving biological diversity in the Eastern Himalaya Eco-region of India. **Human Dimensions of Wildlife**, v. 26, n. 1, p. 13–30, 2021.

FARINA, A. et al. Etnobiología Marinha E Aspectos: navios De Pesca Em Seis Comunidades Costeiras da Península De Paria, Venezuela. **Interciencia**, v. 36, 2011.

KANE, S. C. Bird names and folklore from the Emberá (Chocó) in Darién, Panamá. **Ethnobiology Letters**, v. 6, n. 1, p. 32–62, 15 jun. 2015.

KOTZ, S. et al. Encyclopedia of Statistical Sciences. **Encyclopedia of Statistical Sciences**, 15 jul. 2004.

KRET, E. et al. First documented case of the killing of an egyptian vulture (Neophron Percnopterus) fo rbelief-based practices in Western Africa. **Vie et Milieu**, v. 68, p. 45–50, 1 jan. 2018.

KRÓL, K.; HERNIK, J. Crows and ravens as indicators of socioeconomic and cultural changes in urban areas. **Sustainability (Switzerland)**, v. 12, n. 24, p. 1–21, 1 dez. 2020.

KUSHWAH, V. S.; SISODIA, R.; BHATNAGAR, C. Magico-religious and social belief of tribals of district Udaipur, Rajasthan. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 13, n. 1, p. 1–7, 1 dez. 2017.

- LANDIS, J. R.; KOCH, G. G. The Measurement of Observer Agreement for Categorical Data. **Biometrics**, v. 33, n. 1, p. 159, mar. 1977.
- LAWAL, O. A.; BANJO, A. D. Survey for the Usage of Arthropods in Traditional Medicine in Southwestern Nigeria. **Journal of Entomology**, v. 4, n. 2, p. 104–112, 2007.
- LÉO NETO, N. A.; BROOKS, S. E.; ALVES, R. R. N. From Eshu to Obatala: Animals used in sacrificial rituals at Candomblé “terreiros” in Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 5, n. 23, p. 23, 26 ago. 2009b.
- LIMA, J. R. B. DE et al. Percepções e crenças sobre fauna cinegética em uma região semiárida do Brasil. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v. 8, n. 3, p. 23–30, 17 maio 2017.
- LIMA, J. R. B. DE; FLORÊNCIO, R. R.; SANTOS, C. A. B. DOS. Contribuições da Etnozoologia para a conservação da fauna silvestre. **Revista Ouricuri**, v. 4, n. 3, p. 48–67, 2014.
- Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN.** Disponível em: <<https://www.iucnredlist.org/about/citationinfo>>. Acesso em: 8 dez. 2022.
- MADDEN, F. M. The Growing Conflict Between Humans and Wildlife: Law and Policy as Contributing and Mitigating Factors. **Journal of International Wildlife Law & Policy**, v. 11, n. 2–3, p. 189–206, 19 dez. 2008.
- MAGIGE, F.; RØSKAFT, E. Medicinal and commercial uses of ostrich products in Tanzania. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 13, n. 1, p. 1–7, 23 ago. 2017.
- MARQUES, J. G. W. **Pescando pescadores: etnoecologia abrangente no baixo São Francisco alagoano.** São Paulo: NUPAUB-USP, São Paulo, BR, 1995.
- MARTÍNEZ, F. G. ETNO-ORNITOLOGÍA MAYA TOJOLABAL: ORÍGENES, CANTOS Y PRESAGIOS DE LAS AVES. **Homero**, p. 179–192, 2017.
- MEDEIROS, P. M.; LADIO, A. H.; ALBUQUERQUE, U. P. Sampling problems in Brazilian research: a critical evaluation of studies on medicinal plants. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 24, n. 2, p. 103–109, 1 mar. 2014.
- MIDGLEY, M. **A presença dos mitos em nossas vidas.** [s.l.] SciELO-Editora UNESP, 2018.
- MOAZAMI, M. Evil animals in the Zoroastrian religion. **History of Religions**, v. 44, n. 4, p. 300–317, 2005a.
- MOURÃO, J. DA S.; NIVALDO, N. Pescadores, peixes, espaço e tempo: Uma abordagem etnoecológica. **Interciencia**, v. 31, p. 358–363, 2006.
- MUHAMMAD, S. I.; DOBREV, V. **First documented case of the killing of an egyptian vulture (Neophron Percnopterus) fo rbelief-based practices in Western Africa.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/326977042>>.

- MULYANTO, D. et al. Folk name and lore of birds from the sundanese of west java, indonesia: An ethno-ornithological survey. **Biodiversitas**, v. 21, n. 9, p. 4384–4395, 1 set. 2020.
- NASI, R.; TABER, A.; VAN VLIET, N. Empty forests, empty stomachs? Bushmeat and livelihoods in the Congo and Amazon Basins. **International Forestry Review**, v. 13, n. 3, p. 355–368, 2011.
- NEVES, L. DE O. Folgado e teatro: onde termina um e começa o outro? **Cadernos Letra e Ato**, v. 4, n. 4, p. 29–37, 2014.
- NIKOLOUDIS, S. Animal sacrifice in the Mycenaean world. **Journal of Prehistoric Religion**, v. 15, p. 32–38, 2001.
- NOLAN, J. M.; ROBBINS, M. C. Emotional Meaning and the Cognitive Organization of Ethnozoological Domains. **Journal of Linguistic Anthropology**, v. 11, n. 2, p. 240–249, 2001.
- NYIRENDA, V. R. et al. Peasant farmer-raptor conflicts around Chembe Bird Sanctuary, Zambia, central Africa: poultry predation, ethno-biology, land use practices and conservation. **Animal Biodiversity and Conservation**, v. 40, n. 1, p. 121–132, 2017.
- OJASTI, J.; DALLMEIER, F. **Manejo de fauna silvestre neotropical**. [s.l.] Smithsonian Institution/MAB Program Estados Unidos, 2000. v. 5
- ORO, A. P. The sacrifice of animals in Afro-Brazilian religions: analysis of a recent controversy in the Brazilian state of Rio Grande do Sul. **Religião & Sociedade**, v. 1, n. SE, p. 0, 2006.
- PAGANI, E.; SANTOS, J. F. L.; RODRIGUES, E. Culture-Bound Syndromes of a Brazilian Amazon Riverine population: Tentative correspondence between traditional and conventional medicine terms and possible ethnopharmacological implications. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 203, p. 80–89, 5 maio 2017.
- PAGE, M. J. et al. A declaração PRISMA 2020: diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 31, n. 2, 2022.
- PEIRCE, C. S. The fixation of belief (1877). **The Essential Peirce**, v. 1, 1877.
- PÉRSIO SANTOS DE OLIVEIRA. **Introdução à Sociologia**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- PETERSEN, B. K. et al. **Mitologia Nórdica e as Diferentes Mitologias Pelo Mundo**. 2012.
- RIÓS-ORJUELA, J. C. et al. Knowledge and interactions of the local community with the herpetofauna in the forest reserve of Quininí (Tibacuy-Cundinamarca, Colombia). **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 16, n. 1, p. 1–11, 15 abr. 2020.
- ROBSON, J. P.; BERKES, F. Sacred nature and community conserved areas. Em: **Nature and Culture**. [s.l.] Routledge, 2010a. p. 215–234.

- SÁ ALVES, L. C. P.; ZAPPES, C. A.; ANDRIOLO, A. Conflicts between river dolphins (cetacea: Odontoceti) and fisheries in the central amazon: A path toward tragedy? **Zoologia**, v. 29, n. 5, p. 420–429, out. 2012.
- SALLES, V. Questionamento teórico do folclore. **Revista de Cultura Vozes**, v. 63, n. 10, p. 878–888, 1969.
- SANTOS, C. A. B. et al. DO MAU AGOURO À ARTE: A CORUJA NO IMAGINÁRIO POPULAR. **Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai-IDEAU**, v. 10, n. 22, p. 1–14, 2015.
- SANTOS, C. A. B. DOS. **PADRÕES DE CAÇA, PESCA E USO DE ANIMAIS SILVESTRES PELA ETNIA TRUKÁ, NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO**. Tese (Doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza). Recife: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO-UFRPE, 2016.
- SANTOS, M. DO C. P. DOS; GIRALDIN, O. Etnozoologia no Brasil central: os animais na cultura do povo Iny/Javaé. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v. 12, n. 10, p. 527–544, 2021.
- SANTOS, J. DE F. L. et al. Observations on the therapeutic practices of riverine communities of the Unini River, AM, Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 142, n. 2, p. 503–515, 13 jul. 2012.
- SANTOS-FITA, D.; COSTA-NETO, E. M. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozologia. **Biotemas**, v. 20, n. 4, p. 99–110, 2007a.
- SILVA, A. L. Comida de gente: preferências e tabus alimentares entre os ribeirinhos do Médio Rio Negro (Amazonas, Brasil). **Revista de Antropologia**, v. 50, 2007.
- SILVA, J. P. Práticas religiosas e consciência ecológica nas religiões afro-pessoenses. **CAOS–Revista Eletrônica de Ciências Sociais (14)**, p. 174–190, 2009.
- SOUTO, W. et al. Medicinal animals used in ethnoveterinary practices of the 'Cariri Paraibano', NE Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 7, n. 1, p. 1–20, 2011.
- ST JOHN, F. A. V; EDWARDS-JONES, G.; JONES, J. P. G. Conservation and human behaviour: lessons from social psychology. **Wildlife Research**, v. 37, n. 8, p. 658–667, 2010.
- SUWANNARONG, K. et al. Bats and belief: A sequential qualitative study in Thailand. **Heliyon**, v. 6, n. 6, p. 1–9, 1 jun. 2020.
- TITO, M. DO C. P. DOS S.; GIRALDIN, O. Etnozoologia no Brasil central: os animais na cultura do povo Iny/Javaé. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v. 12, n. 10, p. 527–544, 20 out. 2021.
- VIJAYAKUMAR, S. et al. Ethnzoological study of animals used by traditional healers in Silent Valley of Kerala, India. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 162, p. 296–305, 13 mar. 2015.

Ulicsni, V.; Svanberg, I.; Molnár, Z. Folk knowledge of invertebrates in Central Europe - folk taxonomy, nomenclature, medicinal and other uses, folklore, and nature conservation. ***Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine***, 12(1). 2006.
<https://doi.org/10.1186/s13002-016-0118-7>

WHITE, L. A. **The science of culture, a study of man and civilization**. Nova York: Farrar, Straus, 1949.

WILLIAMS, V. L.; WHITING, M. J. A picture of health? Animal use and the Faraday traditional medicine market, South Africa. ***Journal of Ethnopharmacology***, v. 179, p. 265–273, 17 fev. 2016.

WOODROFFE, R.; THIRGOOD, S.; RABINOWITZ, A. **People and wildlife, conflict or co-existence?** [s.l.] Cambridge University Press, v.9, 2005.

CAPÍTULO 2:

TABUS ALIMENTARES E CONSERVAÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE COMO AS EXPRESSÕES CULTURAIS INFLUENCIAM O FORRAGEAMENTO HUMANO FOOD TABOOS AND WILD ANIMAL CONSERVATION: A SYSTEMATIC REVIEW OF HOW CULTURAL EXPRESSIONS INFLUENCE HUMAN FORAGING

André Santos Landim¹
Daniel Tenório Oliveira²
Felipe Silva Ferreira³

RESUMO

Este trabalho consiste em uma revisão sistemática que teve como objetivo verificar como os tabus alimentares variam entre diferentes espécies animais e como essa relação tem influenciado na sua conservação. Foram selecionados 25 estudos por meio de buscas nas bases de dados Science Direct, Scopus, SciELO e Web of Science associando o termo “tabu” aos táxons “anfíbios”, “pássaros”, “mamíferos”, “peixes” e “répteis”. Identificou-se que 100 espécies de animais estão relacionadas a algum tipo de tabu e predominaram tabus segmentares e tabus específicos, com 93 e 31 citações, respectivamente. Além disso, o táxon com mais tabus registrados foi o dos peixes, seguido dos mamíferos. Nossos achados indicam que o tabu protege 99 das 100 espécies animais citadas, sendo uma ferramenta importante para a conservação dessas espécies.

Palavras-chave: Conservação. Restrições alimentares. Sistemas socioculturais. Animais selvagens.

¹ Pós-graduando em Ciências da Saúde e Biológicas; Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF; andre.landim@discente.univasf.edu.br.

² Doutor em Ciências da Saúde; Professor Adjunto da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF; daniel.tenorio@univasf.edu.br

³ Doutor em Zoologia; Professor Adjunto da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF; felipe.sferreira@univasf.edu.br

ABSTRACT

This work consists of a systematic review that aimed to verify how food taboos vary between different animal species and how this relationship has influenced their conservation. 25 studies were selected through searches in Science Direct, Scopus, SciELO and Web of Science databases associating the term “taboo” with the taxa “amphibians”, “birds”, “mammals”, “fish” and “reptiles”. It was identified that 100 species of animals are related to some type of taboo and segmental taboos and specific taboos were predominant, with 93 and 31 citations, respectively. In addition, the taxon with the most taboos recorded was fish, followed by mammals. Our findings indicate that the taboo protects 99% of the animal species mentioned, being an important tool for the conservation of these species.

Keywords: Conservation. Dietary restrictions. Sociocultural systems. Wild animals.

1 INTRODUÇÃO

O processo de alimentação é influenciado por fatores sociais, culturais e biológicos, levando as populações humanas a selecionar determinados alimentos e evitar outros. As pessoas reconhecem e classificam os alimentos quanto à sua nutrição, considerando preferências que determinam a intensidade e a frequência com que determinados recursos são consumidos (SILVA, 2007; BRAGA et al., 2016; CHAVES et al., 2018).

Sobre as restrições alimentares, os tabus se destacam como um importante elemento cultural em diversas sociedades (BEGOSSI et al., 2004; VLIET et al., 2018; NIJHAWAN; MIHU, 2020; KNOOP, et al., 2020). Os tabus alimentares são elementos culturais que representam regras não escritas que regulam o comportamento humano em relação a determinados recursos, apresentando-se sob duas formas: tabus gerais, que são impostos a todo um grupo étnico fazendo com que nunca comam determinados alimentos, e tabus específicos, entendidos como temporários e que interferem com um período da vida do indivíduo, como restrições alimentares em determinadas idades, diante de doenças e em determinados momentos da vida (COLDING & FOLKE, 1997; PRADO et al., 2017).

Os tabus alimentares atuam impedindo o acesso a um determinado recurso alimentar e diversas características estão relacionadas para definir uma espécie como tabu. Os animais podem ser evitados como alimento devido à presença de toxicidade, parasitas, teor de gordura, posição na cadeia alimentar que ocupam, microhabitat e seu estado de conservação (BARBOZA et al., 2014; TALUKDAR & GUPTA, 2018). Em um estudo de caso no Brasil, constatou-se que as restrições alimentares existentes entre as populações de pescadores da região sudeste estavam relacionadas ao formato do peixe, sua aparência, odor, comportamento, dentes salientes, ausência de escamas, carne forte ou pesada (chamado no Brasil de “reimosa”), hábito de comer lodo e presença de sangue (BEGOSSI, 1992).

Adicionalmente, aspectos relacionados à disponibilidade local de fauna (considerando a riqueza e abundância de espécies) e o acesso a outras proteínas são apontados como motivadores para a ausência ou presença de tabus alimentares. A literatura mostra que nos casos em que o recurso alimentar diminui, há uma tendência de flexibilização dos tabus alimentares (BEGOSSI, 2004; PRADO et al., 2017).

A presença de um tabu alimentar em uma sociedade humana traz um debate associado à conservação da fauna. A hipótese defendida é que as restrições alimentares resultam em estratégias adaptativas que contribuem para a conservação e manejo dos recursos naturais, sobretudo protegendo algumas espécies de animais (LARREA-KILLINGER et al., 2019). Nesse sentido, a literatura sugere que a presença de tabus contribui diretamente para a conservação das espécies animais (BEGOSSI et al., 2004; PEZZUTI, 2004; PEZZUTI et al., 2010). No entanto, faltam estudos que mostrem se de fato os tabus alimentares atuam como elementos culturais que contribuem para a conservação da fauna. Além disso, existem lacunas no conhecimento sobre como os tabus alimentares se comportam em relação aos grupos taxonômicos (aves, mamíferos, répteis, anfíbios) e como eles aparecem em diferentes regiões do planeta.

Assim, o presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática a partir das seguintes questões motivadoras: I) os tabus alimentares influenciam na conservação da fauna? II) há variação nos tipos de tabus entre grupos taxonômicos e continentes?

2 MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 ESTRATÉGIA DE PESQUISA E SELEÇÃO DE ESTUDOS

A revisão sistemática foi realizada com base na diretriz Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions e na ferramenta Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA). Estudos potencialmente relevantes foram identificados por meio de uma pesquisa nas bases de dados Scopus, SciELO, Web of Science e Science Direct. As seguintes questões de pesquisa foram utilizadas para esta pesquisa: os tabus alimentares influenciam a conservação de espécies silvestres? Os tabus influenciam as atitudes de proteção à fauna variam entre grupos taxonômicos e continentes?

Como estratégia de busca, foi utilizado o termo padronizado “Tabu” combinado com termos relacionados aos táxons animais “mamíferos”, “répteis”, “Anfíbios”, “aves” e “peixes”, vinculados pelo operador booleano “and”. Esses termos são considerados padronizados porque foram selecionados a partir de consultas na enciclopédia de vocabulários controlados na “Biblioteca Nacional de Medicamentos” por meio dos “Medical Subject Headings” (MeSH) e na BVS por meio dos “Descritores em Ciências da Saúde” (DeCS). A busca foi realizada com termos em inglês, português e espanhol. Não foi utilizado limite de tempo na busca do banco de dados.

2.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DE ESTUDOS

Foram incluídos na revisão estudos que atenderam aos seguintes critérios de elegibilidade: 1) publicação em inglês, espanhol ou português; 2) objeto de estudo refere-se a animais com tabu alimentar associado; 3) estudo aponta se o tabu associado ao animal leva ou não à morte da espécie. Foram excluídos os trabalhos: 1) indisponíveis na íntegra; 2) resumos publicados em anais de congressos; 3) carta ao editor; 4) revisão da literatura; 5) revisão integrativa; 6) revisão de escopo; 7) revisão sistemática com ou sem metanálise; 8) visão geral da revisão sistemática com ou sem meta-análise; 9) capítulo de livro; 10) dissertações; 11) teses; 12) estudos com resultados imprecisos em reação a tabus associados a espécies; 13) artigos sem o nome científico do animal; 14) estudos que abordaram diferentes táxons de anfíbios, aves, mamíferos, peixes e répteis.

De acordo com os critérios de elegibilidade, os artigos foram selecionados de baseado na avaliação dos títulos, seguida da leitura dos resumos. Se o artigo era apropriado, era lido na íntegra. A seleção foi realizada por dois pesquisadores (revisão pareada), denominados “Revisor 1” e “Revisor 2”. Em situações de desacordo entre os revisores, um terceiro revisor realizou o desempate.

A triagem inicial dos artigos encontrados nas bases de dados foi realizada por meio do software EndNotex9 para exclusão de títulos duplicados. Tanto a seleção pareada de títulos quanto de resumos foi realizada por meio do software Rayyan (OUZZANI et al., 2016). Para verificar o grau de concordância entre os revisores, foi aplicado o Teste Kappa. O Coeficiente Kappa pode ser definido como uma medida de associação utilizada para testar o grau de concordância (confiabilidade e precisão) entre avaliadores (KOTZ et al., 2004). A interpretação da magnitude dos estimadores de concordância é convencionalizada como: 0 (ausente), 0 – 0,19 (ruim/insignificante), 0,21 – 0,39 (razoável), 0,40 – 0,59 (moderado), 0,60 – 0,79 (substancial) e $\geq 0,80$ (quase perfeito) (LANDIS & KOCH, 1977). Os cálculos do teste Kappa foram realizados usando o software IBM SPSS Statistics 20.

A tabulação dos dados foi realizada no Microsoft® Excel®, registrando-se as informações dos artigos como: autor; ano de publicação; país; design de estudo; Duração do estudo; nome da espécie; gênero; família; ordem e classe; endemismos e se o tabu alimentar leva à morte ou não.

2.3 ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram analisados qualitativamente, levando em consideração a qualidade do estudo, número de espécies citadas, classificação de tabus e classificação das espécies em relação à ameaça de extinção segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN). a qualidade do estudo foi realizada através da análise do risco de viés em relação a: 1) tamanho da amostra do estudo, 2) indicação da área e população do estudo, 3) estratégia de identificação da espécie, 4) análise dos dados e 5) exposição de tabus alimentares (Tabela 1). A avaliação da qualidade metodológica e o risco de viés foram analisados baseado no estudo de Medeiros et al. (2014).

Tabela 1. Critérios utilizados para análise de viés.

Critérios para análise de risco de viés	Baixo risco de viés	Risco moderado de viés	Alto risco de viés
	Amostra igual ao universo.	Amostra extraída do universo com erro acima de 5% e <10%.	Amostra extraída com erro >10%.
Alto risco de viés	Aleatoriedade amostral de 5%.	Representação de até 80% dos chefes de família.	Representatividade <80% dos chefes de família.
Tamanho da amostra do estudo*	Todos os chefes de família entrevistados.	Nenhuma informação populacional, mas curva de acumulação estável.	Não há informações sobre o número de domicílios.
	Curva de acumulação estabilizada.		A curva de acumulação se afasta da estabilização.
Indicação da área de estudo e população	Apresenta um mapa da área de estudo e informações detalhadas sobre a população de estudo	Não aplicável	Não apresenta um mapa da área de estudo e informações detalhadas sobre a população de estudo
Estratégias de identificação de espécies	Uso de fotografias, coleta de espécimes, observação de campo	Não aplicável	Comparação do nome vernáculo/local com a literatura disponível
Análise de dados	Criação de modelos estatísticos e índices quantitativos	Análises qualitativas e estatísticas descritivas	Análise qualitativa

Exposição de tabus alimentares	Definição clara de motivações tabu	Não aplicável	Tabu Exposição Tangencial
--------------------------------	------------------------------------	---------------	---------------------------

Fonte: Medeiros et al. (2014).

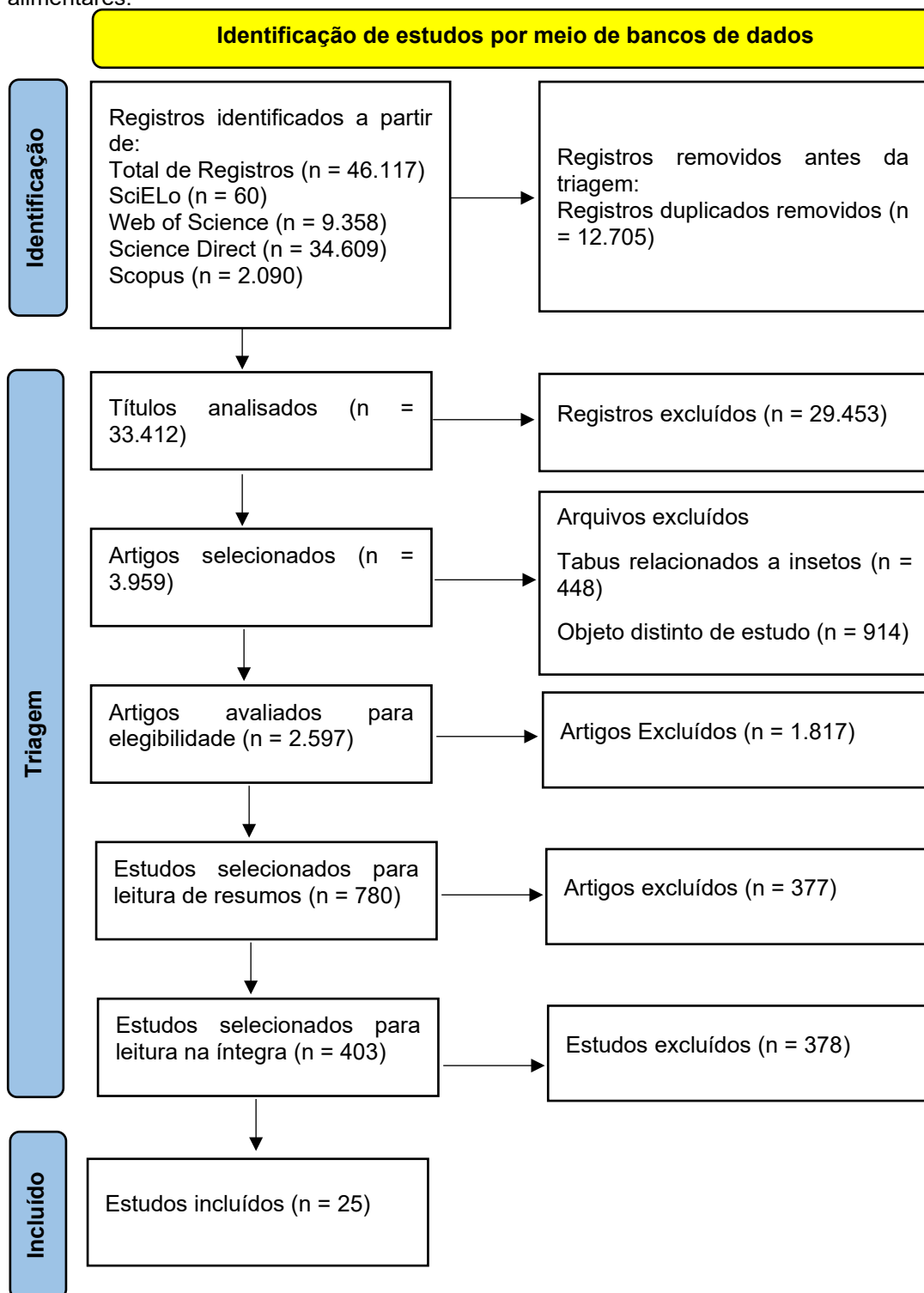
O número de animais citados foi registrado por contagem simples, considerando o número de vezes que um animal é citado em diferentes trabalhos. O número de espécies consiste na frequência com que uma espécie aparece, sem considerar repetições. Por exemplo, se uma espécie é citada por dois trabalhos em países diferentes, ou não, calculamos que o “Número de animais” é igual a dois e o “Número de espécies” é um. Para a classificação dos tabus alimentares, foi adotada a classificação de Colding e Folke (2001), classificando-os em “tabus específicos”, “tabus segmentais”, “tabus de método”, “tabus de história de vida”, “tabus de habitat” e “tabus de tempo”. Também foi registrado se o tipo de tabu estava relacionado à morte do animal.

3 RESULTADOS:

A busca dos artigos nas bases de dados retornou um total de 46.117 títulos relacionados aos descritores. Foram excluídos 12.705 artigos por estarem duplicados, sendo 33.412 incluídos para análise do título. Após a leitura dos títulos, um total de 29.453 artigos foram excluídos por não atenderem aos critérios de elegibilidade. Dos 3.959 títulos restantes, 1.362 estudos foram excluídos, 448 por tratarem de tabus relacionados a insetos e 914 por não terem sido objeto de estudo desta pesquisa.

Antes da seleção por meio da leitura dos resumos, um terceiro revisor foi solicitado a analisar os 2.597 títulos que passaram na triagem inicial, sendo excluídos 1.817 artigos. Foram incluídos 780 artigos para leitura dos resumos, sendo excluídos 377 estudos nesta etapa. Um total de 403 artigos foram lidos na íntegra e 25 estudos foram incluídos nesta revisão (figura 1 e tabela 2).

Figura 1 - Fluxograma de registro e identificação de estudos etnozoológicos relacionados a tabus alimentares.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em (PAGE et al., 2022).

Tabela 2. Informações gerais sobre artigos envolvendo "tabus alimentares" incluídos na revisão sistemática.

	Autor	Título	Objeto de pesquisa	País	Continente	Número de espécies sob tabu	Risco de viés baseado no na amostra
1.	Alexander et al. 2017	O papel dos tabus na proteção e recuperação das tartarugas marinhas.	Reconhecer a presença de tabus sobre as tartarugas marinhas nas comunidades pesqueiras e verificar como as práticas tradicionais influenciam sua conservação.	Suficiente	África	5	Baixo
2.	Baiyewu et al. 2018	Levantamento etnozoológico dos usos tradicionais do pangolim-da-terra de Temminck (<i>Smutsia temminckii</i>) no sul da África.	Determinar o impacto e a demanda pelo pangolim terrestre na África do Sul rural e examinar os usos desta espécie para fins culturais e medicinais tradicionais em toda a área de distribuição do animal.	África do Sul	África	1	Alto
3.	Bassan et al. 2020	Recursos pesqueiros utilizados pela comunidade local do Arquipélago de Fernando de Noronha (PE, Brasil): preferências, tabus alimentares e uso medicinal.	Analisar o conhecimento local e os hábitos alimentares das pessoas de Noronha, suas preferências e desgostos em relação ao consumo de peixes do Arquipélago de Fernando de Noronha/PE.	Brasil	América do Sul	2	Moderado
4.	Batista et al. 2016	Enotaxonomia e tabus alimentares dos pescadores artesanais nos açudes Araras e Edson Queiroz, bacia do rio Acaraú, Ceará, Brasil.	Avaliar a etnotaxonomia e os tabus alimentares de pescadores artesanais das barragens públicas Araras e Edson Queiroz (Ceará, Brasil).	Brasil	América do Sul	4	Alto
5.	Begossi e Braga 1992	Tabus alimentares e medicina popular entre pescadores do rio Tocantins (Brasil).	Análise a utilização de peixes e entenda por que alguns peixes disponíveis são colhidos enquanto outros são rejeitados como alimento.	Brasil	América do Sul	5	Baixo
6.	Begossi et al. 1999	Usos de peixes e caça por habitantes de uma reserva extrativista (Alto Juruá, Acre, Brasil).	Mostrar as diferentes interpretações dos tabus alimentares observados nas sociedades tropicais, incluindo a sua associação com a disponibilidade de recursos.	Brasil	América do Sul	5	Moderado

7.	Begossi et al. 2004	Cadeia alimentar e as razões dos tabus alimentares de peixes entre os pescadores da Amazônia e da Mata Atlântica (Brasil).	Revelar que, na Amazônia e na costa da Mata Atlântica, tabus alimentares de peixes, ou proibições alimentares durante a doença, estão associados a peixes carnívoros, especialmente piscívoros.	Brasil	América do Sul	10	Moderado
8.	Braga e Schiavetti 2013	Atitudes e conhecimentos ecológicos locais de pescadores especialistas em relação à conservação e captura acidental de tartarugas marinhas (reptilia: testudines), Sul da Bahia, Brasil.	Investigar o conhecimento ecológico dos pescadores sobre as tartarugas marinhas e as atitudes em relação à conservação e às suas capturas acessórias.	Brasil	América do Sul	4	Baixo
9.	Braga et al. 2017	Partilhar o conhecimento etnoecológico dos pescadores sobre o pilchard europeu (<i>Sardina pilchardus</i>) na comunidade piscatória mais ocidental da Europa.	Registrar o conhecimento etnoecológico da <i>sardinha pilchardus</i> na comunidade piscatória tradicional de Peniche, Portugal	Portugal	Europa	1	Moderado
10.	Braga et al. 2016	Preferências e tabus alimentares no consumo de pescado em Santarém, Brasil.	Registrar o uso atual dos recursos pesqueiros pelos moradores da cidade de Santarém, no baixo Amazonas, e analisar aspectos associados a evitar ou aumentar o consumo de determinadas espécies.	Brasil	América do Sul	8	Alto
11.	Brooke e Tschapka 2022	Ameaças da caça excessiva à raposa voadora, <i>Pteropus tonganus</i> , (Chiroptera: Pteropodidae) na Ilha Niue, Oceano Pacífico Sul.	Estimar o tamanho da população de <i>Pteropus tonganus</i> em Niue, para avaliar o número de raposas voadoras abatidas durante a caça e para determinar se o nível atual de caça é sustentável.	Niue	Oceânia	1	Alto
12.	Camino et al. 2018	Relações com a vida selvagem dos povos wichi e crioulo do Chaco seco, uma perspectiva de conservação.	Auxiliar no desenvolvimento de ações para a conservação de espécies silvestres nesta região, com foco nas percepções e relações de Wichís e crioulos com a vida selvagem.	Argentina	América do Sul	2	Moderado

13.	Chowdhury et al. 2014	Uso dietético de animais selvagens e crenças culturais tradicionais na comunidade Mro de Bangladesh: uma visão sobre a conservação da biodiversidade.	Explore a cultura local e seu impacto na biodiversidade local nas florestas montanhosas do sudeste de Bangladesh, com base em um estudo da tribo Mro, o grupo aborígine mais antigo do país.	Bangladesh	Ásia	4	Moderado
14.	Ferronato e Cruzado 2013	Usos, crenças e conservação de tartarugas por povos indígenas Ashaninka, Peru Central.	Documente a ocorrência de espécies, tabus e usos de tartarugas pelas comunidades Ashaninka no centro do Peru e explore como seu conhecimento tradicional pode ajudar a proteger as tartarugas.	Peru	América do Sul	2	Alto
15.	Hanazaki e Begossi 2006	Bagres e tainhas: as preferências alimentares e os tabus de caiçaras (litoral da Mata Atlântica Sul, Brasil).	Analisar preferências alimentares e tabus sobre itens de proteína animal entre três comunidades caiçaras da costa sudeste do Brasil.	Brasil	América do Sul	2	Moderado
16.	Janaki et al. 2021	O papel dos sistemas de crenças tradicionais na conservação da diversidade biológica na ecorregião oriental do Himalaia da Índia.	Avaliar se os aspectos informais adotados por essas comunidades podem desempenhar um papel na manutenção da diversidade biológica da região e se a consideração de crenças e tabus tradicionais no planejamento da conservação pode influenciar a conservação da espécie.	Índia	Ásia	5	Moderado
17.	Knoop et al. 2020	Idade, religião e tabus influenciam a caça de subsistência pelos povos indígenas do baixo rio Madeira, Amazônia brasileira.	Avalie como os tabus religiosos associados ao adventismo determinam a composição dos táxons alvo para alimentos.	Brasil	América do Sul	10	Moderado
18.	Kushwah et al. 2017	Crença mágico-religiosa e social de tribos do distrito de Udaipur, Rajastão.	Investigue as espécies domesticadas e selvagens usadas para fins espirituais e religiosos entre as tribos de seis tehsils do distrito de Udaipur.	Índia	Ásia	3	Alto

19.	Nijman e Nekaris 2014	Tradições, tabus e comércio de lóris lentos em comunidades sundanesas no sul de Java, na Indonésia.	Para avaliar se as crenças, opiniões e conhecimentos sobre Java slow lorises, <i>Nycticebus javanicus</i> , em 12 comunidades sudanesas em Java Ocidental, Indonésia, são compartilhados entre os residentes locais.	Indonésio	Ásia	1	Alto
20.	O'shea et al. 1988	Distribuição, status e significado tradicional do peixe-boi das Índias Ocidentais <i>Trichechus manatus</i> na Venezuela.	Reunir informações sobre o significado tradicional dos peixes-boi na Venezuela em relação às suas necessidades de conservação.	Venezuela	América do Sul	1	Alto
21.	Pezzuti et al. 2010	Usos e tabus de tartarugas e jabutis ao longo do rio Negro, bacia amazônica.	Investigar como as pessoas que vivem na área do Rio Negro usam tartarugas amazônicas, incluindo questões de consumo, preferências, restrições, tabus segmentares, nocividade, uso medicinal e venda.	Brasil	América do Sul	5	Alto
22.	Ramires et al. 2012	O uso de peixes em Ilhabela (São Paulo/Brasil): preferências, tabus alimentares e indicações medicinais.	Analisar as preferências, tabus e indicações medicinais dos peixes e, desta forma, representar as interações dos pescadores com os recursos pesqueiros, visando compreender os aspectos biológicos e culturais envolvidos.	Brasil	América do Sul	6	Baixo
23.	Silva 2007	Comida de gente: preferências e tabus alimentares entre os ribeirinhos do médio rio negro (Amazonas, Brasil).	Analisar aspectos relacionados às escolhas e aversões alimentares entre populações ribeirinhas assentadas no Rio Negro (Amazonas, Brasil).	Brasil	América do Sul	39	Alto
24.	Uyeda et al. 2016	O papel das crenças tradicionais na conservação da herpetofauna em Banten, Indonésia.	Colaborar com o conhecimento específico sobre as perspectivas locais e discutir o papel das crenças tradicionais na conservação das populações de vida selvagem na Indonésia.	Indonésio	Ásia	2	Alto

25.	Zhang et al. 2020	Influência do conhecimento ecológico tradicional na conservação do skywalker Hoolock gibbon (<i>Hoolock tianxing</i>) fora das reservas naturais.	Examine se o conhecimento ecológico tradicional - TEK (conhecimento, prática e crença) das comunidades locais em toda a distribuição de gibões (<i>Hoolock Tianxing</i>) na província de Yunnan, China, ajudou a manter as populações de gibões fora das reservas naturais, suprimindo a pressão de caça local sobre os gibões.	China	Ásia	1	Moderado
-----	-------------------	---	---	-------	------	---	----------

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

O Teste Kappa indicou concordância razoável na análise dos títulos ($k = 0,309$) e concordância moderada ($k = 0,438$) na seleção pela leitura dos resumos. Em relação ao risco de viés, identificou-se que 4 estudos apresentaram baixo risco de viés, 10 estudos com risco moderado e 17 estudos com alto risco de viés em relação ao tamanho da amostra. Em relação à identificação das espécies, 13 trabalhos utilizaram fotografias dos animais, partes coletadas ou animais inteiros, apresentando baixo risco de viés. Um total de 24 estudos apresentaram uma boa caracterização da área de estudo e da população, com mapas da área, coordenadas geográficas e contexto cultural. Para a discussão dos tabus, 16 estudos apresentaram baixo risco de viés e 6 estudos apresentaram alto risco de viés ou risco moderado de viés para análise dos dados.

Um total de 130 animais distribuídos em 100 espécies foram identificados com algum tabu associado. As espécies *Pseudoplatystoma fasciatum*, *Hoplias malabaricus* e *Chelonoidis denticulatus* apresentaram a maior frequência de citações, com 4 citações. Registrou-se que o tabu protege 99 das 100 espécies registradas, evitando a morte do animal. A única exceção foi o *Pteropus tonganus* presente em Niue (Oceania), onde um tabu de habitat está associado à morte da espécie. Em relação aos grupos taxonômicos, os peixes apresentaram a maior diversidade de espécies tabu (44 espécies, média de 5 animais citados por estudo), seguidos pelos mamíferos ($n = 35$); répteis ($n = 16$) e aves (5 espécies) (Tabela 3).

Tabela 3. Animais identificados e tabus alimentares associados.

Classe/Táxon	IUCN	TABU	PAÍS	CONTINENTE	N
Mamíferos					
<i>Nycticebus javanicus</i> É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1812	EN	TE	Indonésia		1
<i>Funambulus pennantii</i> Wroughton, 1905	LC	TE			1
<i>Pardofelis marmorata</i> (Martin, 1837)	NT	TE			1
<i>Budorcas taxicolor</i> Hodgson, 1850	VU	TS			1
<i>Panthera tigris tigris</i> Linnaeus 1758	EN	TE	Índia	Ásia	1
<i>Catopuma temminckii</i> (Vigors & Horsfiels, 1827)	NT	TE			1
<i>Grus antigone</i> (Linnaeus, 1758)	VU	TE			1
<i>Felis catus</i> Linnaeus, 1758	NE	TE			1
<i>Trachypitecus pileatus</i> (Blyth, 1843)	VU	TE			1
<i>Prionailurus viverrinus</i> (Bennett, 1833)	VU	TH	Bangladesh		1
<i>Hoolock tianxing</i> Peng-Fei Fan, Kai He, Xing Chen et al., 2017	EN	TE	China		1
<i>Lagostomus maximus</i> (Desmarest, 1817)	LC	TS		Argentina	1
<i>Myrmecophaga tridactyla</i> Linnaeus, 1758	VU	TS			1
<i>Mazama americana</i> (Erxleben, 1777)	DD	TS		América do Sul	1
<i>Ateles chamek</i> (Humboldt, 1812)	EN	TS			1
<i>Cebus albifrons</i> (Humboldt, 1812)	EN	TS			1
<i>Bradypus variegatus</i> Schinz, 1825	LC	TS			1
<i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1766)	LC	TE; TS			2
<i>Dasypus novemcinctus</i> Linnaeus 1758	LC	TS			1
<i>Eira barbara</i> (Linnaeus 1758)	LC	TS			1
<i>Mazama gouazoubira</i> (G. Fischer [von waldheim], 1814)	LC	TS			1
<i>Nasua nasua</i> Linnaeus, 1766	LC	TS	Brasil		1
<i>Pecari tajacu</i> (Linnaeus, 1758)	LC	TS			2
<i>Saimiri sciureus</i> (Linnaeus, 1758)	LC	TS			1
<i>Sapajus apella</i> (Linnaeus, 1758)	LC	TS			1
<i>Alouatta seniculus</i> (Linnaeus, 1766)	NT	TE			1
<i>Leopardus wiedii</i> (Schinz, 1821)	NT	TS			1
<i>Panthera onca</i> (Linnaeus, 1758)	NT	TS			1
<i>Tapirus terrestris</i> (Linnaeus, 1758)	VU	TS			2
<i>Tayassu pecari</i> (Link, 1795)	VU	T.S.		2	
<i>Trichechus inunguis</i> (Natterer, 1883)	VU	TS		1	
<i>Dasyprocta leporina</i> (Linnaeus, 1758)	LC	TE		1	
<i>Trichechus manatus</i> Linnaeus, 1758	VU	TS	Venezuela		1
<i>Manis (Smutsia) temminckii</i> Smuts, 1832	VU	TE	África do Sul	África	1
<i>Pteropus tonganus</i> Quoy & Gaimard, 1830	LC	TH	Niue	Oceania	1

Aves					
<i>Gallus Gallus</i> (Linnaeus, 1758)	NE	TH	Bangladesh	Ásia	1
<i>Aquila clanga</i> Pallas, 1811	VU	TH			1
<i>Psophia crepitans</i> Linnaeus, 1758	LC	TS			1
<i>Mitu tuberosum</i> (Spix, 1825)	NT	TE	Brasil	América do Sul	1
<i>Psophia viridis</i> Spix, 1825	VU	TE			1
Répteis					
<i>Eretmochelys imbricata</i> (Linnaeus, 1766)	CR	TE TS	Gana Brasil	África América do Sul	1 1
<i>Chelonia mydas</i> (Linnaeus, 1758)	EN	TE TS	Gana Brasil	África América do Sul	1 1
<i>Malayopython reticulatus</i> (Schneider, 1801)	LC	TS	Indonésia	Ásia	1
<i>Varanus salvator</i> (Laurenti, 1768)	LC	TS			1
<i>Varanus bengalensis</i> (Daudin, 1802)	NT	TH	Bangladesh	Ásia	1
<i>Chelonoidis carbonarius</i> (Spix, 1824)	EN	TS	Brasil		2
<i>Chelonoidis denticulatus</i> (Linnaeus, 1766)	EN	TE TE TS	Brasil Peru Brasil		3 1 1
<i>Chelus fimbriatus</i> (Schneider, 1783)		TE; TS	Brasil	América do Sul	2
<i>Mesoclemmys gibba</i> (Schweigger, 1812)	NE	TE	Peru		1
<i>Mesoclemmys raniceps</i> (Gray, 1856)	EN	TS	Brasil		1
<i>Rhinemys rufipes</i> (Spix, 1824)	NT				1
<i>Caretta caretta</i> (Linnaeus, 1758)	VU	TE TS	Gana Brasil	África América do Sul	1 1
<i>Dermochelys coriacea</i> (Vandelli, 1761)	VU	TE TS	Gana Brasil	África América do Sul	1 1
<i>Lepidochelys olivacea</i> (Eschscholtz, 1829)	VU	TE	Gana	África	1
<i>Peltocephalus dumerilianus</i> (Schweigger, 1812)	VU	TS	Brasil	América do Sul	1
<i>Podocnemis unifilis</i> Troschel, 1848	VU	TH	Peru		1
Peixe					
<i>Arapaima gigas</i> (Schinz, 1822)	DD	TS			1
<i>Acanthocybium solandri</i> (Cuvier, 1832)	LC	TS			1
<i>Bagre bagre</i> (Linnaeus, 1766)	LC	TS			1
<i>Caranx hippos</i> Linnaeus, 1766	LC	TS			1
<i>Electrophorus electricus</i> (Linnaeus, 1766)	LC	TE	Brasil	América do Sul	1
<i>Euthynnus alletteratus</i> (Rafinesque, 1810)	LC	TS			2
<i>Hoplerythrinus unitaeniatus</i> (Spix & Agassiz, 1829)	LC	TS			1
<i>Hoplias brasiliensis</i> (Spix & Agassiz, 1829)	LC	TS			1

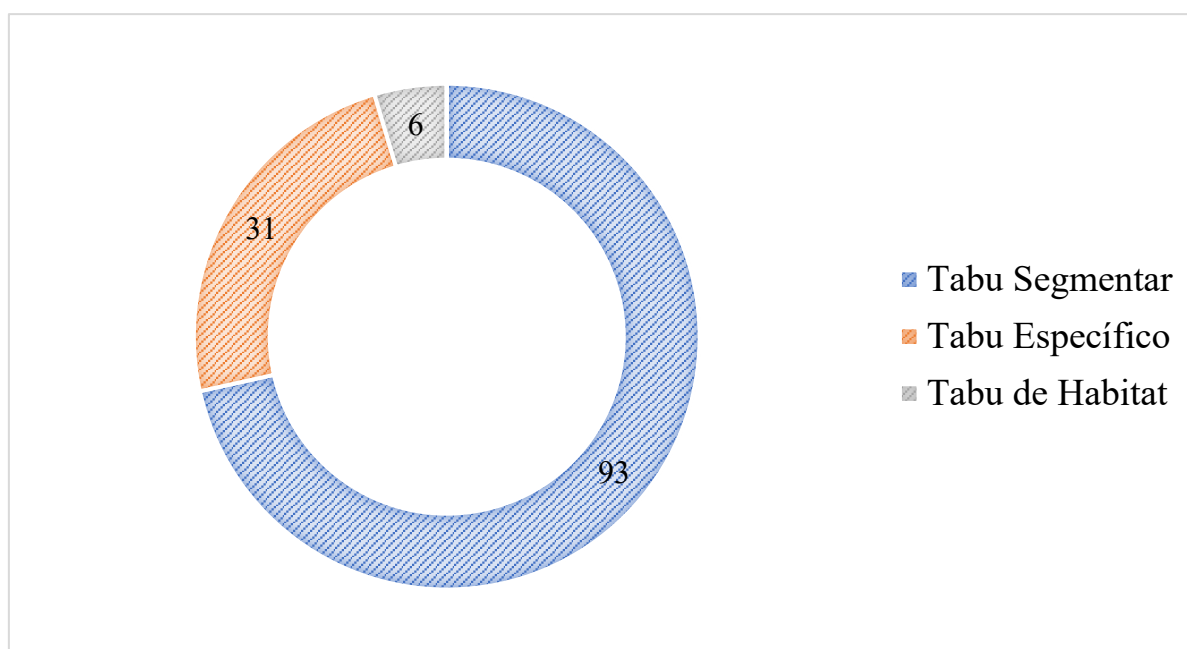
<i>Micropogonias furnieri</i> (Desmarest, 1823)	LC	TS	1
<i>Mugil curema</i> Valenciennes, 1836	LC	TS	1
<i>Oxydoras niger</i> (Valenciennes, 1821)	LC	TS	1
<i>Prochilodus brevis</i> Steindachner, 1875	LC	TS	1
<i>Satanoperca lilith</i> Kullander & Ferreira, 1988	LC	TS	1
<i>Scomberomorus brasiliensis</i> (Mitchill, 1815)	LC	TS	1
<i>Scomberomorus cavala</i> (Cuvier, 1829)	LC	TS	1
<i>Semaprochilodus brama</i> (Valenciennes, 1850)	LC	TS	1
<i>Sternarchorhynchus axelrodi</i> de Santana & Vari, 2010	LC	TE	1
<i>Thunnus albacares</i> (Bonnaterre, 1788)	LC	TS	1
<i>Trichiurus lepturus</i> Linnaeus, 1758	LC	TS	3
<i>Zungaro zungaro</i> (Humboldt, 1821)	LC	TS	1
<i>Asterophysus batrachus</i> Kner, 1858	EN	TE	1
<i>Astronotus crassipinnis</i> (Heckel, 1840)	EN	TS	1
<i>Astronotus ocellatus</i> (Agassiz, 1831)	EN	TS	1
<i>Brachyplatystoma filamentosum</i> (Lichtenstein, 1819)	EN	TS	2
<i>Brachyplatystoma rousseauxii</i> (Castelnau, 1855)	EN	TS	1
<i>Calophysus macropterus</i> (Lichtenstein, 1819)	EN	TS	1
<i>Cichla ocellaris</i> Bloch & Schneider, 1801	EN	TS	1
<i>Cichla temensis</i> Humboldt, 1821	EN	TE; TS	2
<i>Crenicichla lenticulata</i> Heckel, 1840	EN	TS	1
<i>Hoplias malabaricus</i> (Bloch, 1794)	EN	TS	4
<i>Hoplosternum littorale</i> (Hancock, 1828)	EN	TS	1
<i>Leporinus fasciatus</i> (Bloch, 1794)	EN	TS	1
<i>Mugil gaimardianus</i> Desmarest, 1831	EN	TS	1
<i>Myleus rubripinnis</i> (Müller & Troschel, 1844)	EN	TS	1
<i>Phractocephalus hemiopterus</i> (Bloch & Schneider, 1801)	EN	TS	2
<i>Pimelodina flavipinnis</i> Steindachner, 1876	EN	TS	2
<i>Pinirampus pirinampu</i> (Spix & Agassiz, 1829)	EN	TS	3
<i>Prochilodus nigricans</i> Spix & Agassiz, 1829	EN	TS	2
<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i> (Linnaeus, 1766)	EN	TS	4
<i>Pseudoplatystoma punctifer</i> (Castelnau, 1855)	EN	TS	1
<i>Pseudoplatystoma tigrinum</i> (Valenciennes, 1840)	EN	TS	1

<i>Sternopygus macrurus</i> (Bloch & Schneider, 1801)	EN	TE			1
<i>Trachelyopterus galeatus</i> (Linnaeus, 1766)	EN	TS			1
<i>Sardina pilchardus</i> (Walbaum, 1792)	LC	TS	Portugal	Europa	1

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Considerando os tipos de tabus, tabus segmentares (TS) e tabus específicos (TE) tiveram a maior citação; animais relacionados aos tabus do habitat (TH) foram citados apenas seis vezes (Figura 2). Todos os tabus específicos e segmentares encontrados não causaram a morte dos animais.

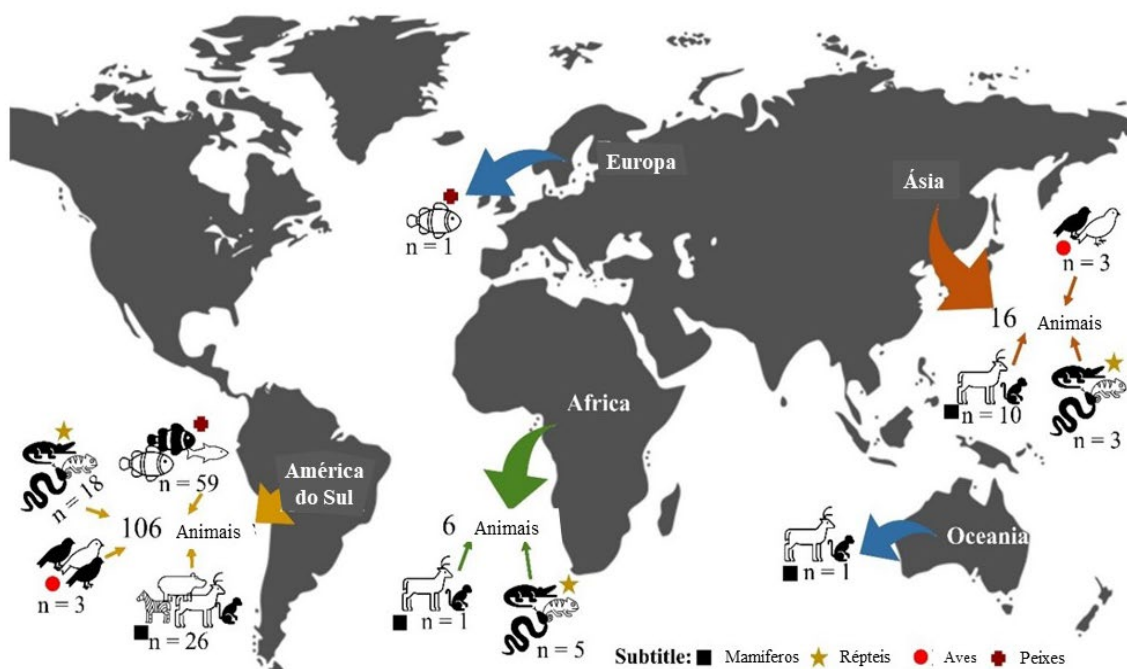
Figura 2 – Frequência relativa do tipo de tabus.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Analisando por continente, a América do Sul foi o continente com maior número de animais ($n = 106$) (aves: $n=3$; mamíferos: $n= 26$; peixes: $n=59$; répteis: $n=18$) citados com algum tipo de tabu. Nenhum dos tabus descritos causou óbito de animais neste continente. Na África, foram encontrados apenas 6 animais, sendo distribuídos nos táxons dos répteis ($n = 5$), mamíferos ($n = 1$). Com relação aos tipos de tabus no continente africano, foi encontrado apenas tabus específicos para todos os animais. A Ásia registrou 16 animais com tabus (aves = 3; mamíferos = 10; répteis = 3). Na Europa e na Oceania, apenas 2 espécies de animais foram descritas nos estudos, sendo uma espécie de peixe (com tabu segmentar) no continente europeu e um mamífero na Oceania, respectivamente (Figura 3).

Figura 3. Distribuição das espécies tabu por continente.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Quanto ao tipo do tabu, o continente Sul-americano apresentou os seguintes tipos: tabu específico ($n = 17$), tabu segmentar ($n = 88$), tabu de habitat ($n = 1$) (figura 8 e 9). A classe dos peixes e dos mamíferos apresentam o maior número de animais listados por tipo de tabu, sendo predominante no tabu segmentar com 54 e 25 animais, respectivamente. Na Ásia, os tabus específicos tiveram predominância em relação aos demais tipos de tabus encontrados com 8 espécies no total, seguido por tabu segmentar ($n = 4$) e tabu de habitat ($n = 4$). Foi identificado que uma espécie (*Eretmochelys imbricata*) está criticamente em perigo (CR) em relação ao status de conservação e 21 encontra-se em estado de vulnerabilidade (VU).

4 DISCUSSÃO:

Nossos dados apontam que 100 espécies de vertebrados são relacionadas com algum tipo de tabu. Embora os padrões da relação tabu/espécie não estejam claros, é possível identificar que alguns animais são rejeitados como alimentos devido características da carne, sendo apontado que consumir algumas espécies pode agravar processos inflamatórios. Neste ponto, é necessário considerar que os tabus consistem em regras sociais não escritas ou definidas, geralmente simbolizando algo proibido e intocável, sem necessariamente possuírem uma explicação racional (RAMALHO; SAUNDERS, 2000; GOMES et al., 2011).

Observando o aspecto ecológico, os tabus comportam-se como restrições ou rejeições que governam atitudes e ações a respeito de um recurso natural, construídos com base na percepção humana sobre determinada espécie. Conseqüentemente, as espécies podem ser evitadas por causa de seus padrões comportamentais, características morfológicas, toxicidade ou simplesmente porque estão envolvidas com mitos e representam símbolos religiosos, que fazem parte da cosmologia de uma população (COLDING & FOLKE, 1997; PEZZUTI, 2009).

É importante entender como os seres humanos procuram, obtêm e escolhem os alimentos, pois as escolhas alimentares podem ser influenciadas por preferências individuais, fatores ecológicos, econômicos, sociais e culturais, bem como por aversões (BEGOSSI & PETRERE-JÚNIOR, 1988; MACBETH & LAWRY, 1997). Nesta situação, os tabus alimentares geralmente limitam o uso de recursos naturais e, portanto, têm implicações importantes para a conservação da biodiversidade (MCDONALD, 1977; REDFORD & ROBINSON, 1987; COLDING & FOLKE, 2001).

É perceptível que os tabus se distribuem de forma heterogênea entre as classes de animais, essa perspectiva está possivelmente relacionada com pressões seletivas, que levaram os seres humanos a interagir de forma distinta com aves, reptéis, peixes e anfíbios. Sobre os peixes, a literatura aponta muitas espécies de com um potencial inflamatório para humanos. É possível que populações humanas tenham desenvolvido tabus relacionados a peixes como forma de redução de riscos associados a alimentos potencialmente inflamatórios (BEGOSSI et al., 2004; BEGOSSI, 2006). Outro ponto, é que a rejeição para o consumo de certas espécies de peixes acontece devido as condições alimentares do animal, bem como sua morfologia. Por exemplo, espécies como o poraquê (*Electrophorus electricus*) e

o sarapó (*Sternarchorhynchus mormyrus*) são evitadas por comunidades brasileiras por serem semelhantes a cobras, logo, na percepção local podem conter alguma toxicidade (SILVA, 2007).

Com relação aos mamíferos, a ancestralidade entre humanos e os demais animais desse táxon pode ser um fator que influencia em comportamentos de origem de tabus. Como humanos reconhecem caracteres em comum com os demais mamíferos, isso pode incidir em restrições alimentares a animais com características antropomórficas. Povos tradicionais da China apresentam a tendência de evitar o Gibão (*Hoolock tianxing*) como alimento, pela crença de que a espécie é “ancestral das pessoas” (ZHANG et al., 2020); é constatado também que povos indígenas da Índia não caçam ou consomem nenhum primata, devido a crença que os primatas foram seus ancestrais e, portanto, são símbolos religiosos (JANAKI et al., 2021). Desta forma, a ancestralidade compartilhada, símbolos religiosos e a crença que a espécie causa ou intensifica inflamação pode tornar uma espécie tabu (NIJMAN; NEKARIS, 2014; KUSHWAH et al., 2017; ZHANG et al., 2020; JANAKI et al., 2021; BEGOSSI et al., 2004; BEGOSSI, 2006; PEZZUTI et al., 2010; BEGOSSI, 2012; BRAGA & SCHIAVETTI, 2013; FERRONATO; CRUZADO, 2013).

Os tabus associados a répteis e aves relatam situações de restrição a carne desses animais por contextos sagrados ou potenciais inflamações. Com relação aos répteis, o surgimento de tabus associados a esses animais pode ter relação com o sentimento de medo. Provavelmente, o medo de humanos diante os répteis está relacionado a genes que surgiram em antigas linhagens de mamíferos que eram predados por serpentes. Assim, o sentimento humano de medo está associado a esses genes, possivelmente favorecendo a capacidade de sobrevivência de *H. sapiens* contra animais com algum potencial de risco, tal como serpentes (LANDOVÁ et al., 2018; PROKOP; RANDLER, 2018; JANOVCOVÁ et al., 2019).

Sobre os tabus relacionados as aves, o sentimento humano sobre as aves está diretamente associado a beleza desses animais. As aves são vistas por humanos como animais bonitos devido a coloração (LISKOVÁ et al, 2015). Cores como azul e amarelo são vistas, sobretudo em aves, como elementos que realçam a beleza (LISKOVA; FRYNTA, 2013). Possivelmente, esse sentimento influencia em um baixo número de aves usadas na alimentação e, conseqüente, menos tabus alimentares. Adicionalmente, os tabus atribuídos as aves que foram listados aqui estão relacionadas a restrições construídas por aspectos sagrados locais.

Os tabus podem ser classificados de uma forma utilitária, como tabus temporários (segmentares) que são restritos a certos períodos da vida, regulando a utilização de um recurso em função da idade, sexo, status social e demais condições específicas; e permanentes (específicos) que se estendem por toda a vida (COLDING & FOLKE, 2000). Com relação a variação nos tipos de tabus, os tabus segmentares tiveram predominância em relação aos demais tipos de tabus observados nos estudos. Muitos desses tabus segmentares estão associados ao potencial inflamatório das carnes. Esses animais são conhecidos como “reimosos” na América do Sul. A reima tem origem do grego “rheum” que significa “fluido viscoso”, e tem finalidade de classificar o grau de segurança dos animais selvagens e domésticos para consumo (SMITH, 1979; SILVA, 2007).

Os alimentos reimosos ou “carregados”, para as populações tradicionais, tendem a causar ou agravar processos inflamatórios, havendo a tendência de ser evitado por pessoas em estados físicos de liminaridade, iniciados em algum ritual, portadores de enfermidades, período menstrual e pós-parto (MURRIETA, 1998; LARREA-KILLINGER et al., 2019). Em nosso estudo, encontramos 78 casos de tabus referentes a “animais reimosos”, sendo muitos destes descritos como animais de “carne carregada” ou “carne pesada”, capaz de causar infecções, sendo alimentos a ser evitados principalmente por mulheres em período gestacional, puerpério ou menstrual. Essa perspectiva é recorrente em comunidades ribeirinhas do Amazonas (Brasil), onde alguns répteis como a tartaruga-de-cabeça-grande (*Peltocephalus dumerilianus*), cágado-cabeça-de-sapo (*Mesoclemmys raniceps*) e jabuti-tinga (*Chelonoidis denticulatus*) não são consumidos por serem reimosos, por serem “ofensivo para quem come”, causando “reações alérgicas” (PEZZUTI et al., 2010).

Vários outros casos de tabus segmentares por animais reimosos são citados nesta revisão (O'SHEAT et al., 1988; BEGOSSI & BRAGA, 1992; BEGOSSI et al., 1999; BEGOSSI et al., 2004; PEZZUTI et al., 2010; BRAGA & SCHIAVETTI, 2013; SILVA, 2007; MMARI et al., 2017; CAMINO et al., 2018; BASSAN et al., 2020). Esses exemplos de tabus segmentares apontam como os fatores culturais e as fases do ciclo natural da vida de uma pessoa pode interferir na dinâmica de consumo de animais de uma comunidade, e este instrumento, acaba sendo um importante fator para conservação de espécies de animais.

Os tabus específicos estão em sua maioria relacionados com fatores religiosos e crenças folclóricas. Em um estudo de caso, é visto que a captura e consumo do

primada *Nycticebus javanicus*, é proibido, porque segundo os aldeões, levar e manter esta espécie nas residências pode trazer infelicidade e azar (Nijman e Nekaris 2014). Por outro lado, na Índia felinos como Langur-tampado (*Trachypithecus pileatus*), gato-dourado-asiático (*Catopuma temminckii*), gato-marmorado (*Pardofelis marmorata*) e o tigre (*Panthera tigris*) são vistos como animais que trazem sorte, porque estão relacionados a instituições sagradas e não podem ser caçados (JANAKI et al., 2021).

Os tabus de habitat também são considerados um tipo de tabu permanente. Este tipo de tabu foi caracterizado por restrições a caça em locais considerados sagrados. Esses locais, por serem cercados de simbologia e espiritualidade, servem como santuário para os animais, sendo assim um importante fator de conservação. Segundo as crenças locais, pessoas que caçam em locais sagrados podem sofrer punições tanto divinas quanto dos populares (CHOWDHURY et al., 2014). Janaki e colaboradores (2021) apontam que os tabus de habitat podem auxiliar na conservação de animais selvagens por fornecer refúgios. Os tabus de habitats são recorrentes em continentes como América do Sul, Ásia e Oceania, sendo que essas reservas sagradas auxiliam as instituições de governo a institucionalizarem os locais como áreas de conservação da biodiversidade, tornando-as patrimônio protegido por leis.

Os estudos encontrados serem majoritariamente da América do Sul, reforça a perspectiva de que o este continente é um dos principais na produção científica relacionada a Etnobiologia (ALVES; SOUTO, 2011). Percebe-se que acerca das espécies cinegéticas alvo de tabu na América do Sul, grande maioria dos estudos estão voltados para o grupo dos peixes, sendo realizados estudos de casos com povos indígenas e ribeirinhos, principalmente, na Amazônia brasileira, além de caiçaras (mescla etnocultural de povos indígenas, europeus e africanos) da porção litorânea do Brasil (BEGOSSI, 1992; BEGOSSI et al., 2004; HANAZAKI; BEGOSSI, 2006; RAMIRES et al., 2012; SILVA, 2007; BRAGA et al., 2016; BASSAN et al., 2020). Por outro lado, não foram encontrados estudos que retratassem tabus associados a peixes na Ásia, Oceania e África. E apenas um estudo foi encontrando na Europa (BRAGA et al., 2017).

A maior restrição para o consumo de peixes na América do Sul foi devido ao potencial de causar inflamação, o hábito alimentar desses animais, além das semelhantes morfológicas com cobras para algumas espécies (BEGOSSI et al., 2004; HANAZAKI; BEGOSSI, 2006; FERRONATO; CRUZADO, 2013). Na Ásia, África, Oceania e Europa é perceptível que os tabus apresentam similaridade, uma vez que,

a maioria das restrições alimentares são baseadas na espiritualidade, onde espécies, principalmente mamíferos e répteis, são proibidos para que o caçador/consumidor não sofresse “castigos divinos” ou punições em sua aldeia/tribo (CHOWDHURY et al., 2014; NIJMAN & NEKARIS, 2014; BAIYEWU et al., 2018; JANAKI et al., 2021; BROOKE & TSCHAPKA, 2022).

Ao observar o comportamento dos tabus dentro dos sistemas socioecológicos presentes nessa revisão, foi constatado que os tabus alimentares exercem um efeito positivo na conservação da fauna. Isso porque, mesmo que de forma não intencional, as pessoas envolvidas acabam atuando em prol da conservação das espécies, seja por meio do comportamento de restrição ao consumo de uma carne “carregada” que possa causar enfermidade, seja por situações associadas ao sagrado local possam resultar em punições a quem consumir (PEZZUTI et al., 2010; JANAKI et al., 2021; BROOKE & TSCHAPKA, 2022).

A literatura discute diretamente sobre o efeito do tabu na conservação da fauna (PEZZUTI, 2004; 2009). A compilação dos dados de tabus em todo planeta corrobora essa perspectiva, pois os dados levantados aqui mostram que os tabus alimentares possuem efeito positivo na conservação de animais, pois das 100 espécies listados sob efeitos de tabus alimentares, 99 possuem tabus com efeitos positivos para essas espécies. Esses resultados mostram como os tabus têm um papel fundamental na conservação e por muitas vezes é negligenciado pelas representações das instituições formais.

Analisando o status de conservação das espécies listadas aqui, observamos que as espécies classificadas como criticamente em perigo (CR) na lista da IUCN, como é o caso da tartaruga-de-pente (*Eretmochelys imbricata*) e do pequeno primata o lóris-lento (*Nycticebus javanicus*) possuem tabus que diminuem o acesso por humanos. Podemos presumir que essas espécies, sem tabus locais, poderiam estar suscetíveis a diminuição da densidade populacional em diversas regiões de sua ocorrência (BRAGA & SCHIAVETTI, 2013; NIJMAN & NEKARIS, 2014; ALEXANDER et al., 2017).

Tabus associados ao sagrado são mecanismos eficientes na conservação da fauna. Em um estudo de caso em Gana (África), é apontando que entre uma comunidade tartarugas como *E. imbricata*, *Dermochelys coriacea*, *Lepidochelys olivácea* e *Chelonia mydas*, não são caçadas, devido a crença local que essas tartarugas foram avistadas salvando ancestrais da população durante uma guerra

contra o império Ashanti (um importante grupo étnico de Gana). Portanto, os moradores dessa vila são impedidos de consumir carne desses répteis (ALEXANDER et al., 2017). Na Amazônia brasileira o tabu exerce força positiva (conservação) de espécies como *Tapirus terrestres*, *Tayassu pecari*, *Pecari tajacu* e *Ateles chamek* que são evitados por povos indígenas do baixo rio madeira, por serem considerados agravadores de inflamação (KNOOP et al., 2020).

O consenso entre os estudos é de que os animais considerados tabus tendem a ser preservados e isso pode impactar positivamente na dinâmica populacional dessas espécies. Estima-se que a existência de tabus pode diminuir em até 80% a pressão exercida sobre algumas espécies, uma vez que, os tabus reduzem o número de pessoas que compartilham do recurso (BEGOSSI et al., 2004; PEZZUTI, 2004; PEZZUTI et al., 2010). Neste ponto, foi identificado que apenas um trabalho aponta relação negativa de tabus associados a espécies silvestres; foi constatado que na Oceania, a caça à raposa-voadora (*Preropus tonganus*) é intensificada, devido a crença que a população dessa espécie é infinita dentro de uma área sagrada, logo a caça da espécie em outras áreas não impacta a população do animal (BROOKE; TSCHPKA, 2022).

Considerando os tipos de tabus, observa-se que os tabus específicos e de habitat, por terem caráter permanente, contribuem para formulação de leis e demais normativas para evitar a caça de várias espécies de animais, mostrando a importância do tabu inclusive para que as instituições formais promovam mecanismos técnicos e jurídicos para conservação das espécies, corroborando com o estudo de Nijman e Nekaris (2014), que aponta que tabus de espécies específicas podem ter ramificações ecológicas importantes para a proteção de populações ameaçadas.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo abordou o status do conhecimento atual sobre os tabus alimentares associados à vida selvagem no mundo. É perceptível que os tabus têm um efeito considerável na conservação animal, uma vez que as restrições sociais impostas pelos tabus contribuem efetivamente para a conservação local das espécies. Mesmo considerando a importância dos tabus para a sociobiodiversidade, ainda existem lacunas cruciais sobre esse tema, mostrando que o tema "tabu alimentar" é muitas vezes negligenciado ou pouco explorado dentro dos sistemas socioecológicos.

A partir deste estudo, fica evidente a necessidade de desenvolver pesquisas para elucidar os mecanismos que favoreceram o surgimento de tabus. Sem dúvida, investigar a história evolutiva humana e o forrageamento no ambiente é uma maneira interessante de identificar o que favoreceu o surgimento de tabus. Além disso, os tabus alimentares são importantes para manter a população de espécies em diferentes continentes. Também é importante ressaltar que, devido aos critérios de inclusão e exclusão desta pesquisa, dados sobre outras espécies e tipos de tabus alimentares foram subtraídos, de modo que o número de espécies sob os efeitos de tabus alimentares pode ser ainda maior.

Dessa forma, ressaltamos que novos estudos devem ser desenhados para incluir objetivos e métricas para analisar tabus alimentares, buscando compreender como os tabus surgem e permanecem qualitativa e quantitativamente dentro das populações humanas. Indicamos também que considerar tabus alimentares nos planos de manejo ambiental pode contribuir significativamente para a conservação de determinadas espécies.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, L. K.; AGYEKUMHENE, A.; ALLMAN, P. The role of taboos in the protection and recovery of sea turtles. **Frontiers in Marine Science**, v. 4, 2017.
- ALVES, R. R. N. et al. Animals for the Gods: Magical and Religious Faunal Use and Trade in Brazil. **Human Ecology**, v. 40, n. 5, p. 751–780, 2012.
- ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S. Ethnozoology in Brazil: current status and perspectives. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 7, n. 1, p. 22, 2011.
- BAIYEWU, A. O. et al. Ethnozoological survey of traditional uses of Temminck's ground pangolin (*Smutsia temminckii*) in South Africa. **Society and Animals**, v. 26, n. 3, p. 306–325, 2018.
- BARBOZA, R. S. L.; BARBOZA, M. S. L.; PEZZUTI, J. C. B. Aspectos culturais da zooterapia e dieta alimentar de pescadores artesanais do litoral paraense. **Fragmentos de Cultura**, v. 24, n. 2, p. 253–266, 2014.
- BASSAN, G. et al. Fishing resources used by the local community of Fernando de Noronha Archipelago (PE, Brazil): Preferences, food taboos and medical use. **Oecologia Australis**, v. 24, n. 4, p. 869–877, 2020.
- BATISTA, L. P. DE P. et al. Enotaxonomia e tabus alimentares dos pescadores artesanais nos açudes Araras e Edson Queiroz, bacia do Rio Acaraú, Ceará, Brasil. **Entorno Geográfico**, n. 12, p. 34–49, 2016.
- BEGOSSI, A. et al. Uses Of Fish And Game By Inhabitants Of An Extractive Reserve (Upper Juruá, Acre, Brazil). **Environment, Development and Sustainability**, v. 1, p. 73–93, 1999.
- BEGOSSI, A.; BRAGA, F. M. DE S. Food taboos and folk medicine among fishermen from the Tocantins River (Brazil). **Amazoniana**, v. XII, p. 101–118, 1992.
- BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; RAMOS, R. M. Food Chain And The Reasons For Fish Food Taboos Among Amazonian And Atlantic Forest Fishers (Brazil). **Ecological Applications**, v. 14, n. 5, p. 1334–1343, 2004.
- BRAGA, H. DE O.; PARDAL, M. Â.; AZEITEIRO, U. M. Sharing fishers' ethnoecological knowledge of the European pilchard (*Sardina pilchardus*) in the westernmost fishing community in Europe. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 13, n. 1, p. 1–13, 2017.
- BRAGA, H. DE O.; SCHIAVETTI, A. Attitudes and local ecological knowledge of experts fishermen in relation to conservation and bycatch of sea turtles (reptilia: Testudines), Southern Bahia, Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 9, n. 15, p. 1–13, 2013.
- BRAGA, T. M. P.; SILVA, A. A. DA; REBÊLO, G. H. Preferências e tabus alimentares no consumo de pescado em Santarém, Brasil. **Novos Cadernos NAEA**, v. 19, n. 3, p. 189–204, 2016.

BROOKE, A. P.; TSCHAPKA, M. Threats from overhunting to the flying fox, *Pteropus tonganus*, (Chiroptera: Pteropodidae) on Niue Island, South Pacific Ocean.

Biological Conservation, 103(3), 343–348, 2002. Disponível em:

<[https://doi.org/10.1016/S0006-3207\(01\)00145-8](https://doi.org/10.1016/S0006-3207(01)00145-8)>.

CAMINO, M. et al. Relations with wildlife of Wichi and Criollo people of the Dry Chaco, a conservation perspective. **Ethnobiology and Conservation**, v. 7, p. 1–21, 2018.

CASAS, A. et al. Evolutionary Ecology and Ethnobiology. **Evolutionary Ethnobiology**, p. 37–57, 2015.

CASTRO, J. DE. **Fisiologia dos tabus: Com um apêndice contendo vários tabus alimentares brasileiros**. São Paulo: Melhoramentos/Nestlé, 1938.

CHOWDHURY, M. S. H. et al. Dietetic use of wild animals and traditional cultural beliefs in the Mro community of Bangladesh: An insight into biodiversity conservation. **Biodiversity**, v. 15, n. 1, p. 23–38, 2014.

COLDING, J.; FOLKE, C. The Relations Among Threatened Species, Their Protection, and Taboos. **Conservation Ecology**, v. 1, n. 1, 1997.

COLDING, J.; FOLKE, C. The Taboo System: Lessons about Informal Institutions for Nature Management. **Georgetown International Environmental Law Review**, v. 12, 1999.

COLDING, J.; FOLKE, C. Social Taboos: “Invisible” Systems of Local Resource Management and Biological Conservation. **Ecological Applications**, v. 11, n. 2, p. 584, 2001.

FERRONATO, B. O.; CRUZADO, G. Uses, beliefs, and conservation of turtles by ashaninka indigenous people, central peru. **Chelonian Conservation and Biology**, v. 12, n. 2, p. 308–313, 2013.

GARINE, I. DE. THE DIET AND NUTRITION OF HUMAN POPULATIONS. **Companion Encyclopedia of Anthropology**, p. 226, 1995.

HANAZAKI, N.; BEGOSSI, A. CATFISH AND MULLET: THE FOOD PREFERENCES AND TABOOS OF CAIÇARAS (SOUTHERN ATLANTIC FOREST COAST, BRAZIL). **Interciencia**, v. 31, n. 2, p. 123–129, 2006.

JANAKI, M.; PANDIT, R.; SHARMA, R. K. The role of traditional belief systems in conserving biological diversity in the Eastern Himalaya Eco-region of India. **Human Dimensions of Wildlife**, v. 26, n. 1, p. 13–30, 2021.

KOTZ, S. et al. Encyclopedia of Statistical Sciences. **Encyclopedia of Statistical Sciences**, 2004.

KUSHWAH, V. S.; SISODIA, R.; BHATNAGAR, C. Magico-religious and social belief of tribals of district Udaipur, Rajasthan. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 13, n. 1, p. 1–7, 2017.

LANDIS, J. R.; KOCH, G. G. The Measurement of Observer Agreement for Categorical Data. **Biometrics**, v. 33, n. 1, p. 159, mar. 1977.

LARREA-KILLINGER, C. et al. Reima: Proibição de alimentos em comunidades de pescadores na Bahia, Brasil. **Revista de Alimentação e Cultura das Américas**, v. 1, n. 1, p. 46–71, 2019.

LIMA, J. R. B. DE et al. Percepções e crenças sobre fauna cinegética em uma região semiárida do Brasil. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v. 8, n. 3, p. 23–30, 2017.

LIMA, M. M. L. et al. A influência de crenças e tabus alimentares na amamentação. **O Mundo da Saúde**, v. 40, n. 2, p. 221–229, 2016.

Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN. Disponível em: <<https://www.iucnredlist.org/about/citationinfo>>. Acesso em: 8 dez. 2022.

MACBETH, H.; LAWRY, S. It is evident from the span of literature on the subject that the topic. **Food Preferences and Taste: Continuity and Change**, v. 2, p. 1, 1997a.

MCDONALD, D. R. Food taboos: a primitive environmental protection agency (South America). **Anthropos**, n. H. 5./6, p. 734–748, 1977.

MEDEIROS, P. M.; LADIO, A. H.; ALBUQUERQUE, U. P. Sampling problems in Brazilian research: a critical evaluation of studies on medicinal plants. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 24, n. 2, p. 103–109, 2014.

MMARI, M. W. et al. Traditions, beliefs and indigenous technologies in connection with the edible longhorn grasshopper *Ruspolia differens* (Serville 1838) in Tanzania. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 13, n. 1, p. 60, 2017.

MORAN, E. The adaptive system of the caboclo. **Man in the Amazon.**, p. 136–159, 1974.

MURRIETAI, R. S. S. O dilema do papa-chibé: consumo alimentar, nutrição e práticas de intervenção na Ilha de Ituqui, baixo Amazonas, Pará. **Revista de antropologia**, v. 41, p. 97–150, 1998.

NIJMAN, V.; NEKARIS, K. A. I. Traditions, taboos and trade in slow lorises in sundanese communities in southern Java, Indonesia. **Endangered Species Research**, v. 25, n. 1, p. 79–88, 2014.

O'SHEAT, T. J. et al. Distribution, Status, and Traditional Significance of the West Indian Manatee *Trichechus manatus* in Venezuela. **Biological Conservation**, v. 46, p. 281–301, 1988.

PAGE, M. J. et al. A declaração PRISMA 2020: diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 31, n. 2, 2022.

PEZZUTI, J. C. B. MANEJO DE CAÇA E A CONSERVAÇÃO DA FAUNA SILVESTRE COM PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA. **Paper do Naea**, v. 235, p. 1–13, 2009.

PEZZUTI, J. C. B. et al. Uses and taboos of turtles and tortoises along Rio Negro, Amazon Basin. **Journal of Ethnobiology**, v. 30, n. 1, p. 153–168, 2010.

PRADO, D. P. et al. PREFERÊNCIAS, TABUS ALIMENTARES E USO MEDICINAL DE PEIXES NA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL BARRA DO UNA, SÃO PAULO. **Ethnoscientia**, v. 2, n. 1, 2017

RAMALHO, R. A.; SAUNDERS, C. O papel da educação nutricional no combate às carências nutricionais. **Revista de Nutrição**, v. 13, p. 11–16, 2000.

RAMIRES, M.; ROTUNDO, M. M.; BEGOSSI, A. The use of fish in Ilhabela (São Paulo/Brazil): preferences, food taboos and medicinal indications. **Biota Neotrop.** 12: 21-29, 2012. Disponível em: <<http://www.biotaneotropica.org.br/v12n1/en/abstract?article+bn00212012012>>.

REDFORD, K. H.; ROBINSON, J. G. The game of choice: patterns of Indian and colonist hunting in the Neotropics. **American anthropologist**, v. 89, n. 3, p. 650–667, 1987.

SILVA, A. L. Comida de gente: preferências e tabus alimentares entre os ribeirinhos do Médio Rio Negro (Amazonas, Brasil). **Revista de Antropologia**, v. 50, 2007.

KNOOP, S. et al. Age, Religion, and Taboos Influence Subsistence Hunting by Indigenous People of the Lower Madeira River, Brazilian Amazon. **Journal of Ethnobiology**, p. 131–148, 2020.

UYEDA, L. T. et al. The role of traditional beliefs in conservation of herpetofauna in Banten, Indonesia. **ORYX**, v. 50, n. 2, p. 296–301, 2015.

ZHANG, L. et al. Influence of traditional ecological knowledge on conservation of the skywalker hoolock gibbon (*Hoolock tianxing*) outside nature reserves. **Biological Conservation**, v. 241, 2020.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão sistemática trouxe um panorama geral de como os fatores culturais (crenças, folclore, mitos e tabus) estão relacionados a conservação da fauna. Foi observado que as crenças e os tabus possuem uma maior predominância em relação aos folclores e mitos, além de que as crenças e os tabus, no geral tiveram papel distinto quando analisado o aspecto conservacionista, pois as crenças resultaram em um percentual maior de óbito, enquanto os tabus em praticamente sua totalidade tiveram papel fundamental na preservação da vida silvestre, seja por causa de processos inflamatórios que o consumo da carne poderia gerar, seja por alguns animais serem considerados sagrados e com isso, o consumo ser estritamente proibido.

Quando analisado o ponto de vista da filogenia e como tais fatores culturais influenciam nesse processo, foi observado que os mamíferos são um táxon que tem destaque para uso mediante fatores culturais, visto que dentre as crenças foi o táxon com maior número de animais relacionados, enquanto para tabus ficou atrás apenas do táxon dos peixes.

O resultado do elevado número de tabus alimentares relacionados a peixes trouxe a situação que divergiu de uma das hipóteses deste trabalho, pois foi sugerido que espécies de táxons mais próximos dos seres humanos receberiam uma influência positiva em relação aos animais de táxons distantes. E ao analisar as crenças, os mamíferos lideraram o número de óbitos em proporção aos demais táxons, mostrando que mesmo sendo o táxon que o *Homo sapiens* está incluído não foi suficiente para que as crenças garantissem sua conservação.

Portanto, essa revisão se mostrou importante para fazer essa leitura de maneira global de como os fatores culturais têm atuado na conservação dos animais, ficando de sugestão para futuras pesquisas a possibilidade de incluir na fase do levantamento de dados a consulta a literatura cinza, através do banco de teses e dissertações de centros universitários, pois provavelmente o banco de dados pode ser expandido e assim conseguir ainda mais solidificar os dados encontrados neste estudo.